

Embaixadores estrangeiros, &c. occupavaõ a primeira, e segunda ordem. Eu me achei collocado immediatamente fronteiro á cadeira em que o Imperador se assentava; e como o theatro he mui pequeno, assas perto para examina-lo miudamente. Antes, e durante a representação fomos servidos com gelados, e bebidas frescas pelos creados imperiaes. A magnificencia dos vestidos que trajavaõ os Officiaes da Corte; e a profuzaõ de diamantes (naõ posso dizer de bellezas) que as senhoras apresentavaõ, offereciaõ ao mesmo tempo hum rico spectaculo aos olhos.

A Imperatriz Josephina, Jeronimo Bonaparte, e a Princeza Murat fizeraõ a sua appariçaõ perto das oito horas. Todos os expectadores se levantáraõ á entrada de cada hum dos Membros da Familia Imperial. Seguio-se logo depois o Imperador, que voltava da revista de hum corpo de tropas entaõ postadas na aldeia de Meudon. Elle entrou repentinamente acompanhado de tres Camaristas, Officiaes Generaes, que ficaraõ em pé atraz da sua cadeira, durante toda a representação. Elle tinha no camarote vizinho, á sua direita, a Princeza Murat, e Jeronimo Bonaparte. A Imperatriz estava n'hum camarote immediato do outro lado do theatro com as suas principaes damas de honra, sentadas ao seu lado, e dois officiaes de espera a tras de sua Cadeira. A entrada do Imperador foi o signal para se erguer o panno. Eu attendi mui pouco á representação, posto que excellente. O meu espirito estava todo absorvido na contemplaçã da personagem extraordinaria cuja vida tem sido hum complexo de taõ pasmozas aventuras, e de crimes taõ atrozes.

A primeira coiza que fez, foi examinar mui attentamente toda a assemblea com hum oculo que recebeo da maõ de hum dos Generaes que estavaõ por detraz: voltou-lho sem olhar para elle, e recebeo a sua caixa de outro, de cujo contento fez hum uzo taõ liberal, como o Grande Frederico poderia ter feito no mesmo espaço de tempo. Tornou a dar a caixa do mesmo modo que dera o oculo sobre o hombro, e sem voltar a cara. Elle se mostrou attento á primeira parte da representaçã, que era

hum pequena comedia de Picard; e de quando em quando *mutava* em sinal de approvaçãõ para a Princeza Murat, á medida que o actor, e author pareciaõ dezempenhar. Durante a segunda peça, que era hum opera seria, elle pareceo como absorto em seos pensamentos, e se retirou, finda ella, taõ rapidamente como entrãra.

A pessoa de Bonaparte tem sido muitas vezes descripta, para que eu entre em particularidades a este respeito. Elle estava gordo naquelle periodo, e está, agora, segundo me informaõ, ainda mais robusto. Nesta occaziaõ trazia hum uniforme simples, e com as insignias imperiaes, e a cruz da Legiaõ de Honra. Tinha o cabello cortado rente, e sem poz. Eu vi-o depois em varios lugares, e recebi sempre as mesmas impressoens do seu gesto: elle he significativo; mas de nenhuma sorte indica o verdadeiro character da sua alma. Seu olhar he grave, e sombrio, e nimamente penetrante, e não tem aquella fereza bravia, e aquelle fogo, que se espera.

Seos membros saõ proporcionados, e notavelmente fortes, e musculares. A sua actividade pessoal he infatigavel, e a sua coragem inquestionavel. Eu vi-o algumas vezes a cavallo quasi em pleno galope: não faz grande figura nesta poziçãõ; mas universalmente se admittẽ ser hum dos mais aventureosos assim como destros cavalleiros dos seos dominios.

Naõ ha homem segundo exactas informaçoens que tenho, que soffra mais a fadiga, e que busque mais affronta-la em todos os cazos. Quanto a dieta elle não he de modo algum abstinente; mas taobem de nenhuma sorte epicurista. Elle come vorazmente, e com grande celeridade do que se lhe poem diante; bebe profuzamente café a todas as horas do dia; e toma immensa quantidade de tabaco. Eu ouvi antes de chegar a Pariz que elle raras vezes apparecia em publico, e não sem multiplicadas precauçoens para a sua segurança individual; mas isto he certamente falso. Elle se mostra sem apparencia de receio e em situaçoens em que a sua vida podia de hum golpe ser assaltada por milhares de maons: qualquer expectador das representaçõens theatraes de que tenho

fallado, poderia assassina-lo sem difficuldade. Eu vi-o n'hum carruagem aberta no meio de huma multidão de cincoenta mil pessoas no parque de S. Cloud*.

* Este excellente viajante foi perfeitamente enganado a este respeito: ou se as informações, que obteve, eraõ naquelle tempo, exactas, hoje podemos assegurar, que tudo está mudado, como os nossos leitores conhecerão pela seguinte ordem do Ministro da Policia no dia em que a Cidade de Pariz (isto he, os Parazitas, e assaliariados do Governo) deo huma festa a Bonaparte por occasião do nascimento do moço Rey de Roma.

Ordem Secreta de S. Excellencia o Duque de Rovigo aos quatro Inspectores Geraes da Policia do Imperio.

“ Tendo o Imperador de ir assistir depois de á manha á festa que lhe dá a sua boa Cidade de Paris, vos sois encarregado, mais particularmente do que nunca da pessoa de Sua Magestade, durante a sua passagem pelas ruas, e em quanto se demorar nas salas do *Hotel de Ville*.

Logo que receberdes esta ordem, fazeis explorar todos os lugares por onde o acompanhamento deve passar. Certificar-vos-heis de que nas cazas que estão ao longo dos cães não ha movimento algum extraordinario, que não possaes explicar, nem idas, e vindas alem daquellas, que tem commumente lugar. Poreis, se vos for possível, em cada huma daquellas cazas, que tem balcoens, ou janellas no primeiro andar com buracos mui baixos, hum dos vossos agentes inspectores estacionarios, que examinará os gestos, perscrutará as vistas daquelles espectadores, que mostrarem mais empenho para ver o Imperador. Se os ditos agentes inspectores virem algumas pessoas suspeitas ou em torno de si, ou debaixo das janellas das cazas em que estiverem collocados, advertirão immediatamente os outros agentes espalhados por toda a passagem do Imperador, fazendo fluctuar hum lenço branco de cercadura preta, que he o signal de *perigo*. Não observando coiza alguma, contentar-se haõ com dezembrulhar de tempos em tempos o lenço branco, signal de *segurança*.

Logo que hum dos agentes ambulantes vir o signal de *perigo* correrá ao lugar donde aquelle signal partio; e depois de ter interpretado os signaes do agente estacionario, levantará seo chapeo ao ar, o que he signal de *socorro*. Devera exercer-se a mais exacta, e a mais activa vigilancia muito principalmente em torno da carroagem do Imperador: cada agente de *cortejo* posto de espaço em espaço por onde o Imperador hade passar, se reunirá aos outros á proporção que a carroagem for passando; e, não perdendo jamais de vista o objecto da sua continua attenção, deve animar com gesto, e voz os espectadores indifferentes, ou distrahdidos, e gritar com quanta força poder—*Viva o Imperador*. Se elle observar em alguns individuos obstinação em guardar silencio, deve immediatamente fazer o signal de exame dirigindo seo braço esquerdo para o individuo que se deve explorar, pondo seu chapeo sobre o peito, o que, para os agentes, será huma ordem de o cercar, e de o não perder de vista, sem que tenhaõ conhecido o estado, habitação, e opiniões da dita pessoa. Depois de ter passado o cortejo, os agentes estacionarios nas cazas, os agentes ambulantes obrigarão a fallar, quanto lhe for possível, as pessoas com que se acharem. Entrete-las-haõ sobre o bom aspecto do Imperador, bom ar de sua saude, esperança de que viverá longo tempo; fallarão das desgraças, que affligirão a França se o per-

desse, do futuro venturozo, e tranquillo que o nascimento do Rei de Roma promette aos Francezes, &c. &c. &c. Depois da cerimonia, e depois que seos serviços não forem ja necessarios, todos os agentes darão sua conta sobre tudo o que tiverem observado, tendo o cuidado de pôr em cada huma das relaçoens, que contiver algum esclarecimento de huma natureza assustadora, huma cruz alongada, que he o signal de descoberta.

Serviço interior no Hotel de Ville.

Os agentes de cortejo terão cuidado de cercar a carroagem a pequena distancia, quando S. M. se apear, e depois juntamente com os guardas, seguraraõ exactamente a rectaguarda do Imperador, quando elle passar da carruagem para a escada do Hotel de Ville. Os agentes inspectores do interior nunca perderaõ de vista a pessoa do Imperador desde que elle entrar nas salas; teraõ cuidado de pôr as Damas da Corte, as mulheres dos Militares, dos Maires, e dos Prefeitos em frente da linha, que o Imperador deve correr. Elles se conservaraõ sempre em pozição tal, que possaõ ser vistos pelo Imperador, quando elle vizitar os quartos; e quando nada observarem que deva assustar, teraõ o cuidado de pôr sua mao direita sobre o coração, o que he signal de affeição.

(Assignado)

Duque de Rovigo.

As Influencias da Sensibilidade; Poema. Em tres partes. 8vo. Mawman, Londres. 1810.

A sensibilidade he aquella propriedade inherente á nossa natureza, por meio da qual somos capazes de prazer moral, ou dor, segundo a diversa impressao dos objectos externos. Abaze da sensibilidade he a sensaçaõ.

A existencia da vida naõ envolve absolutamente a existencia da sensibilidade, e contudo a vida, privada deste ingrediente, perde tanto do seu character ordinario, que n'hum sentido mais vulgar, deixa de ser vida; e tudo aquillo que está morto para a impressao dos objectos externos, está morto, n'humã lingoagem ordinaria, para intençoens ou designios quaes-quer. Donde se collige, que tudo quanto he vivo, possui maior ou menor grao de sensibilidade, ou pelo menos de sensaçaõ, sua base.

Mas, como a sensibilidade he humã supraestrutura erguida sobre a sensaçaõ, ha igualmente humã infra-base de sensaçaõ. A sensaçaõ envolve humã aptitude para receber dor ou prazer das impressoens dos objectos externos; mas ha humã susceptibilidade organica para as impressoens de objectos externos, que naõ he acompanhada, como rasoavelmente supponmos, por sentimento algum de prazer, ou dor. A' qualidade, que nos descobrimos nos musculos dos animaes mortos, por meio da pilha Galvanica, e que se patentea naturalmente em certos vegetaes, se dá o nome de irritabilidade; e ha mesmo hum grao menor de susceptibilidade, pela qual designamos a qualidade dos corpos inorganicos, que cedem á pressaõ exterior, e que distinguimos pelo nome de *moleza*. Mas nem *moleza* nem irritabilidade requerem, para se preencherem seos fins, a coexistencia de espirito, ou de sensorio commum; entretanto que a sençaõ, para que seja de algum uso no corpo, em que ella se dá, carece de hum espirito; e a sensibilidade toma hum lugar ainda

mais elevado, e para não ser nugatorio, requer alguma couza mais. Na lingoagem dos poetas, pelo menos, requer hum coração.

Nos corpos inorganicos, ha *molleza*; nos vegetaes e musculos dos animaes mortos, *irritabilidade*, na mais baixa classe de animaes, *sensação*, nas mais altas classes, *sensibilidade*. As classes inferiores, segundo parece, tem sensação sem sensibilidade.—Quando o poeta nos ensina a ter compaixão pelas inferiores, elle insiste somente na semelhança de sensação.

O pobre escaravelho, que pizamos
Na *corporea affecção* soffre igualmente
Como o Gigante que na dor expira.

Subindo a escala, todavia, não andamos muito sem encontrar, mesmo nos brutos, as primeiras gradaçoens da sensibilidade. A sensação he puramente individual; a sensibilidade he *sympathica*. Nas classes (fallando zoologicamente) de insectos, peixes, e geralmente de reptis, nos vemos a sensação manifestar-se por si mesma; mas nas aves e em todas as classes de *mamaes*, ou sobre a terra, ou no oceano—em todos os animaes, cujas femeas lacteaõ ou criaõ seos filhos—he impossivel não admittir sensibilidade. Elles a mostraõ na creação, e cuidado que tem dos seos filhos; e entre muitos se observa ainda mais que isso. Todas as vezes pois que vir-mos animaes soffrendo em consequencia do soffrimento dos seos semelhantes—todas as vezes que vir-mos *sympathia*, devemos admittir sensibilidade. Ora, ha diversas especies de animaes, que *sympathisaõ*, não somente com seos semelhantes, mas com outros de specie differente, e até mesmo com o homem.

Não he o nosso objecto indagar os mais baixos graos dessa qualificação, que se chama sensibilidade, e quaes sejaõ as classes de seres animados ou inanimados, em que ella se acha separada ou conjunctivamente, mas subir desde a mera sensação até chegar a sensibilidade perfeita, não perdendo nunca de vista o principal objecto, a creatura humana, a fim de fixar-mos mais precisamente os graos da sensibilidade, comparando estes graos com os da sensação. A sensibilidade, como sensação, pode ser mais ou menos viva; isto he, mais ou menos perfeita.

Mas a sensibilidade he somente huma sensaçãõ mais sublime, e mais excellente. Ella se aproxima muito de hum character ethereo, so porque he capaz de ser excitada pelos mais brandos e subtis agentes. Ja dissemos, que na lingoagem dos poetas pelo menos, a sensibilidade, para a sua existencia, carece da existencia de hum coraçãõ; e isto não he mais poetica que physiologicamente verdadeiro. Se nos inquirimos a sede da sensaçãõ, nos a achamos nos nervos, e no cerebro; se a da sensibilidade, nos vasos sanguineos, e no coraçãõ: daqui o rubor do pejo, o suspiro, e o pranto; daqui a justeza da expressãõ de hum certo escriptor de sensibilidade, que fallando de *sensaçãõ*, disse, que o homem mais digno he aquelle, cujo sangue he refrigerado pela recitativa de huma boa acçãõ. Que admiravel, entretanto, he a connexãõ da sensibilidade com a sensaçãõ! A sensibilidade tem o seu assento no coraçãõ, e dali pervade os vasos sanguineos; mas como podem os objectos externos, como podem objectos puramente intellectuaes, puramente ideaes, e imaginarios, operar sobre a substancia do coraçãõ? Como? Senãõ contrahindo ou relaxando os nervos, aquelles nervos que contrahem ou dilataõ o coraçãõ!

Mas o immediato resultado da sensibilidade he huma aptidaõ para o prazer, e dor, prazer e dor, que procedem de outras cauzas mais que as que affectaõ a conservaçãõ da vida, ou que se referem somente a nós mesmos. A vida he completa sem sensibilidade, mas não sem sensaçãõ. O que nós derivamos da sensibilidade, he portanto, alguma couza addicionada á vida, ou he a mesma vida em huma mais extensa capacidade. Ella he huma augmentada capacidade ja para a dor, ja para o prazer.

Contudo existe ainda huma questãõ interessante, de que maneira huma extensa ou augmentada susceptibilidade de prazer ou dor, pode ser cauza de *sympathia*, que he a caracteristica essencial da sensibilidade. Não he a estensãõ ou augmento da nossa susceptibilidade, simplesmente considerada, que nos conduz a *sympathia*; porquanto a sensaçãõ, levada mesmo ao infinito, nunca tocaria aquelle ponto. Mas huma estructura particular na sede da sensibilidade,

desta nova, e acrescentada sensação, he justamente o que produz a *sympathia*. Os nervos, que são a séde do prazer e dor, tanto ideaes como verdadeiros, tendo o poder de contrahir ou dilatar o coração, e todos os vasos sanguineos, e produzir desse modo o actual prazer ou dor dentro dos nossos corpos, nos habilitaõ a *sentir as ideas* de prazer ou dor. Daqui a nossa percepção das penas ou alegrias alheas.

Mas a *sympathia* não he o unico resultado da sensibilidade; as outras affecções de espirito, que ella produz, podem talvez ser comprehendidas debaixo dos nomes de complacencia, e amor. Estas não se podem chamar *sympathias*; isto he, não são participações de sentimento do objecto, que agrada, ou se ama; mas sentimentos que começam e terminaõ em nos mesmos. Semelhantes, contudo a *sympathia*, são sensações produzidas por ideas, e procedem como ella, e como a sensibilidade em geral, da acção dos nervos sobre o systema do coração.

Nestas succintas observaçoens sobre a natureza da sensibilidade, nos temos sido introduzidos pelo poema, que temos diante de nós, em que o author declara abertamente o tractar das "influencias" daquella qualidade. O fim, ou a cauza final de sensibilidade he a ventura; mas as "influencias," em razão da nossa fraqueza, ou infirmitade, nem sempre produzem aquelle fim: que so produzissem prazer, não he de certo a mente do seu benigno distribuidor; por quanto nos somos pela dor avizados da presença do mal; e pelo prazer incitados ao bem, mas pelo prazer, e pela dor conduzidos á felecidade;—mas não he sempre a felecidade o resultado. Pelas Influencias da Sensibilidade, nos cahimos não poucas vezes em loucura; não poucas vezes nos maiores crimes. Estes dezastres são estrictamente incluídos no catalogo das 'Influencias,' mas taes influencias resultaõ somente do abuso da sensibilidade. A sensibilidade, portanto, tem precizaõ de governo, e o governo a que ella deve sugerir-se, he o da razão. Sem este, não pode obter-se o seu proprio fim, pois que a sensibilidade, por si, he hum sopro, que nos pode submergir nas ondas, mas a razão o leme, pelo qual podemos ser guiados ao porto. Donde se ve, que a Economia

da Sensibilidade he objecto assaz extenso para os talentos e saber do melhor poeta, em vantagem da philosophia, e da moral; objecto que pode ser enriquecido dos mais bellos ornamentos da poesia. O author do poema, que examinamos, contentou-se com huma vista mais limitada do objecto, distribuindo, em versos onde por toda a parte se descobrem os melhores, e mais amaveis sentimentos, o merecido elogio daquellas influencias, que são favoraveis á felicidade; isto he, ao prazer da virtude.

A obra começa por huma reflexão propria a inspirar a devida attenção ao valor da sensibilidade, suggerindo a sua influencia em promover hum estado de tranquillidade por todo o mundo. Esta influencia procede da capacidade que ella tem de tirar prazer de todas as fontes, em todas as condiçoens da existencia. He por isso, o fundamento da satisfação individual, e da paz publica. A sensibilidade he tambem o contra pezo da ambição. Todos os homens, segundo o nosso poeta, viverião n'huma perpetua lucta pela acquisição do poder, e riqueza, se pela influencia da sensibilidade, não fossem *todas as cousas* capazes de nos dar prazer, se todos os homens não estivessem, até certo ponto, satisfeitos.

Longe do applauso vão de hum vam gloria

Na bella cauza da virtude absorta

Se exalta a mente; quando a natureza

De seos thesouros lhe franquea os mimos,

Scenas lhe traça, habitação das muzas;

Ou das altas sciencias a carreira

Nobre lhe aponta, e resplendor das artes,

Quando intregue a rizonhas esperanças,

Que prazeres domesticos produzem,

Se engolpha o coração: qualquer destino

Prosequimos contentes, e á vontade

Do Ceo benigno em paz obedecemos.

Nos concordamos inteiramente com esta doutrina; e pensamos que ella vem illustrada n'huma passagem contida nas Memorias do Principe Eugenio, escriptas por elle mesmo, em que se lê o seguinte. "Hum rei moço e ambicioso, á frente daquella nação, dis o principe (fallando da França, e dirigindo-se ao Imperador Joze) conquitaria o mundo: felizmente,

quando Luiz XIV. era moço, recolhia-se rapidamente, para dançar o *aimable vainqueur* em Versalhes, e ouvir huma opera do seo amavel panagerista, Quinault. Isto posto, a sensibilidade Luiz XIV. pelo prazer da dança, pelo titulo de *amavel vencedor*; pela muzica, e cançoens de hum panagerista, foi o moderador da sua ambição, e a cauza de elle não conquistar toda a terra." Em apoio desta asserção podemos trazer o exemplo do actual tyrano da França, cuja insensibilidade conhecida explica bem o dezenfreamento da sua ambição e enormidade dos seus crimes. Por outro lado, a sensibilidade, que o author pinta sempre com agradaveis cores, e como elle a define, não deve confundir-se com aquella terrivel disposição, que parece nutrir-se do mal, e contentar se com elle, com aquella sede de ambição, a que he pouco o mundo; mas quando se queira assignar como origem desta a sensibilidade; he preciso recordar-mos o que o poeta ja mencionou, fallando de seu abuzo. Não nega o author que a sensibilidade, assim como as outras faculdades, seja susceptivel de alterar-se; e naquelle estado devem por força as suas funcçoens alterar-se igualmente. Concebendo pois dous estados diversos na sensibilidade, hum natural, como fonte de todo o bem, e outro *morboso* como origem de todo o mal; salvamos toda a contradição apparente, que se possa encontrar nesta doutrina; e poupamos mais amplos commentos sobre esta parte do poema.

No vista geral deste objecto, o poeta se propoem a mostrar as Influencias da Sensibilidade, quatenus comprehendem os deveres, e a felicidade do homem. Daqui procede a hum detalhe mais particular dos prazeres da sensibilidade. A Primeira Parte do poema contem o elogio da Sensibilidade, dirigido contra aquelles, que a excluem do plano da vida, hum protesto contra affectada ou mal dirigida sensibilidade; a invocação da sua pura flama: huma vista da sua devoção no character humano durante o periodo da infancia e dos seus progressos na marcha do homem para a maduzera; da sua influencia no amor da patria, na formação do character domestico, e no induzimento da *philanthropia* universal. A este detalhe segue-se huma illustração da influencia productiva

dos prazeres do espirito, como os da memoria, das sciencias, &c.

Na Segunda Parte, o poeta descreve as Influencias da Sensibilidade na produção da amizade, e do amor. No artigo amizade, elle coloca a ventura social, e a contrasta com o estado de solidão. Aqui sabiamente nos acautella contra as tentações de procurar a ultima, por motivos de afflicção ou desgosto.

‘ Existe acazo, victima da sorte
 Hum peito nobre que em segredo gema?
 Aquem negou madrastra a natureza
 Meios de erguer-se a splendido renome?
 Fuja da Solidão ; que insidiosa
 Esconde os males, que em silencio nutre.
 Da fortuna accuzando immensas vezes
 O plano parcial, murmura o homem,
 Porque não pondo termo ás paixoes suas
 Da mente apaga a luz ! mas se elle visse
 Do social comercio dimanando
 O balsamo que adoça acerbos males ;
 Mutuo louvor, dons mutuos attrahirem,
 E reciprocos bens d'elle brotarem.
 Se visse quantas faltas se evitavão
 Se conseguiaõ bens ao hum justo avizo ;
 No prazer d'amizade o da existencia
 Buscaria a final ; vendo seguro
 Que em seu doce regaço hum puro amigo
 Reconcilia toda a raça humana !’

A sua apostrophe ao Amor, he digna do assumpto, e do poeta.

‘ Ah ! que fôra da verde mocidade
 Sem esse emprego d'alma *ledo e cego!*
 Sem que de amor provasse o puro nectar !
 Que prospecto, sem elle, que esperanças
 A vasta creação lhe apresentara,
 Para o vazio encher das tardas horas?
 Que fogo animaria o peito ancioso
 Que desdenha o prazer colhido á furto,
 A seguir da virtude o nobre trilho,
 Senao de hum fausto amor a pura chama?
 Soltas as velas todas navegando
 Vai da vida o baixel, se da esperança
 A maré toca na distante praia
 Donde prospero sopra amigo vento
 E a mente grata acolhe o fausto agouro ;

O frete occulto em cada porto augmenta
E com seos bem contente segue o rumo.'

A Terceira Parte começa huma mais extensa desenvolvimento das agradaveis Influencias da Sensibilidade, que nos conduzem a gostar, e achar prazer nas bellas artes, na poesia, muzica, e pintura. Da mesma fonte, da mesma vivacidade de sentimento, o poeta diriya a final o ardor do patriotismo, e a firmeza das virtudes domesticas. Exemplos daquelle são felizmente illustrados pela referencia á patria dos defensores de Sarragoça; e esta occasião aproveitada em huma eloquente appellação para os sentimentos publicos dos Inglezes, os felizes habitantes desta ilha, cujas praias, com apropriado fervor, ella chama sagradas.

' Daqui vê diffundir-se ardente zelo
Armando patrioticos guerreiros
Do ferro vingador! D'alem vê prestes
Levantar-se indignada a Hespanha toda;
Resurgindo magnanima das sombras
De longa escravidão. Fluctua apenas
Seu potente estandarte; eis dezespera
Confunde-se o Tyrano, e seos escravos.
Ah! tam ligeiros de Britania corrao
As hostes filiaes, quando imminente
O prigo rebentar na costa sua!
E em seos feros trovoens mandando a morte
Das sacras praias a invasão repulsem?
Oh! Sensibilidade! a ti pertence
Tornar aquelle dia pavoroso
Em todo o coração supremo dia!
Sem ti, que fóra o nosso patrio solo,
Nosso rei, nossas leis, e a grande cauza
Da honra, e religião? Que serviriao
Os tumulos sagrados, onde jazem
Nossos maiores; a gentil cadea,
Que a perta a natureza em fidos peitos?
Todos esses annaes de gloria e fama?
E o edificio politico? Tu fazes
Que elle tendo o dominio por coroa
Por base a liberdade; sobranceiro
Aos estados submissos, firme possa.
Repellir aggressoens, rombar das iras
Do tyrano, e ser hoje o inexpugnavel
Antemural dos opprimidos povos.'

Acrescentaremos á estes extractos, e á conta geral

que demos deste poema, a crença em que estamos de que o poeta mostra sentir mais que ninguém aquellas influencias, que tanto exalta; e rompe cheio do mais vivo sentimento nas preces da sua invocação.

‘ Meu terno objecto com teu rizo anima,
E enche de teu espirito meos versos.’

Subscrição de huma Estampa alta, pollegadas 17, e larga 31, em que se representa no sitio de Arroios o lamentavel ingresso dos Povos, que abandonárao seus lares pela invasão do Inimigo Commum, e como alli são piedosamente acolhidos; a invenção he de Domingos Antonio de Sequeira, Primeiro Pintor da Camara e Corte de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, que no mesmo local copiou do Natural todos os objectos, e he gravada por Gregorio Francisco de Queiroz, e Conte, e os Contornos pelo mesmo Author.

QUASI tres mil figuras se descobrem neste Quadro interessante; elle offerece distinctamente, não só o fluxo, e refluxo dos Viajantes, que frequentão esta estrada, como tambem dos utensilios de guerra, que nesta época se removião para o Exercito; e sobre tudo indica energicamente o Carinho Patriotico com que são alimentados, e recebidos no seio de sua Mãe convulsa os filhos beneméritos, que antes quizerao arriscar-se a ser victimas da fome, que sujeltar-se ao jugo do Tyranno. Os vindoiros saberao apreciar esta Memoria; e se ella qualifica o character do verdadeiro Portuguez, generalizem-se os traslados de Original tão honroso, e não se furte ás Nações estranhas a lição proficua de acolher a humanidade afflicta.

Attendendo á grave despeza, que requer a rápida promptificação desta Estampa, os Senhores Subscritores assignarao por cada Exemplar 12,800 réis, ficando ao seu generoso arbitrio exhibir toda, ou metade da quantia no acto da Assignatura.

Os Senhores que quizerem subscrever, dirigir-se-hão á Loja de Ferragem de Joao Baptista Verde, na Rua do Arsenal da Marinha Num. 26.

Esta obra he tão recommendavel pelo seu objecto, e tão expressiva a sua exposiçãõ, que nos inspirou as seguintes linhas.

Jamais gravou no marmore, no bronze
 Tãõ nobres feitos o buril da Historia ;
 Jamais enriqueceo tãõ bello esmalte
 Os traços do pincel. Sequeira illustre,
 Do seio das paixoens mais relevantes
 De teu plano immortal surge a Grandeza.
 Por tuas maõs ornado, e teos labores
 Destro Queiroz, se exalta o lindo Quadro.
 Lysia, que o ser vos deo, reve-se absorta
 No vivido transumpto que a retrata
 Nesse instante melhor da sua gloria.
 Lysia esquecer naõ pode aquella scena
 De ternura, de horror, de angustia, e dita
 Quando ao seio convulso, e palpitante
 Entre os braços que abria carinhoza,
 Seos bandos filiaes colheo, vio salvos
 Das cruas garras dos sanguineos Monstros.
 Lysia esquecer naõ pode esse momento
 Em que á borda do abysmo a teve a sorte.
 Parece inda soar da horrenda tuba
 O pavorozo estrondo annunciando
 Chegar as impias turmas. Cuida ver-se
 Dos bellicos horrores o apparato
 Trazendo o insulto, o estrago, o incendio, a morte.
 Nem de sonhos crueis a phantazia
 Se pode inda livrar, tendo presentes
 Cidades fumegando, ermas campinas
 De sangue Patriotico estrumadas.
 Os roubos, a violencia, os desacatos
 Pelas nefarias hostes commettidos.
 Naõ pode acostumar-se o pensamento
 A' rigida impressãõ do fero insulto
 Deque foi triste victima a innocencia ;
 Objecto impune o feminil decoro.
 Brama, delira a mente ao ver dispersas
 Milhares de familias por montanhas
 Por desertos, á mingoa perecendo
 Ou entre as maõs dos barbaros cahindo.
 Reliquias do furor, da atrocidade
 Dos crueis monstros, as que naõ cahiraõ
 Na regaçõ de Lysia se acoitaraõ.
 Lysia berço de esplendidas virtudes,
 De brilhante heroismo campo fertil,

Lysia abriu seu regaço aos fugitivos.
De sympathica dor movida ao toque
Mal ouvira o clamor da afflicta chusma
Nas azas da piedade em seu soccorro
Prompta vou, e foi o auxilio prompto.
No Grupo da afflicção que ao desamparo
A' mingoa entregue, unira a desventura
Junto dos muros seos, Lysia derrama
Balsamo salutar, viciaes alentos.
Desfalecidas Mais, prostrados Velhos,
Descalças Virgens, palidas de fome,
Quasi mortas de medo, e de canção,
Tiverão junto della abrigo, e vida
Graças á veladora actividade
De hum Paternal Governo esclarecido !
Graças á fraternal beneficencia
De hum Povo a si fiel, e a seos Monarcas !
Que espectaculo grande, e magestoso,
Mostraste Lysia entao ! Que outro ha na terra
Dos Ceos mais digno, digno até do Eterno,
Que aquelle que apresenta hum Povo inteiro
Correndo a dar alivio a humanos males !
Eis a gloria maior, que os mortaes gozaõ.
Rematai Chefes da Arte a Grande Empreza,
No Quadro que traçaes contemple o mundo
De Lysia o grande exemplo ; e com taes cores
Seos esforços pintai, quebrando os ferros
Do despotismo atroz, salvando a oppressa
Mizera Humanidade, que os Tyrannos
Ao ver hum Quadro tal de horror se assonbrem ;
E á sua confuzão folgue a Virtude !

SCIENCIAS.

CHYMICA.

SOBRE A NATUREZA DO AMMONIACO.

As descobertas admiraveis que Davy acabava de fazer acerca dos Alkaes fixos bem depressa o induziraõ a fazer as mesmas tẽntativas sobre o alqualino volatil, e bem depressa o mundo philosophico teve os brilhantes rezultados da suas indagaçoens.

De todas as substancias, que os chymicos tem tractado, nenhuma tem merceido tanto a sua attençaõ como o amoniaco. A sua extrema volatilidade, a sua prompta absorsãõ pela agoa, e incapacidade de obter-se fixo, fizeraõ sempre difficultosas as experiencias sobre a sua constituicãõ. Priestley todavia, e sobre tudo Berthollet pareciaõ ter decedido de huma maneira satisfactoria a cerca da sua natureza; Davy porem mostrou que ella naõ era ainda perfeitamente conhecida.

Sem dezalentar-se ás difficultades, que apresentava hum objecto tam intrincado; e concebendo pela analogia, que o ammoniaco, assim como os alkaes fixos, podia conter alguma porçaõ de oxygenio, Davy tractou de verificar pelo facto as suas suspeitas; e naõ tardou muito em descobrir a existencia do oxygenio no alkali volatil. Muitas, e decizivas experiencias o convenceraõ desta verdade.

Carvaõ cuidadosamente queimado, e livre de humidade foi posto em ignicãõ pela batteria Voltaica da potencia de 250 de seis e quatro polegadas quadradas, em huma pequena quantidade de gaz ammoniacal purissimo: huma grande expansãõ de materia aeriforme teve lugar, e huma substancia

branca se formou, a qual colligida nas paredes do tubo de vidro, empregado no processo, e depois de examinada, se achou ser carbonato ammoniacal, fazendo effervescencia pela acção do acido muriatico diluido.

Hum processo de outra especie offereceo ainda resultados mais decizivos. Empregaraõ-se neste os dous gazometros da invenção de Mr. Pepys, com o mesmo apparelho, que elle, e Mr. Allen uzaraõ na combustaõ do diamante. Gaz ammoniacal mui puro se fez passar sobre hum fio de ferro posto em ignição n'hum tubo de platina; e dous tubos de vidro curvos se arranjarãõ de modo que foraõ inseridos n'hum mistura gelada. Por hum destes tubos o gaz entrava no de platina, e pelo outro passava do tubo de platina para hum recipiente destinado a sua recepção. A temperatura atmospherica era 55; mas observou-se que nenhuma quantidade sensivel de agoa se depositava no tubo de vidro esfriado, que transmittia o ammoniaco sem alteraçãõ, mas naquelle que o recebia, depois de passar pelo calor, a humidade era assas distincta, e o gaz apparecia no recipiente em nuvens espessas.

Esta circumstancia parece provar distinctamente a formaçãõ d'agoa neste processo, pela decomposiçãõ do ammoniaco; menos que senaõ diga, que os gazes hydrogenio, e azote dezenvolvidos contem menos agoa em soluçãõ, ou suspençãõ, que o ammoniaco decomposto; o que he contrario ás experiencias de Desormes, e Clement.

Depois que o gaz se fez passar varias vezes pelo tubo em ignição de hum para outro gazometro, os resultados se examinao. Vio-se o fio de ferro convertido em oxyde a superficie, e que ganhara em pezo $\frac{4}{100}$ partes de hum graõ; quasi $\frac{4}{100}$ de hum graõ de agoa se colligiraõ dos tubos de vidro esfriados, por meio de hum filtro de papel, e 33,8 polegadas cubicas de agoa se expandiraõ em 55,3 polegadas cubicas, e pela detonaçãõ com o oxygenio se achou, que o gaz hydrogenio estava para o azote, como 3,2 para 1 em volume.

Na decomposiçãõ do ammoniaco pela electricidade tinha Berthollet achado, que o hydrogenio, e nitro-

genio produzidos excediaõ em pezo sempre o ammoniaco decomposto, circumstancia esta, que a ser certa, destruia a idea da existencia do oxygenio neste gaz. Mas a falta de coincidencia nos seus resultados com os de Priestley e Van-Marum a este respeito, obrigou Davy a reiterar o processo da electrizaçaõ do ammoniaco; que naõ tardou em confirmar os seus resultados, achando que a quantidade dos productos relativa á quantidade apparente do gaz destruido, dependia de causas muito diversas.

Estes resultados filhos das experiencias que fez sobre o ammoniaco mais puro que pode obter-se, mostraraõ que os gazes desenvolvidos na sua decomposiçaõ, pezavaõ quasi $\frac{1}{17}$ menos que o ammoniaco empregado, e esta perda pode attribuir-se somente a existencia do oxygenio no alkale; de maneira que a quantidade deste gaz no ammoniaco naõ pode avaliar-se menos que 7 ou 8 partes em 100; e possivelmente existe em maior proporçaõ, porquantos os gazes produzidos podem conter mais agoa, que o gaz decomposto, o que augmenta por consequente o seu volume, e o seu pezo absoluto.

Oxygenio pois existente no ammoniaco, pode considerar-se como hum elemento em todos os verdadeiros alkalis; e assim o principio da acidez da nomenclatura Franceza, pode chamar-se tambem o principio da alkalescencia.

Sobre a acçaõ do potassium no ammoniaco.

Provada a existencia do oxygenio no ammoniaco, buscou Davy examinar, se esta substancia, a imitaçaõ dos alkalis fixos, couteria algum principio metalico. As experiencias de Berzehius, e Pontin tinhaõ ja mostrado que o ammoniaco se amalgamava com o mercurio; e as daquelle confirmaraõ naõ somente as suas assersoens, mas apresentaraõ novos objectos de consideraçaõ.

Nas primẽiras experiencias uzou Davy de retortas de vidro verde, mas para que se naõ presumisse que o oxygenio naquelle cazo, poderia proceder das oxydes metalicas do vidro, substituiu retortas

de crystal; em que introduzio potassium sobre pequenos vasos de platina, e ferro. Estas retortas, fornecidas com tornos, forão exaustas, e cheias de ammoniaco o mais puro que pode procurar-se; e procedeo-se a operação fora do contacto de mercurio, agoa, ou outra qualquer substancia.

O potassium, que se empregou, era obtido pelo methodo de Gay Lussac e Thenard, que he mui simples, e procurando mais quantidade de metal, em nada altera as suas qualidades.

Trazido pois o ammoniaco a contacto com duas vezes o seu pezo de potassium na temperatura ordinaria, o metal perde o seu lustre e se torna branco, ha huma ligeira diminuição no volume do gaz; mas não se produzem outros effeitos. A crusta branca examinada prova ser potassa; e o ammoniaco se acha conter huma pequena quantidade de oxygenio, igual ordinariamente em volume ao metal. Aquecido o potassium no gaz por meio da chama alcoolica applicada ao fundo da retorta, a cor da crusta passa de branco a hum brilhante azul, deste á hum azul escuro, depois a verde, e a final a hum verde garrafa. A crusta e o metal se fundem então, ha huma consideravel effervescencia, e a crusta passando para os lados, torna a deixar ver a brilhante superficie do potassium. Quando este ultimo se deixa esfriar neste estado, torna-se a cobrir da crusta branca. Aquecido segunda vez, incha consideravelmente, torna-se poroso, e apparece crystallizado, e de huma bella cor azul; na continuação deste processo occorrem os mesmos phenomenos; e he sempre a final convertido em huma substancia de huma verde garrafa.

Nesta operação, hum gaz, que diminue detonando com o oxygenio, e o ammoniaco dezaparecem, em quanto o hydrogenio se desenvolve. A proporção do ammoniaco que perde a sua forma elastica, varia segundo o gaz contem mais ou menos humidade.

Assim oito graos de potassium, durante a sua conversão em substancia de cor verde garrafa, no ammoniaco saturado de agoa a 63° graos de Fahrenheit, e do baixo de huma pressão igual a de 29.8 polegadas

de mercurio, fizeram dezaparecer douze polegadas cubicas, e meia de ammoniaco; mas a mesma quantidade de metal tractado do mesmo modo, excepto se o ammoniaco tinha sido privado de toda a humidade possivel, exposto dous dias a acção da potassa combusta, fez dezaparecer desaseis polegadas cubicas do alkali volatil.

Qualquer que seja a humidade do gaz, a quantidade do gaz inflamavel produzido, tem parecido sempre igual á quantidade do metal. Gay Lussac e Thenard pertendem que estas proporcoens não sejam exactas; contudo mui severas, e exactas experiencias o provarão ser.

A substancia produzida pela acção do ammoniaco sobre o potassium não tem sido precisamente examinada, e tem propriedades que merecem attenção.

1. Crystalliza-se, e apresenta facettas irregulares, extremamente escuras, semelhantes em cor, e lustre á protoxyde de ferro; he opaça, examinada em grandes massas, e semitransparente em tenues pelliculas, mostrando huma brilhante cor parda á transmissão da luz.

2. He fuzivel a hum calor pouco acima d'agoa fervente, e á hum grao pouco mais forte emite globulos gazosos.

3. Mostra ser consideravelmente mais pezada que a agoa, pois se afunda rapidamente no oleo de sassafraz.

4. Não he conductor de electricidade.

5. Fundida no gaz oxygenio, arde com grande vivacidade, emitindo brilhantes scintillas. Absorbe-se oxygenio, desenvolve-se nitrogenio, e forma-se potassa, que pela sua grande fuzibilidade parece conter agoa.

6. Trazida a contacto com agoa, obra com muita energia sobre ella, produz calor, e muitas vezes inflamação, e desenvolve ammoniaco. Lançada neste fluido, dezaparece com hum estrepito sibilante, e se move em globulos n'hum estado de ignição sobre a superficie d'agoa. Fas rapidamente effervescencia, e deliquesce ao ar, mas pode conservar-se debaixo da naphta, em que todavia amollece pouco a pouco, e parece dissolver-se parcialmente. Solta do fundo

d'agoa, dezaparece instantaneamente com effervescencia, e o gaz que se dezenvolve, mostra ser o hydrogenio.

[Continuar-se-á.]

ADVERTENCIA.

A quantidade de materias politicas que tem occorrido este mez, nos obriga a encurtar neste numero a parte, literatura, e sciencias, por não passar-mos dos limites que nos prescrevemos, assim como nos aconteceo em os numeros precedentes.

CORRESPONDENCIA.

Senhores Redactores do Investigador Portuguez em Inglaterra.

CERTOS em que Vm^{ces.} dezejaõ cordealmente o bem do estado a que pertencem, esperamos que no seu Jornal dem lugar ao artigo de huma carta, que ultimamente recebemos do Brazil, que he o seguinte:—

‘ Taobem confirmamos o que dissemos na dita nossa ultima em respeito ás remessas de fazendas para aqui; isto he, que nenhuma nos devem fazer, ate ver se as coizas mudaõ de figura no mercado deste paiz; pois ja estamos enfastiados de perder nellas, apezar de as reputarmos commumente por mais dinheiro, que o seu actual valor; sendo porem tal a desgraça, que assim mesmo experimentamos prejuizo, quando outros ganhaõ.

‘ Naoõ seraõ á Vm^{ces.} estranhas as razoens disto; mas talvez que ignorem que taes razoens tem crescido com o levantamento das avaliaçoens das fazendas na pauta desta Alfandega; pois se ate esta epoca era taõ commum o passar-se aqui fazendas por alto, agora com mais veras, visto que o maior interesse, que dahi rezulta ao contrabandista estimula mais a isso, e por esta razaoõ de mais em mais se achaoõ opprimidos os negociantes, que fogem de se expôr a hum semelhante trafico, no qual com effeito naoõ ha aqui limites; pois he taõ commum, e se faz tanto ás claras, que ja algumas vezes os seos frequentadores nem querem fazer a despeza de se ajustarem com os guardas a bordo do navio, e marinheiros, para conduzirem a fazenda para terra por fora da Alfandega; mas a fazem mesmo abordar a esta, para aqui se haverem com menos gente do que o fariaõ, se peitassem guardas, marinheiros, &c. facilitando isto a vir ja, como algumas vezes está vindo dessa a fazenda metida em grandes barricas em ar de louça, para assim se subtrahir aos direitos, naoõ sendo porem só este o meio de que alguns se valem para naoõ pagarem os direitos, ou para minorarem aquelles que deviaõ pagar, se-

gundo o justo valor, e qualidade das fazendas, quando não se aproveitassem dos meios da seducção.

‘ Ainda que as coizas indicaõ não tomar sedo melhor caminho a este respeito, attendendo a que as vistas de taes infractores são apoiadas por aquelles, que occupando empregos publicos (ate mesmo n’Alfandega) as deviaõ vedar; com tudo nos temos razoes para pensar de que tarde, ou cedo haverá alguma mudança a este fim; e entao notaremos as fazendas, que nos devem mandar. Apezar disto, como julgamos facil o obterem Vm^{ces.} d’Alfandega dessa o manifesto da carga de qualquer navio, nos lhe rogamos se sirvaõ mandar-nos os dos navios &c. despachados para aqui, visto que com elles poderemos talvez algum dia ter occasiaõ de argumentar, e convencer a alguns Snr^{es.} a quem oiço criminar somente os Inglezes, prevenindo porem a Vm^{ces.} para que se não contentem em mandar-nos a copia daquelles que os navios ahi costumão apresentar ao Consul Portuguez; pois estes sempre são simulados, não fazendo menção commumente senão de huma pequena parte das fazendas, que os navios conduzem. Sim devem Vm^{ces.} mandar-nos copias veridicas daquelles, que os corretores do navio costumão produzir na Alfandega dessa, sem cuja exacta producção elles não obtem os seus despachos.’

Occultamos os nomes dos navios, para que senão faça patente o Porto, nem a pessoa que tal carta nos escreveo.—Somos com devida attençaõ.—De Vm^{ces.}—Vn^{or.}, &c.

Nos julgamos interessante publicar o sobredito artigo para que chegue ao conhecimento de S. A. R. e dos seus Ministros, a fim de se pôr hum termo a fraudes, e abuzos tão prejudiciaes ao commercio, e ao estado. Não gastaremos tempo em fazer longas observaçoens sobre os perniciosos effeitos, que de semelhante trafico devem necessariamente rezultar: diremos somente que os unicos meios de obstar, e destruir o contrabando são 1. animar por todos os meios a industria Nacional, e aperfeiçoar as suas manufacturas a tal ponto, que ellas possam competir com as estrangeiras em qualidade, e preço. 2. Impôr direitos moderados sobre as manufacturas, e productos estrangeiros, e mais ainda sobre as manufacturas nacionaes. 3. Escolher com o maior escrupu-

lo, e imparcialidade os diversos empregados de qual-
quer condição, ordem, ou gradação que sejaõ. 4.
Castigar exemplarissimamente todo o funcçionario
publico que faltar aos seos deveres.

O primeiro meio he mui facil de dizer; mui difficil
porem de executar, principalmente nesta epoca des-
graçada, em que os Monarcas, e seos Ministros ape-
nas tem lugar de se defenderem do mais temivel
inimigo, que o mundo ha visto. Elle he obra da
sabedoria; mas he obra taõbem do tempo; e seria
em nós huma injustiça revoltante exigir que se fi-
zesse em tres annos o que só pode ser obra de hum
século.

Quanto ao segundo meio, he evidente, que se os
direitos impostos nas fazendas estrangeiras forem ex-
cessivos, elles convidaraõ necessariamente ao contra-
bando; porque entaõ os lucros que os contrabandistas
esperaõ de tirar as fazendas por alto, valem o risco
de se exporem a perdelas: mas este risco he nullo,
quando elles chegaõ a enteressar no seo trafico
aquelles mesmos aquem S. A. R. tem encarregado a
administração das suas Alfandegas, e o Governo de
seos Povos. Que torrente de males daqui não vem!
O estado deixa de perceber immensos direitos; o
fabricante Nacional esmorece, e arruina-se, como
aconteceo em Portugal, onde havia ja excellentes
fabricas de Chitas, e a muitos respeitoes não só iguaes,
mas superiores ás Inglezas: o contrabandista, terrivel
peste dos estados, prospera; o negociante honesto
he sacrificado, e o commercio se arruina, e perde!

A necessidade do terceiro meio he evidente: sem
escrupuloza escolha de vassallos habeis, e de recon-
hecida probidade para os diversos empregos, o estado
correrá a passos de gigante para a sua ruina. He mui
dolorozo para o homem de bem, que tem servido com
honra, e zelo o estado, e que tem sacrificado os seos
interesses pelo serviço do seu Principe, ver-se desat-
tendido em seos justos requerimentos, preterido, e
supplantado por homens sem luzes, sem honra, e sem
probidade; e muitas vezes perseguido, e arruinado
por elles, para que, lhe não possa fazer sombra; e
desgraçadamente assim acontece não poucas vezes,
apezar da innata Justiça do Soberano, e da vigilancia

dos seus Ministros em se não deixarem enganar, e surprehender.

A necessidade do quarto meio he igualmente manifesta; e ousamos dizer, que huma Clemencia mal entendida para com homens, que tem perdido todos os sentimentos de honra, e que nada lhe importa o bem do estado, importando-lhe tudo o seu vil interesse, he tão prejudicial, he tão funesta, como a perseguição, e castigo do innocente.

Depois de termos transcrito o artigo da sobredita carta, recebemos huma collecção das cartas familiares, e Avizos do celebre *Alexandre de Gusmao*, que iremos publicando em nosso Jornal, porque são mui interessantes. Entre os Avizos achamos hum expedido ao Conde Unhão Governador do Algarve, que vem a proposito do que acabamos de dizer; e que mostra que he costume mui inveterado em Portugal, não cumprir as Leis, e ordens do Soberano; e daqui em grande parte os males que soffremos.

Avizo expedido ao Conde Unhão Governador do Algarve.

“ Nesta Cidade se achão prezos Antonio Fernandes Pereira, e Luis Joze da Roza á ordem do corregedor do Bairro de S. Paulo, pelo *Contrabando*, que lhes foi achado no Hyate por invocação St. Antonio, vindo dessa Cidade, que he destes Negociantes aquem pertence a sua carga.

“ Nas perguntas, que lhe fez o Corregedor, confessou Antonio Fernandes, que hum caixotinho de relolios Inglezes pertencia a Joao de Azevedo criado particular de V. Ex^{ca.}; e prováráo a sua confissão algumas cartas do mesmo Azevedo, com duas ordens, como Portarias, assignadas por V. Ex^{ca.}, e passadas pelo Secretario do Governo.

“ Este *vergonhoso* facto pedia *exemplarissimo castigo*, se delle se tomasse conhecimento, ou fosse com effeito sentenciado, como as Leis mandaõ, poisque em todas as suas circumstancias resabe inteiramente ao *despotismo*, que praticaráo os Snr^{es}. acastelados, e os Regulos, que viverão nos seculos da ignorancia, e da barbaridade, com escandalo, e horror da humanidade, com injuria do poder dos Reys, e o que he mais, sem temor de Deos.

“ Sua Magestade porem como Magnanimo, e Pio, e pelo conhecimento de que V. Ex^{ca}. ignora as obrigaçoens de vassallos, e as regras de officio de bom Governador, usando da sua Piedade he servido ordenar que V. Ex^{ca}. se abstenha de passar semelhantes ordens, nao favorecendo, nem ainda permitindo, ou telerando, que haja, nem passem contrabandos nos Portos desse Reino, debaixo da pena imposta aos que commettem semelhantes crimes, e de V. Ex^{ca}. cahir no seu desagrado. Por agora se satisfaz Sua Magestade em mandar que V. Ex^{ca}. cumpra as Ordenaçoens do Reino juntamente com as Leis extravagantes, e faça ler cada dia ao seu Secretario quinze, ou vinte paragrafos, (a que V. Ex^{ca}. assistirá) por tempo de seis mezes, cuja punctual execucao confia Sua Magestade da honra de V. Ex^{ca}. esperando que lhe evite o dar outras providencias alheias da sua vontade, e que podem ser injuriosas a V. Ex^{ca}. a quem Sua Magestade estima muito.—Deos Guarde a V. Ex^{ca}. no Paço a 21 de Maio, de 1741.—Alexandre de Gosmao.

Outro Avizo sobre semelhante assumpto expedido ao *Dezembargador Pedro Mariz Sarmento*.

“ Sendo presente a S. Magestade os diversos, e continuos contrabandos que se fazem em Lisboa, apezar das providencias, e justicas com que o mesmo Senhor tem pertendido obvia-los a beneficio do Commercio, e dos direitos da Sua Coroa, accresce agora a esta desordem, que essa Alfandega os consinta, e expeça por muitos dos seus Officiaes com injuria, e escandalo das Leis, e ordens do Governo: e quando procurava dar remedio a estes prejuizos, foi plenamente informado de que tao bem V. S^a. os tolerava, o que desgostou muito a S. Magestade.

“ Isto supposto, manda-me S. Magestade advertir a V. S^a. que para lembrar-se, e cumprir a sua obrigaçao, tenha V. S^a. mesmo compaixao de seus filhos; pondere os seus annos; considere no emprego que se lhe confiou, e nao dê mais hum passo pelos caminhos errantes, que ate agora seguiu, reflectindo para sua confuzao, que mereceo á Piedade do Rey este Avizo.—Deos Guarde a V. S^a. Paço a 3 de Maio, de 1746—Alexandre de Gosmao.

Outro Avizo expedido ao Governador da Cidade do Porto sobre a violencia que a Chanceller daquella Relação fizera a hum Vassallo Portuguez, e em que o mesmo Governador o auxiliou.

“ Sendo presente a Sua Magestade que o Dezembargador Chanceller dessa Relação fizera prender a Manoel Joze Viegas por huma supposta culpa, como taobem que o teve na prizaõ, perto de seis mezes; e que tendo-se mostrado livre lhe mandou V. Ex^{ca}. abrir assento á sua ordem, para o conservar na prizaõ em obsequio do mesmo Chanceller: He Sua Magestade servido, que V. Ex^{ca}. o mande logo soltar, e que fique advertido que nenhum homem dos districtos dessa Relação, e Governo precisa para ser desgraçado, que contra elle se conjurem o Chanceller, e Governador; poisque era muito bastante a maldade de hum só para lhe fazer muito damno, se huns, e outros não tivessem Rey.—Deos guarde a V. Ex^{ca}. como dezejo. Lisboa no Paço a 17 de Março, de 1742.—Alexandre de Gosmaõ.

Nada he taõ natural como abuzar o homem do poder que se lhe confia, principalmente quando vê que o criminozo muitas vezes fica impunido, e que a innocencia mais de huma vez he impunemente perseguida, ultrajada, e opprimida. Fieis ao que promettemos em nosso Prospecto não personalizaremos; mas nao podemos deixar de dizer que no respeitavel Corpo da Magistratura, tem havido, e ha desgraçadamente ainda homens, cuja Lei he a sua vontade, o seu capricho, e as suas paixoens. Nós testemunhamos pelas Provincias, injustiças, violencias, e extorsoens taes, que nos parecia que ou não havia Soberano, ou não existiaõ Leis!

Eis aqui porque os Vassallos das outras Naçoens estabelecidos em Portugal, com manifesto desdoiro, com manifesta deshonra nossa, tem ali hum Juiz Conservador; Juis que só ali existe; Juis absolutamente escuzado, onde as Leis estaõ em pleno vigor.

Nada diremos dos Governadores das Provincias, e das Praças. A propensaõ natural que todo o homem tem para o despotismo requinta, geralmente fallando nos Militares; demais o não estar claramente deter-

minada a sua authoridade ; e o pouco receio que tinhaõ de serem punidos, explica facilmente as violencias, que alguns delles tem feito.

Naõ confundamos porem o Corpo da Magistratura, e Militar com individuos. Felismente n'hum, e n'outro ha muitos homens respeitaveis pelas suas luzes, pela sua integridade, e zelo pelo Bem Publico : felismente os Povos no meio da oppressão, e violencias conhecem que os seus males naõ vem do Soberano : muitas vezes lhes ouvimos dizer—*o Nosso Principe naõ sabe as injustiças, que nos fazem : se elle o soubesse !* Os Povos tinhaõ razãõ. Raras vezes os gritos da innocencia opprimida chegaõ ao Throno ; porque, frequentemente ha hum Chanceller, e hum Governador que daõ as maõs para opprimir os desvalidos, os innocentes, e para suffocar seus gritos : mas os gritos que chegaõ ao Throno saõ benignamente ouvidos ; saõ acolhidos com vivo interesse ; e o melhor, o mais virtuozo dos Principes, que hoje occupaõ os Thronos do mundo, jamais deixou de enxugas as lagrimas da innocencia ; jamais deixou de reparar a honra injustamente manchada.

POLITICA.

AMERICA.

Rio de Janeiro.

EM 16 de Março de 1811 se publicou hum Alvara Creando o Lugar de Juiz de Fora do Cível, Crime, e Orfaons de Bissaõ, Cacheo, e suas dependencias.

Em 27 do dito meç sahio outro Alvará Ordenando, que o despacho do levantamento dos Despozitos feitos no Banco Nacional, se faça por Precatorios para a Junta do mesmo Banco.

Em 26 de Abril proximo se publicou hum Decreto concedendo a izençaõ da Decima aos que edificarem na Cidade Nova.

Relaçãõ dos pessoas que tem contribuido para o Donativo voluntario a favor do resgate dos Portuguezes em Argel, continuada de paginas 303 do No. II. deste Jornal.

	Reis.
O Ex ^{mo} . Visconde de Villa Nova da Rainha	200,000
O Dezembargador Joze da Silva Lisboa	24,000
João Rodrigues Carrilho	200,000
Manoel Joze Figueiras	12,000
Os Conegos da Capella Real (que deraõ, e pediraõ)	1,551,385

Antonio Alves	4,000
Antonio Luis Ferreira de Menezes	20,000
Antonio de Menezes Vasconcellos e Drumond	12,000
Antonio Marques Pereira	12,800
Amaro Velho da Silva, Sobrinho	64,000
Manoel Guedes Pinto	64,000
Antonio Joze da Costa Ferreira	100,000
Da Bulla da S ^{ta} . Cruzada	2,400,000
O Ex ^{mo} . Conde Porteiro Mor	100,000
A Repartição do Real Erario	361,600
As Religiozas de S ^{ta} . Thereza	25,640
Jacinto Joze da Silva	6,400
Joaõ Baptista Vilella	6,400
Ignacio Jozo Martins	100,000
Joaquim Ribeiro de Almeida	200,000

[Continuar-se-ha.]

Lista dos Officiaes do Regimento de Cavallaria Miliciana do Districto de S. Joaõ Marcos, que offerecerão diversas quantias para o resgate dos Portuguezes captivos em Argel. Continuada de paginas 304 do No. II. deste Jornal.

Transporte	306,280
Oitava Companhia.	
Capitao—Joze de Souza Breves	5,000
Tenente—Joaõ Carreiro da Silva	1,350
Forriel—Joaõ Marianno	640
Cabos, e Soldados	28,040
	<hr/>
	35,030

Nona Companhia.

Capitão—Joaõ Pernes Lisboa	4,000
Tenente—Manoel Thomas da Silva	10,400
Alferes—Francisco Thomas da Silva	4,000
Cabos, e Soldados	11,310
	<hr/>
	29,710

Decima Companhia.

Tenente Commandante—Francisco Joze dos Santos	4,000
Alferes—Possidonio Carneiro	4,000
Forriell—Victoriano Figueira	3,000
Cabos, e Soldados	16,650
	<hr/>
	27,650

Undecima Companhia.

Capitão—Francisco Pires Teixeira	25,600
Tenente—Antonio Esteves de Aguiar	12,800
Alferes—Joaquim Francisco Ribeiro	6,400
Forriell—Joaõ Correa de Avila	2,000
Cabos, e Soldados	12,800
	<hr/>
	59,600

Duodecima Companhia.

Alferes—Joze Ribeiro de Carvalho	20,000
Tenente—Joze Alves da Silva	12,800
Forriell—Joaquim Joze Bitancurt	3,200
Cabos, e Soldados	22,180
	<hr/>
	58,180

Decima terceira Companhia.

Tenente—Antonio Pinto	1,920
Forriell—Joze Ferreira Gonçalves	5,000
Cabos, e Soldados	5,660
	<hr/>
	12,580
	<hr/>

Decima quarta Companhia.

Tenente Commandante—Mathias Francisco Romaz	4,000
Alferes—Felippe Ferreira da Silva	640
Forriell—João Alves Limos	320
Cabos, e Soldados	5,480
	<hr/>
	10,440
	<hr/>
Tenente Aggregado—Joze Luis Gomes	12,800
Joze Thomas da Silva, (Capitão de hum dos cortinas de Santa Cruz.)	12,800
Capitão das Ordenanças, Joze Soares Lou- zada	10,000
Alferes das ditas—Joaquina de Araujo	2,000
Sargento das ditas—João Ferreira de Souza	32,000
Soldado das ditas—Joze Caetano	12,000
Tenente Coronel aggregado—Joze Alves de Moraes	32,500
	<hr/>
	114,100
	<hr/>
Total	653,570

Contribuição voluntaria que offerecerão os moradores do Districto de Tapacorá para o resgate dos Captivos em Argel.

REGIMENTO

1 ^a Companhia e Estado Maior	74,240
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	12,880
Povo	35,520
	<hr/>
	122,640
	<hr/>

2 ^a Companhia—Officiaes	9,400
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	17,800
Povo	18,040
	<hr/>
	45,240
3 ^a Companhia—Officiaes	14,800
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	25,240
Povo	62,540
	<hr/>
	102,580
4 ^a Companhia—Officiaes	18,400
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	28,000
Povo	17,080
	<hr/>
	63,480
5 ^a Companhia—Officiaes	6,560
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	22,760
Clerigos	24,480
Povo	89,840
	<hr/>
	143,640
6 ^a Companhia—Officiaes	9,400
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	15,440
Povo	166,640
	<hr/>
	191,480
7 ^a Companhia—Officiaes	8,960
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	22,160
Povo	55,100
	<hr/>
	86,220
8 ^a Companhia—Officiaes	4,640
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	19,360
Povo	75,410
	<hr/>
	99,410

Granadeiros—Officiaes	18,000
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	17,800
Clerigos	3,280
Paizanos	108,400
	<hr/>
	147,480
	<hr/>
Caçadores Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	6,720
Povo	11,520
	<hr/>
	18,240
	<hr/>
Ditos de Henriques—Officiaes	1,280
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	17,025
	<hr/>
	18,305
	<hr/>
	Total 1,038,715

Há mais tempo que nos dezejavamos dar alguma noticia da judicioza, e utilissima rezolução, que tomou o Governo de Sua Alteza Real no Brazil, de mandar ir huma colonia de Mineiros Suecos mui intelligentes para lavrar as minas, mui principalmente as de ferro na Capitania de S. Paulo. Nos esperamos ter para o futuro muitos detalbes a communicar ao Publico dos felizes rezultados, que se devem esperar desta rezolução deciziva para a Monarquia Portugueza, que achando-se possuidora, ha seculos, de abundantes minas de ferro em diversas partes de seos vastos dominios, podemos dizer, sem receio de ser contradictos, *que ella quasi não uzava de hum só instrumento de ferro proprio.*

Todo o mundo sabe quam pouco valiaõ a Mina de Figueiró dos Vinhos, e alguma outra, que houvesse no Reino de Portugal; todo o mundo sabe quanto foi o descuido com que se tratou a primeira, deix-

ando consumir todas as matas em torno della, de maneira tal, que suscitada a idea da fabrica de ferro no Reino de Angola, se mandáraõ, como inuteis, os Mestres de Figueiró dos Vinhos para a fabrica da Nova Oeiras.

A chegada de Mr. Hedberg ao Rio de Janeiro com a sua Colonia Sueca, de que elle he Director, e principal encarregado, fará época na historia daquelle vasto imperio. A 14 de Dezembro proximo passado em que Mr. Hedberg partio para S. Paulo, escrevia elle a hum seu amigo em Suecia,—“ que
“ por effeito das descobertas de mineralogistas intel-
“ ligentes sabia, que as minas de Sorocaba, para
“ onde partia se achavaõ extendidas pelo espaço de
“ 60 milhas Inglezas, e continhaõ *Strata* (camadas,
“ veias) de oiro, e ferro, e do primeiro metal dava
“ a fuzaõ, que se tinha feito por experiencia, de
“ 70 a 80 por cento; e que n’humta extensao do-
“ brada do espaço occupado pelas minas, e contiguas
“ a ellas havia matas de arvoredos impenetravel.
“ Junto da Mina, accrescenta elle, sei que ha dois
“ rios caudolozos, que ali tem cachoeiras de 40
“ pez de alto; mas que para cima saõ navegaveis de
“ humta parte ate o Rio da Prata, e do outro ate
“ Mato Grosso*.”

Mr. Hedberg propoz ao Governo de Sua Alteza Real, e este approvou immediatamente, o plano de fazer abrir entre estes dois pontos a primeira estrada Real, que ali jamais houve, e que ja esta principia-da. O seu cumprimento designado he de 80 milhas Inglezas. Mr. Hedberg depois de conhecer os recursos do paiz, e abundancia de tudo quanto he necessario para o trabalho das minas, não hezita depois a prognosticar o mais completo, e felis resultado desta empreza, que reflectirá toda em gloria de hum Principe esclarecido, e verdadeiro Pai de seos Povos, que tantas provas lhe tem dado de amor, fidelidade, e afferro.

* Supponos ser o Uruguai, e o Tieté; aquelle atravessa para o sul pelos Sertoens de Tibaji, e se vai meter no Paraguai, ou Rio da Prata, acima da colonia do Sacramento na altura de 34 grãos ao sul da linha. O Tieté, nasce da serra do mar junto á cidade de S. Paulo; corre para o Sud-Oeste, e vai desaguar no grande Paraná.

Para segurança da nova colonia de Mineiros, onde se receava algum ataque da parte dos Indios, mandou SUA ALTEZA REAL acampar nas vizinhanças hum batalhão de Infantaria, outro de Artilharia, e hum esquadrão de dragoens.

Ainda que nos entramos no empenho de indagar, e dar ao publico para o futuro todas as noticias dos progressos desta importante operação do Governo, nos não podemos occultar o prazer, que temos de fazer algumas reflexoens, que talvez os nossos leitores não acharão indifferentes.

O enviado de SUA ALTEZA REAL que estava em Suecia, D. Joaquim Lobo da Silveira, aquem a escolha dos homens, e a sua passagem de Suecia ate Inglaterra foi incumbida pelo mesmo Senhor, não somente dezempenhou esta commissão com todo o zêlo, e intelligencia, sem desgostar o Governo de Suecia; mas com tal felicidade, e tanta actividade, que se acaso tivesse retardo hum só momento o embarque destes homens em Stokolmo, a mudança que sobreveio na politica daquelle Reino, que apenas os achou embarcados, os teria impedido de partirem para o Brazil. Os fundos necessarios para toda esta despeza foraõ dados pela Administracão Real em Londres.

O navio que os trouxe não podia passar de Inglaterra: o Capitaõ Sueco tratou-os pessimamente, e procurou com discursos dissuadi-los da viagem. Soube-se isto, e desembarcados em Londres, foi tal o acolhimento, e agazalho com que foraõ recebidos, e tratados, que se lhes desvaneceraõ totalmente as maliciozas insinuaçoens com que o capitaõ os queria aliciar persuadindo-lhes, que hiaõ servir de escravos nas minas do Brazil. O Director Hedberg, e os mais foraõ providos de todos os instrumentos, e modelos, que requereraõ, e necessitavaõ, e taobem recommendados ao capitaõ, e donos do Navio em que foraõ, que chegaraõ contentissimos ao Rio de Janeiro, vendõ exactissimamente desempenhadas as promessas, que em nome de SUA ALTEZA REAL lhe tinha feito o seu Enviado em Stokolmo.

Em toda esta operação observamos com huma rara satisfacão a mais cordeal cooperaçãõ para o bem Pub-

lico entre todos os Agentes de SUA ALTEZA REAL, que tiveraõ parte nella; phenomeno naõ mui commum em Portugal; principalmente quando reflectimos, que o Embaixador de SUA ALTEZA REAL em Londres, e o Enviado em Suecia, naõ saõ, nem parentes nem conhecidos hum do outro. Tal he a nossa primeira reflexaõ, sobre que insistimos, e bem depressa se conhecerá qual he o resultado da uniaõ.

Consta-nos que a despeza em todos os ajustes feitos com o Director Hedberg, e vinte e quatro pessoas de que se compoem aquella colonia, ordenados adiantados, frete de navio carissimo em razãõ das circumstancias de Stokolmo para Londres, despesas da sua passagem para o Brazil, &c. &c. consta-nos, dizemos nos, que naõ excedeo, nem mesmo chegou a cinco mil libras esterlinas! Quer dizer que a passagem, dentro em poucos annos, do estado de huma vergonhoza e funesta dependencia, n'hum artigo taõ essencial, taõ indispensavel, qual he o ferro, para o estado de absoluta abundancia d'elle, com todas as consequencias do facto, custou á Monarquia Portugueza de quarenta, a quarenta, e cinco mil cruzados!!! Quantas economias mal entendidas, ou para melhor dizer, falta de avanços taõ insignificantes, como este, naõ tem tolhido ate agora a prosperidade a que Monarquia Portugueza estava destinada pela natureza!!! Eis aqui a nossa segunda reflexaõ.

Em quanto o Governo Portuguez observar com igual escrupulo os ajustes que fizer, he de esperar, que naõ faltem colonos, e artifices de todo o genero, que dezejem ir estabelecer-se no Brazil, e associar-se aos gloriozos destinos deste Imperio nascente. Tal he a nossa terceira reflexaõ.

Nos concluiremos por agora este objecto transcrevendo as judiciozas, e interessantissimas reflexoens do Ex.^{mo}. D. Joze Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho actual Bispo de Elvas, sobre a utilidade, e necessidade da extracção de ferro.

‘ Hum quintal de ferro, diz este Sabio, e Patriotico Bispo, que neste Reino (Portugal) custa pouco mais ou menos 3,800 Rs, nas Minas Geraes custa 19,200 pouco mais, ou

menos; e nas capitánias de Goias, Cuiabá, e Mato Grosso, custa 28,800 reis, e mais; poisque alem do seu preço, e dos transportes, principalmente em bestas, desde os portos do mar ate o interior das Minas, são desproporcionados os direitos, que carregão sobre este genero tão necessario, e da primeira necessidade para a extracção do oiro.

Os sujeitos, que naquelle tempo estabelecerão os direitos, pouco instruidos dos interesses do Rey, e dos Povos, e das correlações respectivas dos ramos de finanças, puzerão os direitos naquellas minas por arrobas, equilibrando os generos da primeira necessidade com os de mero luxo; de modo que tanto se paga de direitos por huma arroba de seda, como por huma arroba de ferro. Este mal seria menor, se o ferro fosse fabricado em Portugal*; poisque ainda que o mineiro do oiro não fizesse conveniencia, faria o mineiro do ferro: mas como este genero vem da Suecia, e da Biscaia, o *Mineiro Portuguez não faz mais do que trabalhar para o Sueco, e para o Biscainho.*

Alguns arbitristas, que ou por terem a vista mui curta, ou por malicia, querendo apezar dos factos mais notorios, fazer persuadir, que naquellas minas ainda ha muito oiro; e que só por falta de braços he que senão tira, dizem que o meio de fazer, que naquellas minas se tire huma maior quantidade de oiro, he augmentar o numero dos tiradores delle; porem que sendo, como são os negros naquellas minas muito caros, não só pelo custo principal, alem dos riscos, e das despezas dos transportes, mas taobem pelos muitos direitos, que delles se pagão; ouz em elles, que seria necessario rebaixar-lhes os direitos, para que ficassem mais baratos, e por consequencia mais facil ao mineiro meter hum maior numero de braços na sua lavra.

Não he necessario ser hum grande calculista para saber que augmentando se hum maior numero de braços, se tiraria huma maior quantidade de oiro (não fallo com tudo dos cazos extraordinarios); mas em quanto se não rebaixarem os direitos que ali se pagão do ferro; ou em quanto se não derem quaesquer outras providencias para que o ferro naquellas minas seja o mais barato possivel; de pouco, ou nada servirá, que se rebaixem os direitos dos escravos, e que elles ali sejam mais baratos; poisque se por huma parte se augmenta o numero dos tiradores do oiro; pela outra se augmenta o numero dos gastadores do ferro.

Os quintos do oiro sim augmentariaõ por algum tempo; mas elles acabariaõ logo totalmente pela rapida ruina, e destruição do mineiro, por isso que esse maior augmento do oiro só

* Em Sorocaba na Capitania de S. Paulo ha minas de ferro muito ricas, e nas Minas Geraes, Angola, &c. &c.

seria para o ferro, e por consequencia para o estrangeiro, e para os quintos, e direitos, e não para o mineiro, para o qual só ficaria a fome, a perda, e a miseria.

‘ Não he a carestia dos escravos, a que mais carrega sobre a mão de obra, e a que faz as maiores despezas do mineiro; he sim a carestia do ferro; porque se gasta, e se consome todos os dias, e todos os instantes pelo continuo trabalho de rasgar as terras para a extracção do oiro: estes gastos taõ continuados pelo decurso do anno fazem no fim huma somma muito avultada sobre as perdas do mineiro: os direitos de cada escravo, ainda que pareçaõ grandes, são com tudo pequenos á vista dos direitos do ferro; por serem estes continuados, e pagos como por todos os dias, e aquelles como de huma vez, e de annos a annos, quando se compra hum escravo: logo seria mellhor para o mineiro que ficassem em seu vigor os direitos, que se pagão por cada escravo, e que se extinguissem os que se pagão pelo ferro.

‘ Isto seria taobem util, e ainda mesmo hum ganho, para o Erario Regio; porque sendo, como he taõ caro o ferro nas minas, e o oiro taõ pouco, que os mineiros pela maior parte ja não podem extrahir sem perder muito, como bastantemente fica mostrado; virão os escravos a ser superfluos ao mineiro para a extracção do oiro; e se os mineiros não comprarem escravos, não perceberá o Erario Regio direitos alguns delles, e por consequencia, nem os quintos do oiro, que elles poderião tirar: logo para que o Erario Regio perceba os direitos dos escravos, e dos quintos do oiro, he necessario, que perca, e faça extinguir os direitos do ferro, &c.’

Discurso sobre o estado actual das Minas do Brazil, 1804.

BAHIA.

PLANO

Para o estabelecimento de huma Bibliotheca pública na Cidade de S. Salvador Bahia de todos os Santos, offerecido á Approvação do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos, Governador, e Capitão General desta Capitania.

As Benéficas Intenções de SUA ALTEZA REAL para com todos os Vassallos deste novo Imperio, para sua felicidade, augmento, e esplendor manifestas nas Leis, e Providencias, tão saudaveis, como liberaes, de que diariamente somos o objecto, e testemunhas, acabaõ de patentear-se-nos na especial Mercê de conceder a esta Capitania pela Carta Regia de 5 de Fevereiro annuindo á Paternal representação, e súplica do nosso Actual Governador e Capitão General, o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos, o uso da Typographia, e authorizando-o para a escolha, e nomeação de pessoas de probidade, e literatura, para Censores dos Escriptos, que se derem ao Prelo.

Conhece o nosso Augusto Soberano que o maior bem que pôde fazer aos seus Vassallos, aquelle que nunca se tem recebido senão das Maõs Benéficas dos Principes Justos, e Virtuosos he facilitar-lhes, e promover todos os meios da pública, e particular instrucção: he só talvez á ignorancia dos Póvos que se devem imputar as desgraças que os opprimem, he obsecando-os, que os crimes se arraigão, e que os Tyrannos se enthronizaõ: he por meio das luzes, e da verdade, que a Virtude se firma, e que os Direitos dos Principes adquirem

por bases a Benção do Ceo, o amor dos Póvos, e o respeito da Posteridade. E que meio mais efficaz para a diffusão das luzes, que a immortal invenção da Imprensa cujo uso acaba de ser-nos concedido? Com tudo, para que elle nos seja util no actual estado deste Paiz, são indispensaveis, e muito urgentes outras providencias.

Padece o Brazil, e particularmente esta Capital a mais absoluta falta de meios para entrarmos em relação de idéas com os Escriptores da Europa, e para se nos patentearem os thesouros do saber espalhados nas suas obras, sem as quaes nem se poderão conservar as idéas adquiridas, e muito menos promovelas a beneficio da Sociedade.

Animado porém pelo actual mais que nosso Governador, nosso Amigo he, que me atrevo a offerer ao Público o seguinte Plano dirigido a remover-se o primeiro, e maior obstaculo que se offerce á Instrucção pública, o qual consiste na falta de livros, e noticias do Estado das Artes, e Sciencias na Europa. Se este Plano tiver a fortuna de agradar no seu objecto, elle pela sua propria constituição he susceptivel de qualquer melhoramento, e por isso mesmo parece que sem receio se poderá adoptar.

Far-se-ha hum Fundo, por subscripção, para se mandarem vir de Londres, e de quaesquer outros Paizes, que tiverem relações com esta Cidade os Periodicos de melhor reputação litteraria, e de mais ampla instrucção. Estes virão remettidos a qualquer dos Censores da Typographia desta Cidade que a rogo dos Subscriptores quizer servir o Público, com ausencia aos outros, e por elle serão abertos, e communicados ao Governo donde passarão á casa para esse fim destinada, e nella estarão patentes por espaço de tres dias ao exame, e leitura, que qualquer dos assignantes quizer nelles fazer, e passado este termo poderão pedir, e ser-lhes-ha confiado hum dos ditos Periodicos, ou Folhas por tempo de vinte quatro horas prefixas deixando recibo á pessoa encarregada da sua guarda, e conservação, e depois de vistos, serão recolhidos em huma Estante fechada, e não se darão mais a ler, senao

aos assignantes, e na mesma casa, quando por estes forem pedidos.

O excedente da Subscripção, depois de deduzidas as despezas necessarias a conservação deste Estabelecimento, será applicado á compra de Livros, e Mappas, que tambem serão conservados debaixo da mesma guarda, e condiçoens dos Periodicos, até que a abundancia delles, e os fundos da Sociedade sejam taes, que se possa constituir em huma Bibliotheca pública, para a qual se formarão Estatutos.

Para a escolha dos Livros, que se devem mandar vir da Europa, haverá de tres em tres mezes huma Sessão dos Subscriptores que se acharém presentes, a qual será presidida pelo Censor, e cada hum delles poderá lembrar os livros que bem lhe parecer dando a razão da sua escolha, e depois de ouvidos, e tomados os apontamentos necessarios nomear-se-hão dois Socios, com os quaes o Censor fará a lista das encommendas á proporção dos Fundos do Estabelecimento.

Os Subscriptores assim juntos poderão lembrar, tratar, e decidir tudo o mais que for concernente ao Estabelecimento, sua conservação, e augmento.

Hum dos Subscriptores será eleito por maioridade de votos Thesoureiro, e outro Secretario, e para que este encargo se não faça pezado, far-se-ha annualmente huma nova Eleição. As obrigaçoens destes Socios, serão declaradas em hum Regimento approvedo pela pluralidade dos Subscriptores, no qual se ordenarão igualmente as obrigaçoens das mais pessoas empregadas neste Estabelecimento, sua economia, e conservação.

A subscripção será de doze mil reis de entrada, e de dez annualmente, taó pequena quantia, que he muito menor, que a que pagão os assignantes de qualquer Gazeta da Europa; e por meio della não só adquirirão os Subscriptores a gloria de haverem concorrido para hum Estabelecimento de utilidade universal, mas tambem o de terem accesso á leitura de todos os bons Periodicos, e dos livros que existirem nelle.

Para que destes Elementos se possa formar com

mais brevidade huma Bibliotheca ampla, e capaz de preencher os fins de huma geral instrucção, serão convidados os Subscriptores a entrarem para este Estabelecimento com as suas Livrarias particulares, ou com aquellas obras, que poderem dispensar do seu uso ordinario, as quaes serão recebidas pelo Bibliothecario, em depósito, ou por doação, do que se lhes dará huma clarza, e far-se-hão os assentos necessários. A doação, ou emprestimo far-se-ha pública por meio da Imprensa, e huma cópia della será remettida ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Capitão General desta Capitania, com o nome do que a houver feito, como de hum Bemfeitor do Público, Amigo da Patria, e zeloso dos verdadeiros interesses do Soberano.

Tomar-se-ha huma casa sufficiente, para os fins propostos, a qual deve ser dentro da Cidade, em sitio agradável, bem arejada, e não muito proxima aos lugares mais frequentados. Esta casa será ornada com a possível decencia, e sempre de modo, que se possa estar nella com aceio, e satisfação. Na sala principal, haverá huma grande meza com assentos ao redor, sobre a qual estarão as Gazetas mais recentes, papel, e tudo mais necessario para escripta.

Os Officiaes da Casa, por agora, serão unicamente hum Bibliothecario, hum moço servente, hum porteiro, e hum moço empregado em a trazer sempre no maior aceio. Criar-se-hão depois os mais Officiaes, que os Subscriptores julgarem necesarios.

O Bibliothecario, deverá ser hum sugeito de muito boa conducta, que saiba bem ler, escrever, e contar, sendo muito para desejar-se, que tenha conhecimento das Linguas, principalmente a Latina, Franceza, e Ingleza. Os moços serventes deverão tambem saber ler, escrever, e contar. O Porteiro terá as mesmas qualidades.

Todos estes Officiaes, e tudo quanto for relativo á execução do que estiver determinado pelos Subscriptores, a boa ordem, e regimen da Casa, ficarão debaixo da Authoridade do Censor.

O Author deste Plano offerece desde já em dom perpetuo todos os seus Livros, e cincoenta mil reis para o Fundo do Estabelecimento. Bahia 26 de Abril de 1811.

Pedro Gomes Ferraõ Castelbranco.

O Plano que annunciamos ao publico he hum daquelles monumentos que fazem honra as espirito humano. Contrario inteiramente ao systema do despotismo, que so tem por baze a ignorancia e o erro, hum governo legitimo e sabio conleece bem, que he da publica e liberal instrucção que depende não so a civilização e prosperidade nacional, mas o fundamento da moral e dos costumes. Nos vemos com extraordinario prazer hirem-se realizando as nossas expectaçoes a cerca do nascente Imperio do Brazil; e a pezar do veo denegrido, com que a malignidade pertendia encobrir as luzes, e paternaes intençoens do seu governo; ella deve ficar confundida e balbuciante a vista de hum estabelecimento, que mostra da maneira a mais satisfactoria a liberalidade e zelo de hum Principe digno e justo pelos mais caros interesses do seu povo, como tambem a efficaz cooperação de hum benemerito chefe subalterno; e finalmente as disposiçoens agradaveis de hum publico que se apressa em adoptar, e a promover os principios mais nobres, e engrandecedores da sociedade. A Bahia pela sua localidade, pelo seu commercio, e pelas vantagens que deve derivar de hum tal estabelecimento de baixo dos auspicios do seu esclarecido Governador, não duvidamos, que seja em pouco tempo huma das primeiras cidades do mundo em commercio, e artes. Com que satisfação não deve exultar o Braziliano ao ver chegada a epocha em que o nome do seu paiz vai entrar na lista das Naçoens felizes da terra, e comque gloria não vai cobrir-se a Monarquia Portugueza por assentar tam grandemente a sua baze naquellas faustissimas regiões, e plantar no seio d'ellas com tam prospero agoiro as sementes daquella energia, a que foi pouco o mundo! Nos não podemos expressar assas vivamente os sentimentos de jubilo que nos transportao á idea desta fundação magnifica, e esperançosa,

MEXICO.

25 de ABRIL de 1811.

Por hum extraordinario vindo de S. Luis Potosi, e chegado a esta Capital em a noite do dia 23 do corrente, recebeo o Ex^{mo}. Vice-Rey com hum Officio do Brigadeiro General D. Felix Maria Calleja copia da parte, que de Monclova tinha dado a este General o Tenente Coronel D. Simaõ de Herrera, em data de 28 de Março passado, e he o seguinte

Officio de D. Simaõ Herrera ao Brigadeiro General D. Felix Maria Calleja.

Snr. General das tropas d'El Rey em a nova Hespanha : as copias que remetto marcadas com os numeros 1, 2, 3, 4, e 5 informaraõ a V. S. a respeito da estimavel tomadia, que o nunca assaz louvado D. Ignacio Elizondo, com a tropa desta Provincia, fez dos principaes Chefes, que promoveraõ neste Reino a escandaloza insurreiçaõ, que o tem devastado. Pareceo-me que devia communicar, sem perda de tempo, a V. S. esta taõ interessante noticia; esperando obter quanto antes, (e logo que as continuas occupaçoens, que occorrem nas complicadas circumstancias de huma epoca revolucionaria, ão permittaõ) tudo o que necessito para instrui-lo a respeito da minha prizaõ, e separaçãõ que se fez de minha pessoa, e d'outros Officiaes da Provincia de Taxas.

Logo que nesta se me confiou o commando interino por huma junta que se creou, passei ordem ao Capitaõ D. Ramaõ Dias Bostamante para que perseguisse, e atacasse huma partida de insurgentes, que se achavaõ na bõca de Leones; o que eme verificou desbaratando com 63 homens o numero de

204 de que se compunha, tomando-lhes armas, hum estandarte, e trinta, e dois mil pezos, que, tinhaõ tomado pertencentes ao Ill^{mo}. Snr. Bispo do novo Reino de Leaõ. Concluida esta acção, destacou hum piquete com ordem de seguir outra partida, commandada por hum D. Rafael Hermosillo, a qual foi tomada na Villa de Cadereyta na Provincia do novo Reino de Leaõ, segundo se me caba de participar. — Supposta a liberdade que misericordiozamente disfructo, eu só aspiro a que V. S. se digne dar-me suas ulteriores ordens, ou seja para perseguir com estas tropas as diferentes partidas de insurgentes, que andaõ soltas, commandadas por chefes inop^{tos}, que se tem levantado quasi em todas as povoaçoens; ou para outro destino em que V. S. queira occupar-me com utilidade do serviço do Rey, &c.

Deos guardea a V. S. muitos annos. Monclova 28 de Março de 1811.—Simaõ de Herrera—Snr. Brigadeiro General das tropas do Rey, D. Felix Maria Calleja.

Officio de D. Simaõ Herrera ao Brigadeiro General D. Nemesio Salcedo.

Snr. Commandante General. Com data de 21 do corrente dei parte a V. S. do gloriozo ataque, que deraõ, com a maior galhardia, e denodo as tropas, e habitantes desta Provincia contra o exercito dos insurgentes: e como prometti a V. S. detalha-lo, logo que tivesse as necessarias noticias para o fazer, o faço agora, ainda que não seja com a exactidaõ que dezejava, por me ser pouco todo o tempo para attender á multidaõ de graves occurrencias, a maior parte das quaes exigem minha assistencia pessoal.

Na tarde do dia 19 do corrente sabio desta Villa o Capitaõ reformado D. Ignacio Elizondo á frente de 342 soldados veteranos, milicianos, e habitantes levando por seu segundo o Tenente D. Rafael do Valle, e por subalternos o Alferes D. Joze Maria Uranga,

Tenentes D. Antonio Grego, e D. Joze Maria Gonzales, os Alferes D. Nicoláo Elizondo, D. Joze Maria Ximenes, e D. Diego Montemaior; e por Chefes dos paizanos a D. Thomas Flores, administrador das rendas unidas desta Provincia, e a justiça de S. Boaventura D. Antonio Rivas: e dispondô a formação destas tropas na melhor ordem que foi possível, marchou o referido commandante com ellas para avançar-se hum pouco alem do posto de Bajan, onde as doze do dia seguinte acampáraõ com a noticia certa de que no dia immediato devia chegar aquelle posto o inimigo, por não haver outra passagem; e com este conhecimento se preparou para recebe-lo na ditoza manhã do dia 21, valendo-se do ardil de espera-lo com apparencias de hum recebimento obsequiozo para o conduzir a esta Capital, cujo avizo antecipadamente se tinha dado ao General Ximenes.

Com tal dispozição, e a de formar em batalha a maior parte da tropa, deixou o commandante na sua retaguarda hum piquete de cincoenta homens, e pôz na vanguarda outro de Indios em numero de trinta e nove entrando os da missaõ de Pellotes, bem instruidos da maneira comque deviaõ obrar.

A's nove da manhã se avistou a vanguarda inimiga composta de hum *fradé Mercenario*, hum Tenente, e quatro soldados das tropas desta Provincia, que tinhaõ emigrado para o exercito insurgente; e saudando-se mutuamente, sem recear coiza alguma, continuaraõ sua marcha ate onde estava a retaguarda, e ali se lhes intimou que se rendessem, o que fizeraõ sem replica. Seguia-se a estes outro piquete de sessenta homens, com quem se praticou a mesma operaçãõ, desarmando-os, e prendendo-os sem perda de hum momento. Apõs estes vinha hum coche com humas mulheres, escoltado por doze, ou quatorze homens, que preparando as armas para offender nossa tropa, esta lhe correspondeo desbaratando-os inteiramente com morte de tres, e prizaõ dos mais. Nesta ordem foraõ entrando ate quatorze coches com os Generaes, *Frades*, e *Clerigos*, que constaõ da relaçaõ No. 1.; e ao chegar o coche em que vinhaõ Allende que se intitula *Generalissimo*, Ximenes, *Capitaõ General*, Arias e o filho de Allende, *Tenentes Generaes*, se lhes ia-

timou, que se rendessem, e não obedecendo Allende, pelo contrario tratando-os de traidores, disparou huma pistola a Elizondo, que furtando-lhe o corpo, e ficando sem lezaõ, ordenou á tropa que atirasse, de cujas descargas ficou morto o filho de Allende, e mui gravemente ferido Arias; e Ximenes vendo isto arrojou-se do coche, dando-se por prezo, e supplicando que parasse o fogo; em consequencia do que foi amarrado, e os mais, e remettidos para a retaguarda.

Fechava a retaguarda dos insurgentes o *Cura Hidalgo*, o qual com huma escolta de 20 homens, commandados por hum *assassino* chamado Marroquin, marchava com as armas apresentadas; e logo que chegaraõ ao ponto em que estava o Commandante Elizondo, se lhes intimou que se rendessem, e o fizeraõ sem resistencia.

Reunida n'hum ponto toda a quadrilha dos perversos insurgentes de que acima se faz mençaõ, e ficando parte da tropa para os guardar, Elizondo avançou com cento, e cincoenta homens a encontrar-se com a artilharia, que conduziaõ em boa ordem collocada na retaguarda, e guarnecida com quinhentos homens. A hum quarto de hora de marcha acontrou-se com ella, e dizendo ao que a commandava que se rendesse, a resposta foi preparar-se para applicar a mecha aos tres canhoens, que formavaõ a vanguarda; o que observado por Elizondo, e por alguns Indios, que o acompanhavaõ, se lançaraõ precipitadamente sobre os artilheiros, matando Elizondo a hum delles, e os Indios a outros com as lanças. Intimidados sobre maneira os mais, fugiraõ huns, e passáraõ outros para o nosso campo, contando-se entre elles muitos soldados veteranos, milicianos, e paizanos, que se tinhaõ passado para os *insurgentes* no campo de Aguanueva. Nesta situaçaõ ordenou Elizondo, que se perseguisse os fugitivos, prendeo os mais, e apoderou-se da artilharia que consta do documento No. 2. bem como dos petrechos constantes da relaçaõ No. 3.: tomou dois guioens, e huma bandeira com a cruz de Borgonha, toda a prata cunhada, que conduziaõ no meio dos coches, cuja somma sobe a mais de quinhentos

tos mil pezos, segundo parece, pois que inda não houve tempo de reconhecer a sua totalidade.

O numero dos prizioneiros chega o oito centos noventa, e tres, comprehendidos entre elles muitos que se intitulaõ coronéis, majores, &c., e todos *da peor especie de homens que tem pizado o solo Americano*. O numero dos Generaes, Chefes, Frades e Clerigos se refere na relação N.º 4.

Tenho dito a V. S. que eu reforcei a partida commandada por Elizondo com outras duas commandadas pelo Capitaõ reformado D. Pedro Nolasco, e Tenente Coronel D. Manoel Salcedo; os quaes ainda que não chegáraõ a horas da acção, foraõ de summa utilidade para guardar aquella noite, os reos, avançar partidas de precaução, pôr guardas de segurança, recolher cavallos, e homens dispersos acreditando em todas estas operaçoens o referido Tenente Coronel D. Manoel Salcedo o talento militar, que possui, a actividade, zelo, e patriotismo, que o caracterizaõ.

Em meu conceito he tão brilhante a acção de Elizondo, e seos subalternos, que para sua recommendação basta só descrevê-la. Nella se encontra valor extraordinario, summa intrepidez, fervoroso patriotismo, e hum arrojo tão inimitavel, que livrou a a Patria dos monstros sanguinarios que abortou para sua destruição.

Este serviço tão extraordinario me impoem a mais estreita obrigação de recommendar a V. S. o merito de todos os Officiaes, tropa, e honrados paizanos, que concorreraõ, e assistiraõ a esta acção, tão entusiasmados, e dispostos a bater-se, que dava trabalho o conte-los; e considerando que todos devem ser premiados, a bondade de V. S. o verificará com todas as graduaçõens, e honras, que lhe pareça, particularmente com os que constaõ da relação N.º 5. *, que foraõ os que pozeraõ na melhor dispozição as tropas, e povo, paraque sacudissem o tyranno, e insurgente jugo, que os opprimia, com detrimento do dominio e Soberania, que por mais de 300 an

* Não apparece esta relação em nenhuma das Gazetas do Mexico, que temos prezentes, e que chegaõ ate 30 de Abril.

nos tem o legitimo, e digno successor do Throno de Hespanha nosso suspirado Rey o Senhor D. FERNANDO VII.

Naõ se conhece por ora o numero dos insurgentes mortos, porque tendo fugido pelas serranias immediatas ao campo da acção foraõ mortos pelos Indios, e naõ se tem podido dar com os cadaveres, porem naõ saõ menos de trinta, ou quarenta os que pereceraõ ; o Chefe Arias, que ficou gravemente ferido, terminou a carreira de sua vida.

Deos Guarde a V. S. muitos annos. Monclova 28 de Março de 1811—Herrera—Snr. Commandante General D. Nemesio Sacedo,

Nº. 1.

Relaçãõ dos individuos apprehendidos na derrota que padeceraõ os insurgentes na paragem chamada de Bajan no dia 21 de Março de 1811, pelas tropas do Rey da Provincia de Coahuila.

RELIGIOZOS.

- Fr. Bernardo Conde—Franciscano.
- Fr. Gregorio da Conceiçãõ—Carmelita.
- Fr. Pedro Bustamante—Mercenario.
- Fr. Carlos Medina—Franciscano.

CLERIGOS.

- D. Miguel Hidalgo—Ex Generalissimo.
- D. Mariano Bellezs—Tenente General.
- D. Francisco Olmedo.
- D. Nicolaõ Naba.
- D. Joze Maria Salcido.
- D. Antonio Ruiz.
- D. Antonio Belan.
- D. Ignacio Hidalgo.

SECULARES.

- D. Ingacio Joze Allende—Generalissimo.
- D. Marianno Ximenes—Capitaõ General.
- D. Joaõ de Aldama—Tenente General.

- D. Manoel Santa Maria—Marechal.
 D. Marianno Abasolo—Marechal.
 D. Ignacia Camargo—Marechal.
 D. Nicoláo Zapata—Marechal.
 D. Francisco Lanzagorta—Marechal.
 D. Vicente Valencia—Director de Engenheiros.
 D. Manoel Ignacio Solis—Intendente do Exercito.
 D. Onofre Portugal—Brigadeiro.
 D. Joáo Baptista Carrasco—Brigadeiro.
 D. Joáo Ignacio Ramon—Brigadeiro.
 D. Joze Santos Villa—Coronel.
 D. Manoel Chico—Coronel reformado.
 D. Pedro Leaõ—Major da Praça.
 D. Vicente Saldierna—Tenente Coronel reformado.
 D. Jozé Miguel Arroyo—Tenente Coronel.
 D. Antonio Alvares Vega—Sargento Mor reformado.
 D. Vicente Acosta—Sargento Mor.
 D. Marianno Olivares—Tenente Coronel.
 D. Joze Maria Echais.
 D. Carlos Zepeda—Coronel.
 D. Joze dos los Angulos—Tenente.
 D. Marianno Hidalgo.
 D. Valentim Hernandez—Alferes.
 D. Ignacio Chaves—Capitaõ honorario.
 D. Joze Antonio Navaes—Alferes.
 D. Ramon Garcez. Lic.
 D. Manoel Garcez.
 D. Antonio Nieva.
 D. Jeronimo Balteza.
 D. Joaquim Ximenes.
 D. Theodore Chabell.
 D. Francisco Pastor.
 D. Joze Maria Canal.
 D. Vicente Frias.
 D. Pedro Taboada.
 D. Joáo Echais.
 D. Sebastiaõ Conejo.
 D. Manoel Maria Lanzagorta.
 D. Joze Maria Chico. Lic.
 D. Joze Maria Letona. Lic.
 D. Jacobo Amado—Tenente Coronel.
 D. Luis Malo—Coronel.

D. Joze Maria Segura—Sargento Mor.

D. Francisco Mascaranhas—Coronel.

D. Luis Lara Tenente Coronel.

Monclova, 28 de Março de 1811. Herrera.

N.º 2.

Relação da Artilharia tomada aos insurgentes pelas tropas do Rey da Provincia de Coahuila na derrota que padecerão a 21 de Março de 1811.

24 canhoens montados—do calibre de 4, 6, e 8.

3 Pedreiros desmontados.

Monclova, 28 de Março de 1811. Herrera.

N.º 3.

Relação das muniçoens, e petrechos de guerra que se tomaraõ aos insurgentes pelas tropas do Rey da Provincia de Coahuila no lugar de Bajan a 21 de Março de 1811.

18 caixotes de balas.

70 cartuchos para canhaõ.

22 caixoens de polvera.

50 carros dois dos quaes estaõ forrados de folha de lata emque vinhaõ as muniçoens.

Monclova, 28 de Março, de 1811. Herrera.

REPREZENTAÇÃO

Que ao Ex.^{mo}. D. Francisco Xavier Venegas, Vice-Rey do Mexico fizeraõ Martin Garcia, e Joze Ignacio Aguirrevengoa por si, e por huma Sociedade de homens honrados, vivamente estimulados por seu patriotismo, entregando a S. Ex.^{ca}. 6575 pezos, para serem enviados ao immortal Patriota, D. Joaõ Martin (o Empecinado,) rogando-lhe izentasse de direitos aquelle somma.

Ex.^{mo}. S.^o.

Todos os homens de bem se regozijão, e deleitaõ naturalmente com a lembrança das heroicas acçoens de virtude, de valor, e patriotismo; e nenhum Hespanhol negará ao Empecinado sua admiração, respeito, e gratidão, contemplando-o rodeado dos exercitos poderozos, e incarniçados do tyranno

universal, emprehendendo a guerra elle só, engrossando-se rapidamente por suas façanhas, mantendo, vestindo, armando, e multiplicando companheiros á custa do inimigo, e com seos proprios despojos, ate compor, ha dois annos de huma luta taõ glorioza, a forte Divizao que aterra a cada passo os soberbos Francezes. O Empecinado será pois, em todas as idades, o modelo da virtude, valor, e patriotismo; e seu nome obterá em nossa historia os elogios devidos ao fundador das Guerrilhas, açoite, dos invasores aleivosos, e ao Heroe da Castilla.

Huma Sociedade de Cidadãos honrados se occupava destas ideas agradaveis ao chegar a gazeta da Regencia em data de 7 de Fevereiro ultimo, pela qual se vê que o Brigadeiro D. Joaõ Martin tinha aterrado os habitantes de Madrid, e vizinhanças, em prezença mesmo das orgulhozas hostes conjuradas contra elle: porem que sua manutenção se entregava á generozidade Hespanhola por maons de tres commissarios deznados em Cadix. Nenhum dos assistentes á leitura pode conter os bellos sentimentos de seu coração; e nesse mesmo acto subscreverão com 6,573 pezos duros, conforme consta da lista junta, cuja quantia dezejariaõ, que embarcasse em o navio Minho de D. Joaõ Felippe Laurnaga á consignaço de D. Bernardo Riega, se este rasgo de patriotismo merecer a superior approvaço de V. Ex.^a e a izençaõ dos direitos Reaes, e Municipaes, propria dos donativos publicos.

Deos guarde a V. Ex.^{ca} muitos annos. Mexico 18 de Abril de 1811.—Ex.^{mo}. Snr. Martin Garcia—Joze Ignacio Aguirre-vengoa.—Ex.^{mo}. Snr. Vice-Rey, D. Francisco Xavier Venegas.

Este rasgo de patriotismo, recommendavel pelo donativo, por sua espontaneidade, pelo grande objecto a que se consagra, e taobem pelo lustre que accrescenta á gloria do immortal Chefe o Brigadeiro D. Joaõ Martin, derramou o prazer no coração sensivel, e virtuozo do digno Chefe deste Reino, justo apreciador do verdadeiro merito, e da generozidade opportuna. Por consequente aceitou immediatamente, e com particular satisfacaõ, o offerecimento da subscripaõ apresentada, izentou-a de todos os direitos, e deo os mais affectuosos, e expressivos agradecimentos aos individuos subscriptores, que se julgavaõ ja recompensados pelo testemunho da sua propria consciencia.

Profundamente penetrado S. Ex.^{ca} do valor heroico,

e dos altos feitos do invencivel Empecinado, e de seos guerreiros intrepididos, e audazes; conhecendo melhot que ninguem a extensao, e importancia de seos grandes, e desinteressados servicos feitos á Religiao, ao Throno, e á Patria; dezejando amplia-los por todos os meios que seo discreto zêlo lhe dicta; persuadido pela prova anterior do enthusiasmo geral, e dos bellos sentimentos a favor deste admiravel Campião; seguro da liberalidade dos leaes, e generozos habitantes do Mexico, que se antecipão ás occazioens para mostrar sua nobre gratidão aos heroes nossos Irmaons que sellão com seu proprio sangue nossa mesma liberdade, segurança, e propriedade; não querendo em fim S. Ex^{ca}. retardar aos benemeritos Vassallos das Indias a parte que dezejarem tomar nas proezas do incomparavel Empecinado, houve por bem mandar que se publique a subscriçao voluntaria, para auxilio, manutenção, e excitamento das guerrilhas de D. Joaõ Martin.

Em consequencia foi S. Ex^{ca}. servido recommendar a sollicitude, e collectação deste donativo patriotico tão preciozo, e util, sem tempo limitado, no Mexico a D. Joze Ignacio Aguirrevengoa, e D. Joaõ Antonio Cobian; em Vera Cruz a D. Joaõ Felipe Larnaga, e D. Juliaõ Antonio Lhano—em Puebla a D. Domingo Usabiaga, e D. Joze de Aguirre, e em Oaxaca ao Tenente Coronel D. Francisco Antonio de Goytia e D. Ventura Gutierrez de Via, feitor dos tabacos, authorizando os Commissionados de Vera Cruz para o registamento, e remessa directa, e franca de direitos, a D. Bernardo Riega, D. Joaõ Facundo Caballero, e D. Joaõ de Madrid Davila, principaes encarregados do famoso Empecinado em Cadix; deste homem memoravel accredor a nosso eterno reconhecimento, á nosso amor, e soccorros. Do empenho ardente, do intimo interesse, que manifesta nosso amavel Vice-Rey em a colher, applaudir, e dilatar este formoso, e benefico pensamento, pode, e deve deduzir-se a sua preferivel e grandioza influencia sobre os maravilhosos successos da Peninsula, que excitaõ o assombro do universo, e aos quaes estamos obrigados a concorrer com os nossos auxilios, se aspiramos a ser dignos do nome respeitavel de Hespanhoes.

POR falta de lugar, rezervamos para o numero seguinte, a continuacão de noticias igualmente interessantes desta parte do America. Seria para dezejar que as Cortes, e Governo Hespanhol aproveitando este exemplo de generosidade e patriotismo, em vez de se occuparem em discussões inuteis, e intempestivas, cuidassem de animar aquellas disposições favoraveis a sua cauza, que so lhe podem fornecer guerreiros, e defensores do paiz, que se não hade libertar com palavras.

MONTEVIDEO.

PROCLAMAÇÃO DE ELIO

O Viceroy destas Provincias aos habitantes de toda a planicie da margem oriental do Rio de Prata.

HABITANTES de toda esta planicie, e suas vezinhanças. As intrigas e suggestoens da dezesperada Junta de Buenos Ayres, vos tem precipitado n'hum projecto o mais louco, e o mais criminal. Retirai-vos para vossas cazas, ide gozar da vossa primeira tranquillidade, e vos não sereis perseguidos; alias, a vossa ruina, e a de vossas familias está certissima. A Junta de Buenos Ayres nem quer, nem pode dar-vos os reforços de soldados, e armas, que vos prometteo, por que os não tem, nem pode expedição alguma atravessar o Rio, sem ser totalmente destruida pelos vazos com que o tenho atulhado; mas suppondo mesmo que huma parte escapava, de que serviço lhe poderia isso ser? Considerai, que a huma so ordem minha marcharão quatro mil Portuguezes, e entraraõ nesse territorio, cuja força obrando de concerto com a expedição ja avançada na planicie vos porá entre dous fogos. Vos não podeis escapar, nem a vossa contração naquelle periodo vos servirá de couza alguma. Por ora, ainda tendes tempo, retirai-vos para vossas cazas. Nada mais vos digo, se me dezobedeceis, perecereis inevitavelmente, e todos os vossos bens serao confiscados.

Montevideo, 20 de Março de 1811.

BUENOS AYRES.

As Gazettas do Rio da Prata na data de 2 de Maio nos daõ as seguintes informaçoens, (cuja verdade por ora não affiançamos.)

O General Belgrano que commanda as tropas de Buenos Ayres, tem bloqueado Montevideo pela parte da terra com huma

força de 6 para 7000 homens; e tem tido a boa fortuna de tomar hum rebanho de 6000 bois, destinados para o supprimento daquella praça. As provizoens em Monte Video se vendem como em todas as cidades de Hespanha, por hum preço determinado pela municipalidade. Havia tal carestia de carne dentro da fortaleza, que nenhum individuo tinha licença de gastar mais de hum real em carne para a sua individual subsistencia. Elio não tinha mais de 800 homens ás suas ordens; e toda a população da praça, sem excepção mesmo das tropas, estava mui descontente com o seu Governo, de maneira que se esperava, que esta festante possessão da Velha Hespanha no lado oriental do Continente do Sul cedo cahiria de baixo do poder do partido revolucionario.

A Junta de Buenos Ayres publicou huma noticia, para que todas as pessoas que tivessem vazos capazes de armar-se, e que quizessem obrar contra a esquadra de Monte Video, serião providos de muniçoens e artilharia a custa do Governo.

Elio continua com as suas violentas proclamaçoens, das quaes transcrevemos a seguinte.

Em virtude dos poderes de que estou investido, e por minha authoridade como Vicerey e Capitão General destas Coloniaes, declaro em nome do nosso Augusto Soberano, Fernando VII. e da Nação, que o revolucionario e tyranico Governo de Buenos Ayres está em estado de rebelião contra o nosso Legitimo Principe. Que todos os que compoem tal Governo, e todos os que pegão em armas ou transmittem supprimentos em seu soccorro, para que elle possa atacar o sagrado estendarte do Rei de Hespanha, serião julgados traidores ao seu Monarca e Estado, e como taes processados, sentenciados e punidos. E para que esta nossa determinação em nome de sua Magestade, e de seu reino se faça conhecida a todos, será publicada em ordens Geraes, e afixada em todos os lugares publicos, para que ninguém possa allegar ignorancia.

(Assignado)

XAVIER ELIO.

A Junta da cidade de Buenos Ayres em resposta á primeira das proclamaçoens de Elio, publicou a seguinte carta official, recebida do Conde de Linhares, Ministro dos Negocios Estrangeiros na Corte do Brazil:—

Excellentissimos Senhores,

A carta que por ordem de vossas Excellencias me foi

escripta por vosso Secretario D. Mariano Moreno, tendo sido introduzida na augusta presença da Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal, sou mandado informar-vos, que os sentimentos de respeito, e fidelidade que a junta tem mostrado para com Sua Magestade Catholica, Fernando VII, e seos legitimos successores, saõ altamente agradaveis a Sua Alteza Real. Elle se apraz tambem de ver que a junta dezeja conservar para com Sua Alteza Real, aquella disposiçaõ de amizade e boa harmonia, que a connexaõ de seos respectivos territorios exige, os habitantes dos quaes saõ unidos pela natureza, pela religiaõ, e quasi pela identidade de lingoagem.

Nestas circumstancias, Sua Alteza Real me authoriza a darvos parte da sua terna sensibilidade para com vosco, pela affeicão que tendes expressado, e a declarar-vos que elle não tomará parte qualquer nas dissensoens internas dos vassallos de hum Principe, alliado com elle pelo sangue, e por todas os outros vinculos; e que os seos unicos votos saõ que taes dissensoens tenham huma prompta e util terminaçaõ; e que Elle adoptará aquelles meios que julgar necessarios para prevenir que a chama da guerra civil se extenda athe os seos dominios, em conformidade do seu disvello em conservar o bem, e a tranquillidade de seos vassallos, a que elles tem todos os direitos.

Comprindo, tambem, com as ordens do Principe meu Amo, tenho a honra de apresentar á Vossas Excellencias os meos sentimentos da mui alta consideraçaõ e estima, e de confessar-me, &c.

Vosso mais attento, e obsequioso servo,

CONDE DE LINHARES.

A suas Excellencias o Prezidente, e os outros Membros da Junta de Buenos Ayres.

Naõ he precisa muita penetraçaõ para antever qual será o effeito das proclamaçoens de Elio. Quanto a nos, ellas so poderaõ servir de irritar mais os animos dos que elle chama rebeldes.—Sem entrarmos nessa questaõ, faremos somente algumas observaçoens, que nos naõ parecem intempestivas.

Se as cartas de Cadiz as mais fide dignas dizem a verdade, os Inglezes tem offerecido a sua mediaçaõ ao Governo de Cadiz para accommodar as differenças entre as Colonias e a Metropole. Neste caso,

em que funda Elio o seu apoio? Que meios tem de executar os seus ameaços? Sem forças maritimas nem terrestres, que se possam chamar exercito ou armada, não parece loucura pertender effectuar o que não conseguiu toda a Potencia Militar, e Maritima da Gran-Bretanha desde 1775 até 1782, que se vio obrigada a reconhecer a independencia dos Estados Unidos? Contudo, por mais extraordinario que pareça o projecto de Elio, não nos surprenderá, se o virmos realizado; sobre tudo quando consideramos que a maior parte dos homens, que se dizem de Estado, nunca obraõ conformes aos principios da razaõ, mas sim guiados por interesses particulares; quando reflectimos no conflicto dos sentimentos diversos, e até oppostos, que se tem excitado na presente crize, sobre animos tam diversos, e por taõ contrarios interesses.

Quem ignora que o Hespanhol nascido na Europa, o Creolo nascido n'America Hespanhola, o Indio, o Negro, o Mulato todos elles deversifiquão em sentimentos, em paixoes e nos interesses? Quem pode prever o resultado destes animos e paixoes provocadas, de huma parte pelos Negociantes que querem aproveitar-se do embaraço da Peninsula destituida inteiramente de fabricas, de navios, de capital, para adquerir a navegaçaõ e o commercio dos portos da America Hespanhola, em que d'antes so podião entrar por contrabando, e de outra parte instigados contra os Inglezes pelos Negociantes Hespanhoes, que pretendem conservar ainda o privilegio exclusivo que tinhaõ, sem reflectir que o exemplo do Brazil aberto aos Estrangeiros concorre, para que os Americanos dezejem, pelos seus interesses, e pode dizer-se, absoluta necessidade, ter hum commercio livre com a Europa.

Os primeiros encherãõ a America de Emissarios para excitar o dezejo da liberdade do commercio, ainda mesmo a troco da independencia; e não reflectirao que fomentavaõ a guerra civil contraria a todo o commercio.

Os segundos não reflectem, e so dezejaõ conservar o que já não possuem.

Este systema hoje predominante, nutrindo ao longe

as commoçoens e os partidos, e subjugando em caza o espirito do Governo, que so podia emendar esta ordem de couzas, deve necessariamente produzir resultados inesperados, e nunca trazer o fim por que se contende; por isso mesmo que se contradiz na sua marcha; e he hum facto reconhecido que todo o corpo tanto physico, como politico, compellido por forças oppostas segue hum ramo differente da direçaõ que lhe dá cada huma daquellas forças de persi.

No meio de tudo isto vemos com prazer o partido de moderaçaõ que adoptou a Corte do Rio de Janeiro, as disposiçoens pacificas, e couservadoras de hum Principe, que so tem per mira naõ o futil engrandecimento de terreno e dominio, mas sim o bem, e a tranquillidade dos seus vassallos, a bem merecida amizade e perfeita harmonia dos seus alliados; os sabios e justos principios de hum Ministro, cuja sagacidade e rectidaõ lhe tem revelado o methodo, e as medidas mais conducentes para a felicidade da sua Naçaõ, e da especie humana em geral, de cujos interesses elle he fervoroso e constante advogado; principios estes que teriaõ tido rezultados mais efficazes, se fossem mais geralmente adoptados; e se o livramento da Peninsula fosse o unico excluzivo objecto das vistas, e operaçoens do Governo de Cadiz, e das Cortes,

ESTADOS UNIDOS.

Adresse de Mr. Smith ultimo Secretario de Estado aos seus concidadaos por occasião de largar a secretaria que occupava naquella paiz.

NA introdução elle explica os motivos porque se dirige aos seus concidadaos, da maneira seguinte:—

‘Eu devo ao povo dos Estados Unidos huma exposição das circumstancias, que me obrigaraõ a deixar a Secretaria de Estado. Este dever dezagradavel como he, vai ser por mim agora preenchido. Elle me he imposto pela irresistivel necessidade de obviar as sinceras, e erroneas imputaçoes de alguns, e ás vagas e falsas representaçoes de outros. Entrando constrangido nesta materia, devo prevenir, que esta exposiçãõ será unicamente huma simples e curta narrativa de factos, com as observaçoens meramente necessarias para a sua elucidaçãõ. O meu objecto he justificar-me, e se nesta justificaçãõ se envolverem algumas questoes serias relativamente a Mr. Madison, declaro que esta consequencia he inevitavel. Eu vejo nesta empreza a tempestade, com que tenho de lutar—tempestade que vai ser excitada pelos parasitas de authoridade: mas tenho ao mesmo tempo a consolaçãõ, que me apresenta o axioma Americano “*Justeza, e não homens;*” caracter distinctivo do povo independente de huma republica representativa. Alem disso, he huma verdade sabida por todos, e confirmada pela experiencia, que ha sempre risco na plena execuçãõ de hum dever.

A offerta que Mr. Madison me fez da missãõ a Russia, que elle confessava ser da ultima importancia para o commercio dos Estados Unidos, e a nomeaçãõ mais honorifica do nosso Governo, he huma prova evidente da sua confiança para commigo, no que toca á fidelidade, e capacidade em negocios publicos.

Esta offerta foi acompanhada de algumas observaçoens, apparenemente feitas com modestia, relativas á differença de opiniaõ, que infelizmente tinha existido entre mim e elle a cerca de certas *medidas* e de certas *nomeaçoes*, e em que elle parecia ter em vista particularmente as letras de cambio, tocante ás nossas relaçoens exteriores, que Mr. Macon introduzira, na sessãõ de 1809—1810, e na lei do naõ-intercurso da ultima sessãõ. Posto que na offerta daquella missãõ, a lingoagem, assim como

as observações não fossem de sorte alguma offensivas, comtudo indicavaõ certo embaraço e difficuldade, que me fazião duvidar do seu verdadeiro objecto. Pela influencia desta suspeita, er-guendo-me do meu assento, com o decoro devido a hum Pre-zidente dos Estados Unidos, eu lhe disse claramente, que em razão do nosso pensar differente sobre muitos objectos, eu tinha formado tenção de me retirar da sua administração; que tinha effectivamente communicado a varios dos meus amigos esta de-terminação, e que para executar o meu desigmo, só esperava o momento, em que o podesse effectuar sem complicação de querellas entre os nossos respectivos amigos; e retirando-me, lhe notei que seriamente reflectiria se a caso a offerta da mis-são a Russia, me daria aquella oportunidade. Com indizível espanto, comtudo, sube em poucos dias, que durante a ultima Sessão certos Membros do Congresso vierão dizer, voltando para suas cazas, que tal offerta se me fizera a fim de pôr Mr. Munroe naquelle lugar do Estado. Eu mencionei, por con-sequente, esta noticia a Mr. Madison com huma decente indig-nação, quando veio saber de mim o resultado das minhas re-flexoens sobre a proposta missão. Immediatamente, mas com manifesta confuzão, elle protestou que não authorizara de modo algum tal rumor, nem mesmo essa idea. Eu repiquei, que não podia attribuir huma tranzação tam baixa ao Prezidente dos Estados Unidos, mas como hum rumor de natureza tam delicada actualmente circulava, os meus sentimentos de honra pediaõ, que não hezitasse hum momento em rejeitar a offerta da missão: nem podia, pelos mesmos principios, consentir em conservar-me na secretaria de Estado, debaixo de taes circum-stancias. Rematei a conversação observando, com dignidade, que sem duvida neste negocio havia alguma vergonhosa intriga, e supprimei o desejo que tinha de lhe dizer, que elle tinha entrado nelle inconsideradamente.

O poder que tem o Prezidente dos Estados Unidos, de remover qualquer official, que não seja hum Juiz, he in-questionavel; nem pode haver pretensão mais absurda que hum direito a huma secretaria. Mas sustenta-se, que este poder não pode, conforme o genio do nosso Governo, e o respeito devido ao Senado, ser exercido, como debaixo de hum despotismo arbitrario, pelo mero caprixo do Chefe; mas que naquelle ex-ercicio de poder, o Prezidente dos Estados Unidos deve ne-cessariamente ficar responsavel aos seus constituentes pela recti-daõ dos seus motivos. Isto me da lugar á hum exame das medidas alludidas por Mr. Madison, sobre as quaes se tem fun-dado a sua conducta a meu respeito, por esta occasião. Vou agora francamente apresentar cada huma destas medidas, impor-tantes ou não importantes, objecto da nossa differença de opiniao, em artigos separados, aos olhos do povo Americano,

na esperanza, talvez enganosa, de que se achará nelles senão huma justificação, ao menos huma escuza em minha defeza.”

O primeiro artigo refere-se á carta de Mr. Smith á Mr. Erskine em que lhe perguntava, se acaso elle (Erskine) tinha intimado ao Governo Britanico, que a America estava prompta a entrar em arraujos sobre tres condiçoens especificadas; huma vez que se retirassem as suas Ordens em Conselho de Janeiro, e Novembro de 1807. Esta carta appareceo no *Times* em 4 de Janeiro de 1810; e Mr. Smith nada mais diz a cerca d'ella, senão que dezagrudara em demazia ao Presidente.

Art. 2. Houve huma seria differença de opiniaõ entre mim, e Mr. Madison sobre o bill, tocante ás nossas relaçoens estrangeiras, que Mr. Macon introduzira na sessaõ de 1809—1810. A politica, desenvolvida naquelle bill, se tornou bem depressa objecto de universal reprovação. Nem huma palavra a seu favor se achava em algum papel publico. Mui felismente por tanto, não foi imposto sobre a nacão. Em seu lugar todavia, se substituiu o Acto de Maio de 1810, que a voz do povo com indignação e por escarneo, chamava Art. 2. de Macon.

“ Todo o odio que estes dous bills excitaraõ pelos Estados Unidos, recahia por certo manejo sobre Macon e outros. Nestas medidas, tam imprudentes como vergonhosas, Mr. Madison não era de sorte alguma reconhecido pelos seus constituentes. Nenhuma suspeita havia, de que elle tivesse parte em actos tam miseravelmente calculados para effectuar o seu expresso designio de vingar insultos, de reparar damnos, e de manter os direitos dos Estados Unidos. Para explicar pois o vivissimo resentimento de Mr. Madison a respeito destes dous bills, foi absolutamente preciso para o fim deste *addreese*, levantar a cortina mysteriosa, que tinha ao principio inteiramente, e agora em parte, encoberto estas tranzaçoens; e dizer aos meos concidadaõs, que os reprovados bills, ordinariamente chamados os bills de Macon; eraõ de facto forjados pelo mesmo Mr. Madison que elles foraõ as suas grandes, e efficazes medidas da Sessaõ; que em vez de serem recommendados ao Congresso pelo mesmo Presidente, como a Constituição sabiamente requireo, passaraõ por diverso canal para as maõs de Macon, para serem, coma parecia, recommendados por elle.

“ Destas duas medidas, que não tinhaõ em vista os interesses, e a honra dos Estados Unidos, eu dispensei-me de ser o advogado, especialmente estando persuadido, que o bom senso,

os principios da honra, e os sentimentos patrioticos dos meos concidadaõs expressamente os condemnariaõ.

No Art. 3. Se referem as objecçoens de Mr. Smith contra o recado do Prezidente ao Congresso, convidando-o a applicar os recursos da naçaõ, para vingar insultos, reparar damnos, e manter os direitos dos Estados Unidos.

No 4. Se menciona a lei do Nao-intercurso da ultima sessaõ do Congresso, assim como a supposta revogaçaõ dos Decretos de Berlin, e Milaõ. Neste artigo Mr. Smith mostra, que inda quando aquelles Decretos se revogassem, nao era essa a unica condiçaõ, pela qual se havia suspender o Nao-intercurso para com a França; mas alem deste havia outro mui justo, e era, que havia tomar-se huma medida satisfactoria para restituir a propriedade tomada por ordem do Governo Francez. Mr. Smith mostra comtudo, que o Nao-intercurso havia remover-se por huma proclamaçaõ contra França, no tempo em que Serrurier tinha *officialmente* communicado a decidida rezoluçaõ do seu Governo de nao restituir a propriedade, que tinha tomado, e quanto aos Decretos de Berlin e Milaõ, elle prova demais o mais que elles nunca até ao dia de hoje forao revogados.

No 5. Tracta-se de hum objecto de politica domestica exclusivamente, em que o Prezidente, e o Secretario nao concordao.

No 6. diz o seguinte,

Sensivel como eu tenho sido aos insultos, e prejuizos, que os Estados Unidos tem recebido repetidamente da Gram Bretanha, nao tenho sido tambem cego aos reiterados ultrages da França. E qual quer que tenha sido a minha opiniao a cerca dos edictos e procedimentos reciprocos daquellas Potencias; nao tenho nas minhas discussõens com os seos respectivos funcçionarios, perdido de vista os interesses, os direitos, e a honra dos Estados Unidos. Nem senti jamais disposiçaõ alguma a identificar o meu paiz com qualquer das naçoens Belligerantes. Nunca deixei de manter os direitos, ou de livrar a honra dos Estados Unidos do receio, que a França, ou a Gram Bretanha tivessem de ser apresentadas ao mundo n'hum ponto de vista odioso.

O seguinte rascunho de huma carta ao General Armstrong foi conformemente feito por mim, logo depois que se recebeo a carta* do Duque de Cadore, a que elle se refere. Elle foi apresentado, segundo o costume, ao Prezidente, para ser approvado. Elle, contudo, objectou a que se mandasse. E como ha razao de crer que esta carta fazia hum dos motivos da hostilidade de Mr. Madison para comigo, he justo que a publique.

Gen. Armstrong. Deparamento de Estado. Junho, 1810.

Receberao-se a 21 de Maio as vossas cartas—com as respectivas incluzas.

* Copia do rascunho da carta destinada a mandar-se ao General Armstrong.

Em a nota do Duque de Cadore nada se pode perceber que justifique a tomada da propriedade Americana nos portos da França, e nos dos seus alliados. Os factos assim como os argumentos, que elle tem adoptado, se refutaõ pelos acontecimentos, que são conhecidos por todo a mundo, e particularmente por aquella moderação de character, que tem distinguido invariavelmente a conducta deste governo para com as naçoens Belligerentes. Depois de huma brandura igualada somente pela nossa firme observancia das leis da neutralidade, e dos principios immutaveis da justiça, he com não pequena surpresa que o Presidente percebe no Governo Francez huma disposição a representar os Estados Unidos, como o primeiro aggressor. Hum acto de violencia, que nas presentes circumstancias, não he nada menos que hum acto de guerra, requeria necessariamente huma explicação, que não somente satisfizesse aos Estados Unidos, mas ao mundo. A nota porem do Duque de Cadore, em vez de justificação, nem mesmo forneceo huma palliação plausivel, ou racionavel escusa pela tomada da propriedade Americana.

Os Estados Unidos não tem cessado hum momento de protestar contra as Ordens Britanicas em Concelho. A respeito da resistencia que os Estados Unidos julgaraõ proprio fazer a tam illegitimas restricçoens, he claro que ao Governo Americano cumpria so regular esse modo. Se hum systema de excluzão dos vasos, e mercadorias das Potencias belligerentes dos nossos portos foi preferida á guerra— Se a prohibicao municipal foi adoptada em vez da retribuição invasiva, com que propriedade pode o Imperador dos Francezes ver neste methodo de proceder couza alguma que não proceda do legitimo exercicio do poder Soberano? Tomar exercicio deste poder por huma cauza de reprezalia bellica, he huma especie de arbitrio, que a ser admittido, tenderia a subverter a soberania dos Estados Unidos.

A França tem convertido a nossa lei de excluzão em hum pretexto para tomar a propriedade dos cidadão's dos Estados Unidos. Este estatuto estava tambem em força contra os vasos da Gran Bretanha. Se a sua operação tem sido considerada pelo Governo Francez como bastantemente efficaz para justificar esta pretendida reprezalia, aquella mesma operação, por quanto devia ser mais severamente sentida pela Gran Bretanha, devia tambem ter sido considerada como constituindo huma resistencia ás suas ordens, a não existencia de cuja resistencia tinha sido referida pelo Duque de Cadore como pretexto para o acto de violencia perpetrado contra a propriedade Americana. Os Estados Unidos tendo resistido ás Ordens Britanicas, o real fundamento da queixa pareceria ser, não tanto porque o Governo Americano não resistio á huma taxa sobre a sua navegação, como porque resistio igualmente

aos decretos Francezes, que tinhaõ assumido hum poder prescriptivo sobre a politica dos Estados Unidos, tam reprehensivel, como culpavel a tentativa do Governo Britanico em levantar contribuiçoens sobre o nosso commercio. Colocado em huma situaçoõ, em que huma taxa era proclamada de hum lado, e de outro prescripta huma regra de acção, o Governo dos Estados Unidos devia á sua honra o rezistir com medidas correspondentes á cubiça de hum, e a prezumpção do outro. Quando o Governo Americano ve nas providencias das Ordens Britanicas huma assumpção de poder maritimo em contravenção da lei das naçoens, como pode deixar tambem de perceber nos decretos Francezes a adopção de hum principio igualmente derogatorio e injurioso ao caracter neutral dos Estados Unidos?

A pretensão de sujeitar a navegação Americana á huma taxa, como se avançou pela Ordem Britanica de Novembro, de 1807, foi na realidade removida pela ordem de 26 de Abril de 1809. Comtudo dez mezes depois que se revogou aquella pretensão, a sua allegada existencia fez a baze da reprehensão contra o Governo Americano pelo Imperador dos Francezes. Seria inutil commentar a disposição de insistir sobre a influencia predominante de hum facto que ja não existe; o qual, quando existio, foi uniformemente combatido, e a final extincção do qual foi a manifesta consequencia das medidas deste Governo.

Se o Governo Americano tivesse tomado os vazos Francezes, como erroneamente se asseverava em a nota do Duque de Cadore, tal occurrencia deveria so attribuir-se a temeridade de seos proprietarios, e commandantes, que, depois de huma anterior notificação desde 1 de Março até 20 de Maio, do acto de excluzão, tivessem extranhamente prezumido violar com impunidade hum lei prohibitoria, e municipal dos Estados Unidos. Se a França tivesse prohibido aos nossos vazos todos os portos, que estaõ d'entro da esphera da sua influencia, e tivesse dado hum avizo de igual duração ao que foi dado pela nossa lei, não haveria cauza de queixume da parte dos Estados Unidos. O Governo Francez não teria tido occasião de exercitar seu poder, de huma maneira tam contraria ás formas como ao espirito da justiça, sobre a propriedade dos cidadãos dos Estados Unidos.

Esteve em todo o tempo no poder da França, relativamente a si mesma, o suspender nossos actos de excluzão, de que ella se queixa, simplesmente annullando ou modificando os seos decretos. Fizeraõ-se propoziçoens para esse fim ao nosso Governo por vassa via. Ellas não forao acceitas. Pelo contrario, preferio-se a politica, que era amais apta para produzir a boa intelligencia entre os dous paizes. Pelo acto do

Congresso do ultima sessaõ, se offereceo ainda huma oppor-
tunidade á sua Magestade Imperial de estabelecer as mais ami-
gaveis relaçoens entre os Estados Unidos e a França. Re-
tire elle ou modifique seos decretos; restitua a propriedade
dos nossos cidadãos tam injustamente tomada; e a lei dos
Estados Unidos existe, que authoriza o Prezidente a pro-
mover a melhor intelligencia possível com França, e a impor
hum systema de excluzão contra os vazos, e mercadorias
da Gram Bretanha, quando ella se não queira conformar com
os mesmos justos termos de conciliação. Finalmente, como
o Imperador deve agora saber de facto, que nenhuns va-
zos Francezes forão illegitimamente tomados nos portos dos
Estados Unidos, poisque a lei de excluzão contra o comer-
cio da França não está mais em vigor, não pode haver hum
so pretexto racional para procrastinar o resgate da proprie-
dade Americana detida pelo Governo Francez, e entregala
aos seos respectivos donos.

Vos não deixareis de apresentar estas observaçoens ao Gover-
no Francez, para que o Imperador saiba que os Estados Unidos
insistem somente nos seos reconhecidos direitos, e que elles
ainda nutrem hum dezejo de ajustar todas as differenças com
o Governo Francez sobre huma baze igualmente proveitoza,
e honorifica para as duas naçoens.

Tenho a honra de ser, &c.

R. SMITH.

Gen. Armstrong, &c.

Em vez das observaçoens contidas na precedente
carta, o Prezidente ordenou a inserção simplesmente
da secção seguinte, que se acha na minha carta
de 5 de Junho de 1810.

Como o "John Adams" se espera todos os dias, e as
vossas ultteriores communicaçoes podem melhor habilitar-me a
adoptar no estado actual dos nossos negocios com o Governo
Francez, as observaçoens mais proprias a fazer-se relativamente
á tomadia da nossa propriedade, e á carta do Duque do Ca-
dore de 14 de Fevereiro, julgou proprio o Prezidente *não fa-
zer, por ora, taes observaçoens.* Eu não posso deixar, todavia,
de informar-vos que o Presidente sentio huma excessiva indig-
nação, assim como o publico, por este acto de violencia sobre
a nossa propriedade, e pelo insulto tanto em linguagem, como
em materia, da carta do Duque de Cadore, tam justamente
representado em a nota, que lhe enviastes a 10 de Março.

Merece noticiar-se, que a ultima sentença da secção su-
pra mencionada foi mera communicação pessoal, quanto a im-

pressão feita aqui por aquelle ultrage do Governo Francez, e de nenhuma sorte huma *instrucção* que se lhe fdisse para fazer patente ao Imperador da França a excessiva indignação sentida a tal respeito pelo Presidente, e pela Nação. O que mostra simplesmente, que o nosso executivo tinha, nesse tempo, so rezolução bastante para communicar ao *seu proprio* Ministro os sentimentos de indignação, que tinhaõ aqui sido excitados pelo enorme ultrage do decreto de Rambouillet, e pela insultante audacia da carta do Duque de Cadore.

Art. 7. Antes da sessão do Congresso no outono passado, eu expressei a Mr. Madison o meu receio, de que o Imperador de França não preenchesse *bona fide* as justas expectações dos Estados Unidos que o nosso commercio seria exposto nos seus portos a dezagradaveis embarços, e que o tabacco, e algodão com muita probabilidade não seriaõ admettidos *livremente* em França. Elle nutria huma diferente opiniaõ, e contava de certo que os decretos de Berlin, e Milão cessariaõ *bona fide* no 1 de Novembro de 1810; e que daquelle por diante as nossas relaçoens commerciaes com a França não seriaõ mais perturbadas com restricçoens ou embarços quaesquer. Não obstante, eu lhe disse que os meos receios eraõ taes, que eu pertendia ter huma conversação com o General Turreau a esse respeito, na minha entrevista com elle a cerca de certificados de origem. No curso da correspondencia que dali rezultou, tive o dissabor de encontrar evidentes indicios de huma clara indifferença da parte de Mr. Madison. Em vez de animar, elle dezalentava absolutamente toda a tentativa de fazer observaçoens quaesquer sobre a carta do General Turreau de 10 de Dezembro, de 1810. Mas irrezestivelmente impellido, como eu era, por principios, e sentimentos absolutamente Americanos, preparei em resposta a minha carta de 18 de Dezembro, de 1810, e a apresentei a Mr. Madison. Percebendo ao lê-la que elle não acquiescia em mandala, lhe suggeri o mero expediente de acrescentar-lhe o que podesse fazer com que o Governo Britanico não desse tanta suppozição aos notivos expressos na carta.

Esta carta de 18 de Dezembro sendo tam notavel no catalogo das offenças que me attrahirao o desprazer de Mr. Madison, os nossos concidadaos julgaraõ dezapaixonadamente pela sua leitura se ella deve ser olhada como "hum peccado imperdoavel."

Art. 8. Refere-se a huma serie de propostos interrogatorios, que deviaõ mandar-se em huma carta a Mr. Serrurier, cuja carta foi supprimida pelo Presidente, e he a seguinte:—

Departamento de Estado, 20 de Fevereiro de 1811.

Snr.

Dezejando por na prezença do Prezidente com a maior precisão a substancia da nossa conferencia de hoje, e sabendo que verbaes communicaçoes são muitas vezes mal entendidas, julgo proprio propor-vos de huma forma escripta, as perguntas, que tive a honra de mencionar-vos em conversação a saber.

“ 1. Foraõ os decretos de Berlin, e Milaõ revogados em *todo* ou em *parte* no 1 de Novembro passado? Ou, tem elles sido revogados em algum tempo posterior aquelle dia? Ou, tendes vos *instrucçoens* do vosso Governo para dar a este Governo alguma segurança ou explicação relativamente á revogação ou modificação daquelles decretos.”

“ 2. Admittem os decretos existentes da França nos portos Francezes, vazos Americanos, com ou sem licenças, carregados dos productos dos Estados Unidos, e debaixo de que regulamentos, e condiçoens.”

“ 3. Admittem elles nos portos Francezes, com ou sem licenças, vazos Americanos, carregados com artigos, nao productos dos Estados Unidos, e debaixo de que regulamentos, e condiçoens?

“ 4. Permittem elles, que vazos Americanos com ou sem licença, voltem de França para os Estados Unidos, e debaixo de que termos, e condiçoens?

“ 5. He a importação para França de artigos quaesquer, productos dos Estados Unidos absolutamente prohibida? Se assim he, quaes são as artigos prohibidos? São especialmente prohibidos o tabaco, e o algodão?

“ 6. Tendes vos *instrucçoens* do vosso Governo para dar a este Governo alguma segurança, ou explicação relativamente aos vazos Americanos, e cargas tomadas pelo decreto de Rambouillet?

Tenho a honra de ser, &c.

R. SMITH.”

Mr. Serrurier, &c.

Art. 9. Na minha carta a Mr. Erskine de 16 de Abril de 1809, Mr. Madison propoz, e insistio, contra as minhas ideas de exactidão, que se inserisse o seguinte parographo.

Mas eu tenho huma expressa recommendação do Prezidente, para dizer-vos, que em quanto elle deixa de insistir no ulterior castigo do official culpado, elle não conhece menos a justiça, e a utilidade de hum tal exemplo, nem está menos persuadido, que isso conviria melhor com o que deve Sua Magestade Britanica á sua propria honra.

A este parographo eu tinha duas objecções : 1. Não era reconciliavel com o alto decoro, que deve observar-se na correspondencia reciproca de Governos.

2. N'hum cazo individual, como no das Naçoens, quando se propoem huma reparação por hum aggravante insulto, a parte insultada não pode coherentemente aceitar huma reparação como satisfactoria, e insistir depois que tal reparação não satisfaz, como a honra pedia. Tal aceite daria a entender necessariamente, que a pusillaniedade da parte insultada, cedeo somente, por medo de hum conflicto, o que a sua logica lhe dizia ao mesmo tempo não ser adequada satisfação.

Art. 10. Refere-se ao manejo da disputa com Hespanha a cerca da Florida do Occidente.

Art. 11. Dis respeito a objectos de politica interior.

Segue-se a concluzão da obra: que aqui juntamos:

Tendo dado aos meos concidadosos hum prospecto das circumstancias pelas quaes deixei o emprego da Secretaria de Estado, não sera fora de proposito, pela sua connexão, dar-lhes hum curto esboço das circumstancias que acompanharão a minha acepção daquelle emprego.

Durante os oito annos d'administração de Mr. Jefferson, Mr. Madison, e eu eramos collegas da secretaria. Houve entre nos, sem interrupção, huma intima communição pessoal. Nos ultimos quatro ou cinco annos, elle me vizitava na minha secretaria, quasi todos os dias, para combinar-mos idéas sobre negocios do seu departamento. Raras vezes escrevia papel de importancia, que não offerecesse á minhas considerações, antes de lhe dar o ultimo toque. Com hum conqherimento de mim, adquirido desta maneira, sendo feito Presidente dos Estados Unidos, me offereceo, em primeiro lugar, a secretaria do Thesouro. Pouco tempo depois, quando estava ainda empregado nas investigações preparatorias e necessarias dos detalhes pertencentes áquelle departamento, Mr. Madison veio ter comigo, e me requereo que tomasse o lugar dos Negocios de Estado: e ao mesmo tempo me communicou as circumstancias, que fazião necessaria esta mudança n'administração; circumstancias, que seria improprio relatar, por não terem connexão com o designio deste *address*.

Desnecessario, como pareça, áquelles que me conhecem, eu julgo ser proprio nesta occasião declarar, que nem Eu, nem parente meu, ou amigo, em tempo algum, directa ou indirectamente, por interposta pessoa, ou de qualquer outro modo, deo, ou mostrou a Mr. Madison, a mais pequena idea de que eu dezejava ser Secretario do Thesouro, ou Secretario de Estado.

Despreziveis contos, como depois ouvi, forao o inverno passado referidos encobertamente a Mr. Madison por hum ab-

jectos e insidiosos parasitas, com intento não so de illudir, mas de assustar seu espirito; e entre outros, hum que o Vice-Prezidente, o General Armstrong, e eu mesmo estavamos occupados em traçar hum plano para nos oppor-mos a elle na proxima eleição Presidencial. Eu tinha considerado esta ridicula historia como totalmente indigna de mencionar-se; e talvez lhe dou agora muita importancia em confessar, que em quanto fui Secretario de Estado, nunca tive por palavra ou escripto communicação alguma, directa ou indirectamente, sobre tal objecto, com o Vice Prezidentê, ou General Armstrong, ou com outra pessoa qualquer. Mas sendo, preteritamente, hum cidadão particular, creio ser me permitido declarar aos meos concidadaos, como mui sinceramente o faço, que para segurar a duração do partido Republicano, assim como para conservar a honra e os melhores interesses dos Estados Unidos, he absolutamente necessario que o nosso Prezidente seja hum homem de espirito energico, de vistas liberaes e extensas, de hum comportamento moderado e decoroso, de sentimentos varonis, e honorificos, e tam activo em manter, como sagaz em discernir, os direitos deste mui deteriorado, offendido, e insultado paiz.

Baltimore Junho 1, 1811.

R. SMITH.

P. S. Confio, que ninguem espere, que eu faça a enumeração das particulares nomeações para o senado, que dezaprovei. Tal empreza seria neste tempo, tam injustificavel, como maligna.

Transcrevemos este *Adresse* de Mr. Smith para que os nossos Leitores conheçam d'hum modo incontestavel, que o Prezidente dos Estados Unidos, Mr. Madison, he creatura de Bonaparte; nem nos admiraremos se o virmos nomeado Principe como premeio de trahir a sua Nação.

EUROPA.

SUECIA.

Os nossos Leitores se lembraraõ do que dissemos sobre as facçoens' com que a Suecia se achava agitada (No. 1. pag. 17 deste Jornal :) o seguinte discurso do novo Rey bem analyzado mostra a verdade do que entaõ dissemos.

Stockolm, 25 de Junho.

Eis aqui o discurso dirigido por S. A. R. o Principe Hereditario aos Deputados das parroquias de Roslagen.

“ Quando o Rey fez executar huma Lei do Reino, e diminuo dois terços do recrutamento do Exercito accordado pelos Estados, S. M. naõ esperava achar algum obstaculo: elle naõ se enganou em suas esperanças. Todas as provincias do Reino virao nas ordens de S. M. huma continuacõ dos seus constantes disvelos pela independencia, e honra futura da Suecia.

“ Algumas parroquias somente se atreveraõ a questionar, se a resoluçõ de S. M. sanccionada pelos Estados, devia ser, ou naõ executada.

“ Empregou-se immediatamente os meios da Justiça, e recorreo-se á força armada para reduzir á obediencia os vassallos desvariados, e para castigar os authores destas criminozas tentativas. Os ultimos nenhuma graça podem esperar: a Lei os sabera castigar.

“ Lançai huma vista sobre o passado: vede o que ereis, ha vinte annos, e o que sois agora. Para adquirir o que vos falta, vos naõ tendes outra garantia mais que as armas, e a firme resoluçõ de as empregar no caso de necessidade.

“ Naõ recieis, que vossos filhos sejaõ maltratados. Eu suavizarei suas precizoens; e quando houver lugar, tomarei

parte em suas privaçoens. A carreira da honra esta patente a todos : todo aquelle que se conduzir bem tem a esperanza de ser hum dia official, e mesmo hum dos chefes do exercito.

“ De boa vontade me encarrego, segundo os vossos rogos, de pedir ao Rey vosso perdao. Mas, dizei-me, estais vos com effeito arrependidos da vossa falta? Quem aqui vos conduz he o medo, e a dissimulacao, ou he antes o amor da Patria, o respeito a vossos juramentos, e o afferro ao Vosso Soberano? Se nao estais penetrados do mais sincero arrependimento, nao vos apresenteis perante vosso Rey. S. M. facilmente leria em vosso rosto vossas intençoens disleaes : mas se, como eu me lizongei, vós estais sinceramente arrependidos do passado, S. M. vos receberá com a bondade de hum Pai, que abre, e estende seos braços a filhos illudidos.

“ Agora que tendes a esperanza de vosso perdao, dizei-me com franqueza, se, no meio de vossas assembleas tumultuozas, nao receastes que vos apparecesse a sombra de Carlos XII, e vos reprehendesse por terdes hezitado hum só momento em fornecer defensores á vossa Patria.”

S. A. R. voltando-se para S. M. lhe dirigio o seguinte discurso:

“ Sire. Os habitantes de huma parte de Roslagen supplicarão-me que fosse seu interprete junto de V. M. Elles vos pedem o perdao, que vos tem sempre caracterizado, declarando a V. M. que elles nunca tiverao a intencao de se oppor ao cumprimento das ordens, que vos lhe destes. Alguns erros, e rumores propagados por estrangeiros, poderao perturbar hum momento a ordem, e tranquillidade, que devem sempre reinar entre os habitantes de Socknestaemmor. Todos elles estaõ hoje convencidos que os tempos de desordem desapparecêrao para sempre da Suecia. Elles estaõ persuadidos que nao podem ser felizes sem o amor das Leis, e da Justica, e sem o mais profundo respeito as ordens de V. M. Eu rogo pois a V. M. se digne perdoar aos habitantes de Roslagen, e ajuntar este novo favor a tantas bondades que vos tendes ja tido para comigo.”

PRUSSIA.

BERLIN, 27 de JULHO.

DECRETO.

FREDERICO GUILHERME pela graça de Deos Rey de Prussia, &c. Dezejando conformar-nos *invariavelmente* com todas as medidas adoptadas por S. M. o Imperador dos Francezes, e Rey de Italia, relativamente ao Commercio maritimo, e ao Systema Continental, Temos decretado o seguinte de accordo com S. dita M.

I. Nos renovamos em todo o seu rigor as antigas prohições de importação de toda a especie de productos colonias, debaixo da irremissivel pena de confiscação: e de hoje em diante não se concederá algum certificado de exportação, que não verifique o pagamento dos direitos estabelecidos pela tarifa continental.

II. Por outra parte temos adoptado, e estabelecido o principio de não pôr obstaculo algum á exportação por mar dos productos continentaes destinados para paizes neutros, ou alliados, e de não sujeitar a hum augmento de direitos os productos do Continente, que são considerados como objectos da primeira necessidade: por esta razão. Nos permittimos, de hoje em diante, a exportação de toda a especie de grao, e de madeira de construcção, sahida de hum porto de Nossos Estados para hum paiz neutro, ou alliado. Ella será considerada, como livre, e legal, pagando todavia hum direito extraordinario de 32 *thalers* e 12 oitavas por cada carregação das ditas mercadorias. Em consequencia ordenamos a Nossos agentes Commerciaes em nossos diferentes portos de mar, que não ponhao algum obstaculo á exportação das produções do paiz, e das do Continente em geral, observando ao mesmo tempo, que não devem dar os certificados requeridos

para o trigo, e madeira de construcção destinados para ser exportados, senão depois do pagamento dos sobreditos direitos.

De resto os ditos agentes *terão a maior vigilancia em manter o systema continental, que continuará a ter sua plena, e inteira execução.*

Assim decreta hum desgraçado Rey escravo! A tal estado de humilhação foi reduzido o successor do Grande Frederico pela traição de hum infame Luchisini, de hum Hangwitz, e de hum Lombard!!! Que lição para os Monarcas!!!

R U S S I A .

SEGUNDO os papeis de Pariz o Exercito de S. M. o Imperador de todas as Russias obteve huma assignalada victoria sobre o exercito Turco commandado em pessoa pelo Gran-Vizir. Eis aqui as principaes circumstancias.

“ O General Russo tendo transferido, a 18 de Junho, seu Quartel General de Bucharest para Giurgewo, soube por alguns prizioneiros, que o Gran-Vizir marchava para Rudschuck á frente de 60,000 homens. Quando soube que o Gran-Vizir tinha chegado a aldea de Sandskine, á alguma distancia de Rudschuck, seguiu com suas tropas a margem direita do Danubio, e se acampou diante da fortaleza.

“ A 2 de Julho 500 Turcos vierao reconhecer nossas linhas, mas forao repellidos pelas habeis manobras do Tenente General Wainoff, e o inimigo mais numeroso do que nos, retirou-se promptamente apenas se aproximavao quatro batalhoens Russos. No mesmo dia nossas tropas se apoderarao das alturas em frente de Rudschuck.

“ A 4 de Julho o Exercito Turco se poz em movimento, e a acção em breve se tornou geral. Os Cosacos obrigáao o inimigo a entrar em combate, manobrando de maneira propria para o attrahir do lado da nossa infantaria, que estava formada em quadrados.

“ O General em Chefe faz justiça aos talentos do Gran-Vizir. Elle empregou todos os meios possiveis para tirar vantagem da extensao de sua linha. Fez avançar muitos corpos consideraveis, huns a pos dos outros contra a nossa a la direita: elle carregou vivamente nossa ala esquerda: enviou successivamente suas melhores tropas aos espaços vazios entre nossos corpos quadrangulares; e mais de huma vez tornou duvidoso o resultado desta grande acção; mas a victoria se declarou finalmente a favor das valorozas tropas de Sua Magestade Russa. O exercito do Gran-Vizir, estando em plena retirada, foi perseguido pelo nosso ate o seu campo entrincheirado. Lá mesmo o inimigo nao

ficou tranquillo : todas as obras que tinha começado forao destruidas, e foi obrigado a fugir com tanta precipitaçao, que todas as suas bagagens se acharao espalhadas no campo.

“ Nossas tropas ficaraõ ate ás sete horas da tarde diante do campo inimigo : mas os Turcos aterrados por sua derrota nao se atrevendo a sahir, retomárao sua antiga poziçao. Alem dos mortos que o inimigo retirou, durante o combate, acharao-se 1,500 no campo da batalha. Tomamos 15 bandeiras. O numero dos feridos, segundo os prisioneiros, he mui grande.

Nos duvidamos de tal batalha, não só porque a expozição acima he mui vaga ; mas porque as cartas de Petersbourg de 20 de Julho, isto he, deseseis dias depois que, segundo os papeis Francezes teve lugar aquella batalha, não fazem menção de tal victoria : pelo contrario anunciaõ que a paz estava a ponto de se concluir entre a Russia, e a Porta, apezar de todos os esforços que o Governo Francez empregava para lhe obstar.

Nos temos cada vez mais razoens para nos persuadirmos, que Alexandre Primeiro conhece ja perfeitamente o Tyranno, e seos projectos hostiz contra a Russia : he hum facto que elle se prepara formidavelmente para a guerra, e que trata de concluir a paz com a Porta, mesmo á força de grandes sacrificios. Nos estamos persuadidos que ha prezentemente a melhor intelligencia entre o Governo Inglez, e Russiano, e que se trata mesmo de grandes medidas. Nos estamos em fim persuadidos que o Imperador Alexandre não será o primeiro em atacar.

FRANCA.

CONTA

Do Estado do Imperio apresentada ao Corpo Legislativo na Sessão de 29 de Junho por S. Exca. o Conde Montalivet, Ministro do Interior.

“ Senhores.

“ DEPOIS de vossa ultima Sessão o Imperio recebeu hum augmento de mais deseseis Departamentos, cinco milhoens de almas, hum territorio que rende cem milhoens, e trezentas legoas de costa com todos os recursos maritimos. As bocas do Rhin, o Mosa, e Escalda não erao entao Francezes: a circulaçao do interior do Imperio era circumscripta; os productos dos seos Departamentos centraes, não podiao chegar ao mar, sem serem submittidos á inspecçao de alfandegas estrangeiras. Estes inconvenientes desapparecerao para sempre. O Arcenal maritimo do Escalda em que se fundao tantas esperanças, recebeu todo o desenvolvimento que precisava. As bocas do Ems, do Weser, e do Elbo poem em nossas maons toda a madeira de Alemanha. As fronteiras do Imperio estao apoiadas sobre o Baltico: e tendo deste modo huma communicacao directa com o Norte, ser-nos-ha facil tirar dali mastros, canhamo, ferro, e as outras muniçoens navaes de que poderiamos ter precisao. Nos unimos actualmente todas os materiaes que a França, Alemanha, e Italia produzem para a construcçao de navios.

“ O Valais, hoje parte integrante da França, nos assegura huma communicacao com a Italia.

“ A uniao de Roma tem feito desapparecer este intermedio embaraçador, que existia entre nossos exercitos do Norte, e do Meiodia da Italia; e nos deo novas costas no Mediterraneo tao uteis, e necessarias a Toulon, omo as do Adriatico o saõ a Veneza. Esta uniao traz taobem comigo a dobrada vantagem—que os Papas cessarao de ser Principes Soberanos—e de serem estranhos á França.

Basta abrir a historia para nos recordarmos de todos os males, que a Religiao tem soffrido pela confuzao do poder temporal com o espirital. Os Papas tem invariavelmente sacrificado as coizas eternas ás temporaes.

“ O divorcio de Henrique VIII. nao foi a cauza da separação da Inglaterra da Igreja de Roma. O dinheiro de S. Pedro occasionou este acontecimento.

“ Se he vantajozo ao Estado, e á Religiao, que o Papa deixe de ser hum Principe Soberano ; he igualmente dezejavel que o Bispo de Roma, chefe de nossa Religiao cesse de nos ser extranho ; mas que reuna em seu coração, ao bem, e amor da Religiao este amor da Patria, caracter inseperavel das almas sublimes. Por outra parte, esta uniao he o unico meio de tornar esta justa influencia, que o Papa deve ter em os negocios espirituaes, compativel com as Leis do Imperio, que nao podem permittir que hum Bispo extranho exerça dentro delle alguma authoridade.

RELIGIAO.

“ O Imperador está satisfeito com o espirito que anima todo o seu clero.

“ A Sollicitude da administração tem tido em vista as precizoens das Dioceses. O estabelecimento d'escolas ecclesiasticas secundarias, chamadas commumente pequenas escolas : a fundação de muitos grandes seminarios, para os estudos maiores ; o restabelecimento das Igrejas por toda a parte, onde tinham sido destruidas, e aquisição de muitas grandes Cathedraes, cuja construcção tinha sido interrompida pela revolução, manifestas provas sao do interesse que o Governo toma no esplendor do culto religioso, e na prosperidade da Religiao.

“ As dissençoens religiosas, consequencias de nossas perturbaçoens politicas, tem inteiramente cessado, e desapparecido : nao ha sacerdotes em França que nao estejaõ em communhao com seos Bispos, e tao unidos em seos principios religiosos, como em seu afferro ao Governo.

“ Ha longo tempo que estaõ vagos vinte e sete Bispos ; e tendo o Papa recusado, em duas differentes epochas, de 1805 a 1807, e depois de 1808 ate o presente, executar as clauzulas da Concordata ; esta deixou por isso de existir. O Imperador foi consequentemente obrigado a juntar todos os Bispos do Imperio, para que elles possuao deliberar sobre os meios de prover as Sés vacantes e as que vagarem para o futuro, conformemente ao que se praticou no reinado de Carlos Magno, de S. Luis, e em to-

dos os seculos, que precederao a Concordata de Francisco I., e Leao X.: porque he da essencia da Religiao Catholica o nao poder dispensar-se do ministerio, e da missao dos Bispos.

Assim he que cessou aquella famosa transaccao entre Francisco I. e Leao X., contra o qual a Igreja, a Universidade, e os Tribunaes Supremos longo tempo protestarao, e que fez dizer aos politicos, e aos magistrados daquella epoca, que o Rey, e o Papa se tinhao mutuamente cedido o que nao pertencia nem a hum, nem a outro. A sorte do Episcopado que tanta influencia vai ter sobre a sorte da Regiao mesmo depende, para o futuro, das deliberaçoens do Concilio de Paris.

O Concilio decidirá se a França hade estar, como a Alemanha sem Episcopado.

De resto se ha outras cauzas de desuniao entre o Imperador, e o Soberano temporal de Roma, nenhuma ha entre o Imperador, e o Papa, como chefe da Religiao; e nada que possa cauzar a menor inquietacao ás almas as mais timoratas.

ORDEM JUDICIAL.

A justiça Cível tinha sido separada da Justiça criminal: a Magistratura só perseguia os delictos quando lhes erao designados pela Policia. O ultimo Codigo que adoptastes unio a Justiça Cível, e Criminal: elle instituiu Tribunaes investidos do direito de perseguir, e accuzar, dando-lhe toda a força necessaria para fazerem executar as Leis. A manutenção, e aperfeiçoamento do *Jury*; a confrontacao das testemunhas, e a publicidade do processo, reuniraõ tudo o que havia de bom no antigo, e novo systema.

S. M. procurou para os differentes lugares aquelles sujeitos que inda restavaõ dos antigos Parlamantos, e cuja idade, e conhecimentos os tornavaõ capazes de serem empregados nos tribunaes: S. M. os impregou de seo moto proprio; dando assim huma nova prova de seu constante desejo de fazer com que os Francezes se esquecaõ de suas antigas disputas, e que todos tenhaõ hum unico interesse —o da Patria, e de Throno.

ADMINISTRAÇÃO.

Tem-se apresentado muitas reclamaçoens sobre os limites dos differentes Departamentos. Fizeraõ-se chegar ao Throno opinioens, que dezejavaõ substituir grandes Prefeituras ás Prefeituras actuaes: mas S. M. rejeitou-as, e

tomou por principio olhar como estabelecido, e permanente o que se tem feito. A instabilidade destroe tudo. A organizaçãõ dos Departamentos tem passado por huma grande revoluçãõ: S. M. considera isso como hum acto de propriedade em que se não deve tocar. Estes Departamentos forãõ organizados, forãõ consolidados no meio de circumstancias attendiveis que tem aproximado seos habitantes, e elles ficaraõ sempre da mesma sorte unidos.

A administraçãõ municipal tem-se por toda aparte aperfeiçoado. Os *Budjets* discutidos, e approvados em Conselho de Estado dirigem, e censuraõ deste modo a administraçãõ de todas as *Communs* do Imperio cuja renda monta a mais de 10,000 francos. A massa destas rendas ja sobe a 80 milhoens. Jamais em algum tempo, e n'algum pais as *Coumuns* tem estado tao ricas. Em toda a parte o *Octroi* he hum imposto soberano: S. M. porem o tem deixado ás *Communs*: todos os estabelecimentos se achãõ taobem no melhor estado, e em quasi todas se tem *emprehendido* a construcçãõ de *Hoteis*, praças, armazaens publicos, e outros trabalhos, que as devem embelecer, e augmentar sua prosperidade.

Tem-se por toda a parte melhorado os hospitaes; e pode se dizer que em nenhuma epoca tem estado em melhor pé. A caridade se exerce com abundancia, e os legados recebidos mo Conselho de Estado para os Hospitaes montaõ a muitos milhoens cada anno.

S. M. tem approvado, e dotado hum grande numero de congregaçõens de irmans de caridade, que tem por fim assistir aos enfermos, e servir os hospitaes. A intençãõ de S. M. he que estas, relativamente aos negocios religiosos, estejaõ debaixo da direcçãõ de seos respectivos Bispos, os unicos a quem pertence a direcçãõ, e cuidado dos negocios espirituaes na extensãõ da sua *Dioceze*. Nenhuma congregaçãõ, debaixo de qualquer pretexto que seja, pode, ou deve subtrahir-se á sua jurisdicçãõ.

Tem-se creado depozitos de mendicidade em 65 Departamentos; em trinta, e dois estaõ ja em actividade, e nestes Departamentos não se permite o mendigar. Estes depozitos precisaõ ser aperfeiçoados, a fim de que, sendo os seos trabalhos bem estabelecidos, e regulados, possaõ prover á maior parte de suas despezas.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

A Universidade tem feito progressos. Alguns Lyceos eraõ mal organizados: os principios da Religião, fundamento

de toda a Instituição, bem como de toda a moral, não entravaõ em seu plano, ou eraõ fracamente praticados O Gran-Mestre, e o Conselho da Universidade remediãraõ a maior parte destes abuzos. Com tudo resta ainda muito que fazer para realizar as esperanças, e as vistas do Imperador nesta grande creação.

A educação de familia he a que precisa mais ser animada: mas como os Pais saõ obrigados taoõ frequentemente a confiar seos filhos a Collegios, e outras Instituições, a intenção do Imperador he, que a organização da Universidade se estenda a todos os Collegios, e Instituições de todas as classes, a fim de que a educação não seja mais como hum ramo de commercio exercido com as vistas de interesse pecuniario. Dirigir a educação he huma das mais nobres funcções do Pai de familia, he hum dos principaes objectos dos Instituições Nacionaes. O numero dos Lyceos, e o dos Collegios *communes* será augmentado, e o das Instituições particulares gradualmente diminuido, ate que todas estas sejam extinctas.

Toda a educação publica deve ser dirigida pela disciplina militar, e não pela policia civil, ou ecclesiastica. O habito da disciplina militar he o mais util, porque em todos os estados da vida os Cidadãos tem necessidade de defender suas propriedades contra os inimigos exteriores, ou internos.

Saõ ainda precisos dez annos para que se realize todo o bem, que S. M. espera da Universidade, e para que suas vistas se preenchão; mas ja se tem obtido grandes vantagens; e o que existe he preferivel ao que jamais tem existido.

Relativamente á instituição primaria dos meninos S. M. vê com prazer o estabelecimento das pequenas escolas, cuja propagação dezeit.

Alem das cazas de S. Deniz, e d'Ecouen, instituirão-se seis cazas para educação das filhas, cujos pais se tem sacrificado ao serviço do Estado.

SCIENCIAS, E ARTES.

A descoberta da agulha de marear produziu huma revolução no commercio: o assucar destruiu o uzo do mel, o anil o uzo do Pastel (planta.) Os progressos da chimica estaõ operando neste momento huma revolução em sentido inverso: ella conseguiu ja extrahir o assucar das uvas, do Bordo, e da Beteraba. O Pastel, que tinha enriquecido o Languedoc, e huma parte da Italia, mas

que na infancia da Chimica nao tinha podido sustentar a concurrencia com o anil, retoma agora o ascendente: a chimica extrahe actualmente desta planta huma fecula preferivel ao anil por seu custo, e qualidade. Todos os ramos das Sciencias, e das Artes se aperfeicoao.

OBRAS PUBLICAS.

Ha dez annos que se tem comprehendido grandes trabalhos, e annualmente se tem continuado com hum novo zelo, e novo augmento de meios. Em 1810 empregarao-se cento trinta e oito milhoens nestes trabalhos: para o de 1811 estao destinados cento cincoenta, e cinco.

Mappa comparativo das despezas para os trabalhos publicos em 1810, e 1811.

Objectos das Despezas.	Total das Despezas.	
	em 1810.	em 1811.
	Francos.	Francos.
<i>Ministro da Guerra.</i>		
Construcção de Praças, e novas obras - - - -	16,984,600	22,670,000
<i>Ministerio da Marinho.</i>		
Obras Hydraulicas. Trabalhos de bahias, e portos - -	5,757,840	7,000,000
<i>Ministerio da Interior.</i>		
Construcçoens novas nos estabelecimentos publicos — Escola das Artes, e Officios—Reparaçoens - - - -	1,095,254	12,678,000
<i>Pontes, e Estradas.</i>		
Estradas - - - -	36,299,413	40,580,635
Pontes - - - -	4,505,711	5,101,172
Navegação, Canaes, e desseca-mentos - - - -	21,621,735	18,715,947
Portos de commercio, diques, &c.	7,822,486	4,218,682
Obras de Paris, e dos Palacios	22,330,753	28,007,836
Obras nas Cidades dos Departamentos - - - -	19,745,075	20,200,000
<i>Ministerio dos Cultos.</i>		
Construcção, e reparação das Igrejas - - - -	1,977,860	2,728,788

No meio de guerras, e despezas, que exercitos immensos, e que a organisação, e creação de numerozas fro-
tas exigem, os sacrificios, que o Thezouro Imperial faz
para occorrer as obras publicas, são taes, que excedem
n'hum só anno tudo o que na antiga Monarquia se des-
pendia n'huma geração inteira.

FORTIFICAÇÕES.

Huma grande parte destas despezas tem por objecto a
creação de novas Praças fortes: são obras feitas com vis-
tas futuras para consolidar, e fortificar o Imperio.

Fundou-se huma Praça da segunda ordem no Texel,
para defender a embocadura de Zuyderzee; tres mil ho-
mens poderao sustentar ali hum sitio de muitos mezes.
Anvers, Breskens, o Forte Imperial de Cadsand, Wilhem-
stadt, a Eclusa, o Sas-de-Gand, são ja barreiras mui res-
peitaveis: Flessinga, cercada de Fortes, que estão fora do
alcance de bombas, coberta por inundaçoens reguladas, e
por multiplicadas obras, está para sempre ao obrigo de
toda a tentativa.

Em 1810, e 1811 despenderao-se mais de oito milhoens
nas Praças do Escalda: era natural o fazer grandes obras
em hum ponto, que sera sempre o objecto do ciume, e
receios de nossos inimigos naturaes.

Construirao-se novas obras em Ostende: ja existia ali
hum recinto, mas era de pouco valor. Começarao-se
igualmente grandes obras em Bolonha, Havre, e Cherbourg.
O Havre tinha sido contruido por Vauban: alguns annos
antes da revolução, julgou-se conveniente, debaixo de
falsos pretextos, destruir as suas fortificaçoens. Ficou des-
mantelada, e aberta esta cidade que he a chave do Se-
na, e que se pode verdadeiramente chamar—o Porto de
Paris. Tem-se mandado ali fazer consideraveis obras: a
Praça está ja formada, e em estado de sustentar hum
sitio.

O estabelecimento do Porto de Cherbourg exige vas-
tas fortificaçoens; e do fim deste anno em diante esta Pra-
ça ficara em estado de sustentar hum cerco. Os planos
adoptados são vastos, e virá a ser huma Praça da pri-
meira ordem.

Desde o anno passado recommençarao-se as obras de Dun-
kerque, Montreuil, e Abbeville, que se tinhaõ desprezado.
Estes baluartes são restabelecidos no melhor pé. Trata-se
de completar, e de reparar a defeza de Brest, estabeleceo-
se hum novo systema de fortificaçoens para L'Orient, e
Rochefort.

Os trabalhos das Ilhas St. Mar-couf, Belle-Isle, e Ilha d'Aix se vão continuando. Tem-se accrescentado novas obras ás fortificaçoens de Toulon, e outras se estão construindo nas Ilhas de Hyeres, em Genova, e em Spezzia. Tem-se trabalhado, e continua-se a trabalhar para augmentar consideravelmente, do lado de terra, as importantes fortificaçoens de Porto-Ferraio.

Ha quatro annos que se fazem grandes obras em Corfu, Praça ja mui forte. Adoptaraõ-se novos projectos; e esta chave do Adriatico tem huma guarniçaõ de 12,000 homens, tendo viveres para dois annos, e huma numeroza artilharia approvizionada para hum sitio da mais longa duraçaõ.

O Forte Napoleaõ se eleva na margem esquerda do Rhin em frente Wesel, cujas fortificaçoens antigas estão corrigidas, e aperfeiçoadas. Venloo, e Juliers se achão no melhor estado. Cassel, e Kell reedificadas. As obras começadas depois de 1807 apresentão ja hum rezultado satisfactorio; e as importantes pontes de Wesel, Moguncia, e Strasburgo estão cobertas nas duas margens, por outras tantas Praças da primeira ordem. Alexandria, que he o centro formidavel de nossas armazaens, e nosso ponto de apoio alem dos Alpes, he, dez annos ha, o objecto de huma despesa annual de 3,000,000 de francos.

Trabalha-se no reino de Italia com o mesmo ardor nas fortificaçoens de Palma-Nova, e Osopo, bem como em augmentar as obras de Ancona, Veneza, e Mantua.

Vendo a actividade que reina, ha oito annos, nas obras de todas as nossas fronteiras, dir-se-hia, que a França está ameaçada de huma invazão proxima. Para fazer hum contraste com esta idea, eu não tenho precisaõ de expor aos vossos olhos a situaçaõ de todos os nossos vizinhos, que são nossos alliados, e que estão unidos ao nosso systema, e a preponderancia, que as ultimas campanhas nos deraõ; mas eu direi somente, que quando em iguaes circumstancias se tem sacrificado em poucos annos mais de 100 milhoens em despesas que só interessão o futuro, he preciso agradecer ao Governo, que não contente com segurar a felicidade da geraçaõ actual, quer taobem garantir a tranquillidade da geraçaõ futura e dominar deste modo ate os mais remotos successos da fortuna.

PORTOS.

Trabalha-se em nossos portos com igual actividade. Em Anvers tirou-se, desde o fim do anno passado, o dique do molhe. Podem ali ancorar, e sahir, completamente

armados dezoito navios de linha, mesmo de tres pontes. No principio deste anno, forao concertados, e ferrados de cobre duas naos de 80 peças. Os trabalhos continuao-se com ardor. Antes do fim do mez de Setembro proximo o molhe poderá conter trinta navios.

Estes navios de linha nao podiao entrar no porto de Flessinga, senao desarmados: dessecou-se, e izolou-se a Eclusa, trabalha-se em profundar o ancoradoiro, de maneira que poderao entrar vinte navios completamente armados neste molhe. Os caes que os Inglezes tinhao destruido estao reedificados. Trabalha-se em reconstruir o armazem geral, ficando livre das bombas.

Estao determinados os primeiros fundos para o ancoradoiro de Terneuse, cujos fundamentos estao lançados. Vinte navios de linha completamente armados poderao sahir deste porto n'huma só maré; e poderá conter mais de quarenta.

A Eclusa de Ostende está acabada: ella he da maior utilidade para este porto. A de Dunkerque principiará a trabalhar no fim do anno; e esperao-se della grandes resultados para profundar o canal. A Eclusa do Havre está concluida; ella produzirá felizes effeitos.

As despezas na enseada de Cherbourg sao de duas especies. He preciso 1. levantar o dique acima do nivel das marés, o que estará concluido no fim do anno: 2. estabelecer fortes nas extremidades do dique, para defender a enseada. O forte do centro está concluida. Depois de segura a enseada, restava fazer hum porto: nove decimo deste grande trabalho estao feitos: trinta navios de linha poderao ancorar no molhe, e seu porto. Hum navio que foi damnificado por hum accidente do mar pôde ja entrar naquelle molhe e concertar se ali. O porto, e molhe estarao acabados em 1812. Só as obras de Cherbourg exigem mais de tres milhoens por anno.

Todos os portos da segunda e terceira ordem sao o objecto de maiores, ou menores trabalhos: todos se melhorao com grande rapidez.

CANALS.

O Canal de S. Quentin está concluido; e a sua navegacao tem estado na maior actividade desde o principio deste anno; elle influe ja sobre o preço da lenha, e carvaõ na Capital.

Hum terço do Canal do Norte, que une o Rbin ao Escalda, estava feito: mas tornando-se inutil pela uniao da Hollanda, suspenderao-se estes trabalhos.

O Canal Napoleão que junta o Rhin ao Saõna ficara concluido em quatro annos, para o que estão determinados tres milhoens por anno. O Canal de Bourgonha que une o Saõna ao Sena se continua com actividade, e nelle se despendera este anno 1,500,000 francos. A terça parte do Canal d'Arles, que faz chegar o Rhodano ao Port-du-Bouc, está feita: trabalha-se no canal que corta a península de Bretanha juntando a Rance á Villaine. O Canal de Blavet, que junta Napoleonville a L'Orient, e que hum dia conduzirá de Napoleonville a Brest está quasi acabado. Muitos outros canaes de menor importancia estão concluidos, ou se trabalha nelles com grande actividade.

ESTRADAS.

Melhorando as estradas encurtaõ-se as distancias: a que havia de Turin a Paris diminuiu-se trinta e seis horas, a saber vinte e quatro-horas para a passagem do Monte-Cenis, e doze horas para a nova estrada de la Maurienne. S. M. decretou o estabelecimento de huma nova estrada de Paris para Chamberg por Tournus. Esta estrada, evitando as montanhas, sera mais breve oito horas. Desta sorte Turin ficará mais perto de Paris quarenta, e quatro horas, que he quasi ametade da distancia.

Milão ficou mais proxima a Paris, pela estrada de Simplon, mais de cincoenta de marcha, comparando a estrada actual com a que existia, ha dez annos.

Bayonna e Hespanha estão mais perto de Paris desoito horas, pela calçada feita nos areaes das charnecas entre Bordeaux, e Bayonna.

Moguncia, e Alemanha aproximaraõ-se doze horas pela calçada construida nos areaes de Moguncia para Metz; e Hambourgo o sera, mais de sessenta horas no anno proximo pela calçada feita a travez dos areaes de Maestrich ate o Wesel, e do Wesel para Hambourgo: e não se achará exemplo na historia de se fazerem 80 legoas de estrada no espaço de dois annos. Dez companhias de obreiros trabalham nesta obra; e antes do fim de 1811 muito mais de ametade desta estrada estará acabada. Amsterdam se aproximará tao bem de Paris doze horas pela calçada mandada fazer nos areaes de Anvers para Amsterdam, em muitos pontos daqual ja se trabalha. Estão-se abrindo novas estradas de Spezzia para Parma, de Horença para Rimini, e de Niza para Genova.

Todos os Conselhos Geraes dos Departamentos rivalizaõ em zelo para secundar as intençoens do Soberano, e por

toda a parte se abrem estradas para estabelecer communações entre os diferentes pontos dos departamentos.

Empreheo-se a construcção de hum grande numero de pontes; as de Bordeos e Ruaõ; as de Avinhão sobre o Rhodano, de Turin sobre o Pó são as mais notaveis. As de Bordeos, e Ruaõ bem como a que se concluiu este anno sobre o Durance, eraõ consideradas como impossiveis. Muitas outras pontes estão acabadas.

OBRAS EM PARIS.

O Canal de l'Ourcq, e a distribuição de suas agoas em diferentes partes de Paris, são o objecto de huma despeza de 2,500,000 francos. Em alguns annos estaraõ completamente acabadas estas obras ja sessenta fontes espalhão as agoas de l'Ourcq nos bairros e praças principaes da capital. O Sena, o Marne, o Yonne, e Oise são o objecto de consideraveis obras para melhorar sua navegação. O Côte de S. Maur, que estará concluido no anno proximo abreviara a navegação do Marne cinco legoas, e fornecerá agoas para numerosos canaes. As eclusas estabelecidas na Porte de l'Arche, em Vernon, &c. facilitarão a navegação do Sena; e outras eclusas a estendem ate Troyes, e Aube. As pontes de Choisy, de Besons, e de Jena facilitão as communações, e contribuem para o affirmozamento da Capital.

O Louvre está a concluir-se; manda-se arrazar esta quantidade de cazas, que estão entre o Louvre, e as Tuileries; e huma segunda galaria une os dois Palacios.

MARINHA.

Nos perdemos a Guadalupe, e a Ilha de França. O desejo de soccorrer estas colonias não devia tentar-nos a fazer sair nossas esquadras no estado de inferioridade relativa em que se achão.

A uniaõ da Hollanda á França forneceo-nos 10,000 marinheiros, e treze navios de linha. Nos temos consideraveis esquadras no Escalda, e em Toulon. Temos mais ou menos fortes divizoens de navios de linha em diferentes portos, e quinze a fazer-se nos estaleiros de Anvers. Tudo está disposto de maneira que todos os annos se augmenta a nossa esquadra do Escalda com hum grande numero de navios de guerra. Estão-se construindo dois navios de linha em Cherbourgo, e temos ali huma taõ consideravel provizaõ de madeiras, e de materiaes de toda a especie, que antes

do fim do anno corrente podemos pôr nos estaleiros mais cinco. L'Orient, Rochefort, e Toulon tem os seus estaleiros todos occupados. Estão-se construindo numerosos navios em Veneza. Napoles, conforme os tratados, devia ter este anno seis navios de linha, e outras tantas fragatas: não as tem: o Governo deste paiz se convencerá da necessidade de reparar esta negligencia.

Nossos recursos, nossa navegação interna bastão para elevar em poucos annos o *material* de nossa marinha ao mesmo ponto que a dos nossos inimigos.

As experiencias feitas com a conscripção maritima tem sido felizes: mancebos de 18, 19, e 20 annos posto abordo de nossos navios mostraõ a melhor vontade, e aprendem rapidamente. As frequentes sortidas de nossas esquadras, a navegação pela costa, as evoluções de nossas frotas, e *frotilhas* no Zuyderzée, Escalda, e em nossas enseadas tem progressivamente habilitado nossos novos conscriptos, que nos dão lugar de conceber as melhores esperanças.

GUERRA.

Em hum anno a maior parte das Praças fortes de Hespanha tem sido tomadas depois de sitios que honraõ o genio, e artilharia do exercito Francez. Mais de 200 bandeiras, 80,000 prizioneiros, e alguns centos de canhoens tem sido tomados aos Hespanhoes em muitas batalhas campaes. Esta guerra hia a terminar, quando a Inglaterra, afastando-se da sua ordinaria Politica, se foi apresentar na primeira linha. He facil prever o resultado desta luta, e comprehender todos os seus effeitos sobre os destinos do mundo.

Não sendo a população de Inglaterra bastante para occupar as duas Indias, a America, e muitos estabelecimentos no Mediterraneo; não sendo sufficiente para defender a Irlanda, e suas proprias costas; para as guarnições, e equipagens de suas frotas immensas; para reparar o consumo de homens n'uma guerra obstinada contra a França na Peninsula; he claro que muitas circunstancias são a nosso favor; e a Inglaterra está exposta ou á ruina da sua população se persiste em sustentar esta guerra; ou á vergonha, se a abandona depois de se ter nella empenhado com tanta força.

A França tem 800,000 homens em armas; e quando novas forças, e novos exercitos estão marchando para a Hespanha, afim de combaterem ali nossos inimigos eternos; 400,000 homens, e 50,000 cavalloos ficaõ no interior do

imperio, em nossas costas, e fronteiras, promptos para marchar a defender nossos direitos em qualquer parte, que possam ser ameaçados.

O systema continental, que se observa, e segue com a maior constancia vai minando e destruindo a base das finanças da Inglaterra: seu cambio perde ja 33 por 100: suas produções colonias não tem extracção; a maior parte das suas fabricas estão fechadas e o systema continental augmenta progressivamente: seguido por dez annos bastaria por si só para arruinar e destruir os recursos da Inglaterra.

Suas rendas não são fundadas sobre o producto de seu terreno, mas sobre o producto do commercio do mundo: prezentemente ametade de seus escriptorios estão fechados. Debalde esperão os Inglezes do beneficio do tempo, e dos acontecimentos, que suas paixões excitão, que abraõ mercados ao seu commercio.

Quanto á França, o systema continental nada tem mudado na sua situação: ha dez annos que nos estamos sem commercio maritimo e *continuaremos a estar sem elle*. A prohibição das mercadorias Inglezas no continente tem aberto a extracção a nossas manufacturas: toca ás nossas fabricas o regular-se segundo as necessidades de sessenta milhoens de consumidores.

A prosperidade do Thezoiro Imperial não está fundada sobre o Commercio do Universo: mais de nove centos milhoens que são necessarios para occorrer ás despezas do Imperio, são o resultado de impostos directos, ou indirectos naturaes. A Inglaterra precisa de dois mil milhoens para saldar suas despezas; e sua renda propria não lhe poderia fornecer mais de hum terço daquella somma. Nós acreditaremos que a Inglaterra pode sustentar tanto tempo, como nós, esta luta, quando ella tiver passado muitos annos sem empréstimos, sem consolidação de bilhetes do Exchequer, e quando seus pagamentos se fizerem em dinheiro, ou pelo menos em papel cambiavel, quando se quizer.

Todo o homem razoavel deve estar persuadido que a França pode permanecer no estado actual sem experimentar outros embaraços mais, doque aquelles que ha dez annos experimenta, sem augmentar sua divida, e fazendo frente a todas as suas despezas.

A Inglaterra, em cada anno de guerra deve pedir emprestados oito centos milhoens; o que em dez annos faria oito mil milhoens. Como se pode conceber que ella possa para o futuro supportar hum augmento de contribuições de quatro centos milhoens para pagar os interesses dos em-

prestimos, quando ella não tem o que he preciso para occorrer ás suas despezas, senão pedindo emprestados oito centos milhoens cada anno? O systema actual das finanças de Inglaterra só pode ser fundado na paz: todos os systemas de finanças fundados em emprestimos são effectivamente pacificos de sua natureza; pois que pedir emprestado he chamar os recursos futuros em soccorro das necessidades presentes. Com tudo a administração actual da Inglaterra tem proclamado o principio da guerra perpetua; que he o mesmo que se o Chancellor do Exchequer annunciasse, que dentro d'alguns annos proporia o Bill da Banca-rôta. Com effeito está mathematicamente demonstrado, que pertender pagar ás despezas com oito centos milhoens de emprestimos annuaes, he declarar que dentro d'alguns annos não haverá outro recurso, que fazer huma Banca-rôta. Esta observação fere diariamente os homens de penetração, e discernimento; e em cada campanha ella será mais vivamente sentida por todos os capitalistas.

Nos estamos no quarto anno da guerra de Hespanha: mas, ainda que não seja senão depois de algumas campanhas, a Hespanha será subjugada, e os Inglezes dali expulso. Que são mais alguns annos para consolidar o grande imperio, e segurar a tranquillidade de nossos filhos? O Governo dezeja a paz; mas ella não pode fazer-se em quanto os negocios da Inglaterra forem dirigidos por homens, que toda a sua vida tem feito profissão da guerra perpetua: e sem garantia de que servirá huma tal paz á Franca? No fim de dois annos as frotas Inglezas apanharião nossos navios, e arruinarião nossas praças de Bordeaux, Nantes, Amsterdam, Marselha, Genova, Liorne, Veneza, Napoles, Trieste, Hamburgo, como já fizerao: huma tal paz não seria mais que hum laço armado a nosso commercio: ella seria util somente á Inglaterra, que tornaria a achar hum mercado para o seu commercio, e que mudaria o systema continental. O penhor da paz está na existencia de nossa frota, e de nossa poderosa marinha. Nos poderemos fazer a paz com segurança, quando tivermos cento cincoenta navios de linha; e apezar dos obstaculos da guerra, a situação do imperio he tal, que em pouco tempo nos teremos este numero de navios. Assim a garantia de nossa frota, e a de huma administração Ingleza fundada em principios diferentes daquelles que o actual Gabinete professa, he que podem dar a paz ao universo. Ella nos seria sem duvida util; mas ella he dezejavel debaixo de toda a especie de relações. Nos diremos mais; o continente, o mundo inteiro a reclamão; mas nós temos huma consolação, e he que os nossos inimigos a dezejão inda mais do que nós; e

por mais esforços que o Ministerio Inglez faça para a turdir a Nação pela multiplicidade de *pamphletos*, e por tudo o que pode ter em movimento huma população avida de novidades, elle não pode occultar ao mundo, quanto a paz se torna todos os dias mais indispensavel para Inglaterra.

Desta sorte, Senhores tudo presentemente nos promette, e garante hum futuro tão feliz, quanto cheio de gloria; e nós achamos hum penhor de hum tal futuro neste filho tão dezejado, que, sendo finalmente concedido á nossos votos vai perpetuar a mais illustre dynastia; neste filho, que, no meio das festas de que vossa reuniao parece fazer parte, recebe ja com o grande Napoleão, e com a Princeza Augusta, que elle associou a seos altos destinos, as homenagens de amor, e respeito de todos os povos do imperio.

OBSERVAÇOENS SOBRE A CONTA APRESENTADA AO CORPO LEGISLATIVO.

He preciso ser o que Bonaparte he, queremos dizer, o mais perverso de todos os homens, para ter o descaramento de começar a sua conta dizendo que mais deseseis departamentos se juntarão ao Imperio, com cinco milhoens de habitantes, e cem milhoens de renda.—Como adquirio elle tudo isto? Foi por huma guerra justamente sustentada? Foi em virtude de hum solemne tratado? Não: foi anniquilando a existencia politica de hum paiz, cuja independencia elle tinha garantido; que elle mesmo tinha erigido em reino, a quem elle mesmo tinha dado huma constituição; e esbulhando da sua posse seu proprio irmão, so porque este era justo!!! E quando Bonaparte emprega para os seos fins sempre meios extraordinarios; como querem os Governos combate-lo com meios ordinarios? Parece huma cegueira; fatal cegueira, cujas consequencias tem sido tão funestas!

Mas todas estas acquizições tem realmente augmentado o poder do tyranno? Não. Poucos dias depois da uniao da Hollanda á França, os habitantes daquelle desventurado paiz deraõ evidentes signaes

de seu descontentamento: Bonaparte pôde por então suffocar a insurreiçãõ á força de tropa; e esta he hoje muito mais numeroza na Hollanda, doque antes da sua uniaõ á França. Poderá ali recrutar igual numero? Pode ser: mas poderá elle fazer dos Hollandezes bons soldados, e vassallos, que lhe sejam affeiçãoados? Nunca. Bonaparte pois, em vez de augmentar realmente o seu poder com tão execraveis usurpaçoens, não fez mais que augmentar o numero dos seus inimigos.

Quanto á uniaõ de Roma ao Imperio; onde faria Bonaparte a descoberta de que o rompimento entre Henrique 8. e o Papa não foi occasionado pela repulsa deste em conceder o divorcio daquelle? Nos pensamos que esta pretendida descoberta tem só por mira dizer aos Francezes, que a conducta, que elle teve, repudiando Josephina, he conforme aos verdadeiros principios da Igreja Galicana.

Bonaparte tem a impudencia de dizer que desenthronizára o Papa. E porque? Porque precisava de hum reino para seu filho; e porque pertende que os Papas sejam taobem seus vassallos, para que lhe não possam resistir aos seus projectos anti-religiosos; e para os mandar fuzilar, quando tenhaõ a virtude de se lhe oppor. Mas huma vez que elle não nomee seu tio o Cardeal Fesch cujos *deboches* presentes, e crimes passados são bem conhecidos ou qualquer outro sacerdote revolucionario, Bispo de Roma, he impossivel que outra Cabeça do mundo Christão lhe possa obedecer, e amar a França. Quanto não foi obrigado a soffrer o desgraçado Pio VII. quando vizitou a Corte de S. Cloud na coroaçãõ de Bonaparte!

Eu estou satisfeito, diz o tyranno, do espirito que anima o clero. Ah! Não insulteis assim o Clero Francez! Nós sabemos que hum grande numero de sacerdotes indignos são creaturas, vossas, e vossos espias: mas nos sabemos taobem que ha em vosso Imperio Ministros da Religiãõ mui respeitaveis, e que nem vossas ameaças, nem vossa fereza, nem vossa tyrannia podem fazer tremer ou aterrar. Nos sabemos que em toda a França não ha somente Mr. F— eloquente Pregador da Igreja de S. Sulpicio em Pariz, que vos encarcerastes, porque não quiz louvar

nem a conscripção, nem vossas leis, nem vossa tyrannia! Inda existe em França hum Bispo de Troies, hum Bispo de Tournay, e hum Bispo de Gand, que não receião dizer-vos terriveis verdades que fazem ja o vosso tormento, e que vos perseguem acordado, ou dormindo!

O Author de todos os males, a quem alguns Inglezes chamaõ *Instrumento da Providencia*, termina o artigo Religiaõ dizendo, que se ha algumas cauzas de desuniaõ entre o Imperador, e o Soberano temporal de Roma: nenhuma existe entre o Imperador, e o Papa, como chefe da Religiaõ. Que distincção insultadora! Ella parece insignificante em apparencia; e com tudo ella contem realmente toda o segredo da situaçaõ relativa do Papa, e de Bonaparte. A rapidez, e affectada indifferença com que Bonaparte falla das desavenças as mais serias, que jamais houve entre o Papa, e algum outro Soberano da Europa, provaõ quanto elle recea irritar a opiniaõ publica, e quanto o Supremo Chefe da Igreja, este Venerando Ancião que elle tem em ferros, lhe he assim mesmo temivel!!

Quanto a ordem judicial.—Era melhor que Bonaparte não fallasse sobre tal ponto. Todo o mundo em França sabe que a Justiça he comprada: que a recommendaçãõ de hum Conselheiro de Estado, ou de hum General favorito basta para fazer ganhar huma cauza. Todo o mundo sabe que em tudo aquillo em que Bonaparte se mete directa, ou indirectamente, a Deos Justiça! *Sic volo, sic jubeo, stat pro ratione voluntas*. Não ha hum só viajante, hum só escriptor que diga o contrario.—Pensando dar hum passo mui politico, elle amalgamou em seos tribunaes membros mui respeitaveis da antiga judicatura com juizes ignorantes, verdadeiramente perversos, verdadeiros algozes; da mesma sorte que tinha chamado para os mesmos cabidos, e unido nas mesmas Igrejas Sacerdotes apostatas com Ministros fieis: quantas desordens quantos males se não devem esperar desta amalgação!

Fallando da administraçaõ, termina nestas memoraveis palavras—a instabilidade destroe todas as coizas.—Eis aqui huma consolaçaõ para todos os povos op-

primidos. Robespierre julgou a sua dictadura firme, e elle foi morrer na guilhotina. O directorio que se considerava seguro, foi destruido: Bonaparte fez-se proclamar primeiro Consul por dez annos; pouco depois Consul vitalicio; passados alguns mezes Imperador. Tal he a instabilidade das coizas humanas. Elle conhece a pouca, ou nenhuma estabilidade do seu usurpado Imperio, Imperio de horror, de carnagem, e sangue: de balde a vil adulação de hum senado escravo o chama o enviado da Providencia; chamem-lhe embora Imperador do Ceo e Terra: tudo isso somente serve de augmentar seos remorsos, e sua inquietação. Sua inquietação, e a instabilidade de todas as coizas produzirão o seu final estrago.

Relativamente a Hospitaes, pode ser, que tenhaõ hoje algum melhoramento; mas o que nos sabemos com certeza he, que ainda não ha tres annos, elles se achavaõ no mais deploravel estado: não menos de tres doentes jaziaõ accumulados em huma mesma cama: hoje estaraõ dois; mas attendendo ao descaramento, e despejo com que o imperador mente, e seos Ministros, he provavel, que os Hospitaes estejaõ no mesmo, se não em peor estado.

Decretaraõ se, he verdade, cazas de trabalhar, e cazas de caridade: mas he inda mais verdade, que nem huma se estabeleceo. Decretaraõ-se pensoens para as viuvras, e filhas dos muitos milhares, que terminaraõ seos dias na sanguinolenta batalha de Austrelitz; mas nem huma só se deo taobem.

Quanto á Instrucção Publica.—Como pode a Religiaõ ser respeitada nos Lyceos da França; como pode nelles haver costumes, se a maior parte dos seos Chefes são professos Atheos, encarniçados e regicidas! Como, se elles são dirigidos por homens, que foraõ membros dos *committés* revolucionarios no tempo de Robespierre, e que na convenção votaraõ a sangue frio pela morte do seu desgraçado Rey, taes como Foucroy, Chenier, Champagne, actual Professor no Lyceo de Pariz, Izabot, &c. &c.!

Toda a educação publica deve ser regulada pela disciplina militar, &c.

Como os nossos leitores talvez não saibaõ o sentido destas palavras, he preciso explicar-lho. Em todos

os Lyceos os rapazes trazem uniformes, e são organizados em divizoens militares, cada huma das quaes tem seos Capitaens, Tenentes, e Sargentos; elles vão para os exercicios manuaes todas as manhães; e as horas da comida, recreio, são annunciadas, e reguladas a toque de tambor.

Tudo isto quer dizer, que tudo deve ser amoldado em França ao regimen militar. Desde que Bonaparte se fez proclamar Primeiro Consul, procurou todos os meios de se apoderar da mocidade a fim deque os Francezes se tornassem em huma nação escrava e ao mesmo tempo militar. “Esta
 “blasphemia politica, e religioza, diz num estima-
 “vel Escriptor, foi agora proclamada pela primeira
 “vez á face da terra. Deste modo, a mocidade de
 “huma das Naçoens as mais policiadas, e as mais
 “amaveis da Europa, deve ser educada debaixo da
 “influencia do sabre: e o instrumento, que chama
 “os homens para a carnagem, deve incessante-
 “mente retenir nos lugares consagrados ao estudo
 “das Sciencias, das Bellas Letras, e á cultura das
 “Bellas Artes. A epoca da barbaridade se approx-
 “ima; e em breve os Francezes, submergidos em
 “huma ignorancia selvagem, serão os escravos da-
 “quelles mesmos povos, que hoje combatem, ou sub-
 “jugaõ. Não haverá mais escolas particulares: o
 “Tyranno as teme, porque, qualquer que seja a
 “actividade do seu despotismo, elle não as pode
 “dominar todas, nem fazer ali penetrar aquellas
 “venenozas doutrinas, que são destinadas a suffo-
 “car nos tenros coraçõens todas as sementes da Re-
 “ligião, o amor das letras, o amor da Patria, bem
 “como aquellas doces sympathias, que unem os ho-
 “mens desde a mais tenra idade, e que, mesmo nos
 “ultimos dias de sua existencia, fazem o seu en-
 “canto pelas ternas lembranças que lhes deixaõ im-
 “pressas.”

O habito da disciplina militar, diz Bonaparte, he o mais util, pois que em todos os estados de vida os *Cidadaons* tem necessidade de defender suas propriedades—Que insulto! Por ventura ha *Cidadaõ* sem Patria? Ha *cidadaõ* sem liberdade? Francezes, onde está a vossa liberdade? Onde está a vossa Patria, onde a vossa propriedade? Ah! tudo pe-

destes! Praza ao Ceo que não percaes tão bem o sentimento do que fostes, e do que sois!

Fallando dos progressos que as Sciencias tem feito em todos os ramos, aponta os da chimica. Em que consistem estes pertendidos progressos da chimica em Franca? Em saber extrahir assucar das uvas, Betarabas, &c. Mas ha huma charlatanaria mais ridicula, nem huma puerilidade tão miseravel! Dá isto como huma descoberta, como se fosse agora somente que a Chimica sabe extrahir assucar daquellas, e de muitas outras substancias! Que vergonhoza ignorancia! E com tudo tem a impudencia de dizer que esta pertendida descoberta prepara no commercio huma revolução igual á quella que a descoberta da Bussola produzio.—N'hum só coiza tem a chimica avançado em Franca, que he na preparação de excellentes venenos com que Napoleão o Grande se desfaz dos seus inimigos, ou que elle julga taes. O Almirante Bruix, o Cavallario d'Azara Embaixador Hespanhol em Pariz, o Conde Bunau Ministro da Suecia, o Conde Luis Cobentzel Ministro Austriaco dos Negocios Estrangeiros; a desgraçada familia de Colloredo, o ultimo Principe herdeiro da Suecia; e segundo cremos a ultima Rainha de Prussia; todos estes tiverão provas experimentaes da perfeição a que esta Arte tem chegado em Pariz.

Obras Publicas—Os Politicos superficiaes podem talvez pensar que a Franca está realmente n'hum estado mui prospero, porque os edificios publicos em Pariz tem sido aforiozeados, e *embelecidos*; e porque se tem projectado, e mesmo emprehendido obras publicas de consideravel grandeza. Mas quem não sabe que o soberbo Palacio, e todos os edificios publicos de Versalhes se começaram no periodo mais empobrecido do reinado de Luis XIV.? Quem ignora que isto se fez somente para occupar immensos trabalhadores, que não tinham que fazer? Quando os particulares não querem, ou não podem emprender obras, a maioridade do baixo povo não tem de que se ocupe; consequentemente o Governo deve fornecer-lhe em que trabalhar: por tanto o augmento das grandes obras publicas; os melhoramentos de caminhos, e canaes, e o aforiozamento

dos edificios de Pariz que se começou nestes ultimos annos, são exactamente devidos á mesma cauza. O Governo occupa diariamente quinze mil trabalhadores, taes como pedreiros, carpinteiros, &c. pagando a cada hum meia coroa por dia. Não se imagine com tudo, que isto he effeito da bondade paternal de Napoleão para com a Nação Franceza, ou de amor para com o seu bom povo de Pariz. Não: tudo isto nasce da reflexão deque hum tão grande numero de homens sem occupação, ou emprego n'hum Cidade, onde o descontentamento está no seu auge, pode perturbar o repoizo de Bonaparte.

Ha mais de dez annos que Bonaparte decretou a fundação da Cidade chamada—*Napoleao*: e com tudo apezar da sua omnipotencia nada mais se tem ali feito ate hoje, doque huma pobre estalagem, e hum corpo de guarda para os *Gendarmes*.

Tem approximado de Pariz—Amsterdaõ, Hamburgo, Moguncia, Turin, e a mesma Hespanha: mas ah! Quanta dezejaria Hespanha, Turin, Moguncia, Hamburgo, Amsterdaõ, estar longe de Bonaparte milhoens de legoas!!!

De resto he preciso notar que a maior parte dos canaes deque falla este impostor coroadado, tem sido começados no antigo Governo de França. Por outra parte o antigo Governo era sabio, era regular, era legitimo: não podia emprehender obras gigantescas, porque não sabia enriquecer-se nem por meio de usurpaçoens infames, nem por meio de assassinatos, nem por meio de violencias, nem por meio de roubos, e extorsoens; o antigo Governo não tinha tantos braços ociozos, tantos desgraçados sem pão, e tantos prizioneiros sem recurso, para empregar nas obras publicas.

Finanças—Por mais que Bonaparte, e seos Ministros escravos se cancem para mostrar que as finanças em França estão n'hum estado florescente, jamais o conseguirão: seria preciso ter perdido todo o senso commum para os acreditar. Todos os annos ha hum *deficit*. Bonaparte he obrigado a levantar contribuiçoens novas n'hum Departamento para reparar os desfalques do outro: quando isto lhe fallia, elle recorre a desgraçados individuos, que arbitrariamente accuza de hum ou d'outro crime: to-

dos os annos o seu Ministro de Policia, e os seus Satrapas espalhados nos paizes neutraes levantaõ, por meio de viz manobras, grandes sommas de dinheiro para este Despota insolente. Não ter commercio, nem agricultura florescente; e ser obrigado ao mesmo tempo a ter numerosos exercitos, menores com tudo do que elle diz; manter centos de milhares de espias dentro em França e por toda a Europa, sem exceptuar a Inglaterra; ter de gastar sommas enormes para comprar Ministros, Validos, Generaes, &c.; e ter as suas finanças em hum florescente estado, todo o mundo vê que he impossivel. Lembrem-se os nossos Leitores do que dissemos em nosso I. e II. N.º nas reflexoens que fizemos ao Capitaõ Pasley.

Tudo quanto Bonaparte diz do augmento da divida, de Inglaterra, e do Chancellor do Exchequer, não he exacto. Os agentes que elle tem em Londres, e em toda a Inglaterra, e que se correspondem com a sua Secretaria especial em Pariz, deveriaõ dizer-lhe, que inda quando a guerra devesse continuar por meio seculo, as operaçoens progressivas dos fundos de amortizaçaõ liquidariaõ a divida Nacional mais depressa, do que os novos impres-timos a augmentariaõ. As operaçoens dos fundos de amortizaçaõ em Inglaterra mais de huma vez tem posto em perplexidade o Desposta frenetico; elle não entende o mecanismo, e menos comprehende a sabedoria do systema financial da Grã-Bretanha: e por mais que algumas vezes o Archi-Thezou-reiro Lebrun, e o famoso financeiro Saint Aubyn, se cançaraõ para lhe fazer formar huma idea clara das vantagens do systema de finanças Inglezas sobre o systema Francez, Bonaparte não os entendeu; disse-lhes que eraõ *Anglomanos*, e que diziaõ tolices: eis aqui hum bom modo de rezolver questoens.

Bonaparte pode dizer o que quizer ao seu corpo Legislativo; mas o que elle não pode negar, he, que ja se tem pago acima de 200 milhoens da divida Nacional de Inglaterra pelas operaçoens dos seus fundos de amortizaçaõ. Mas inda quando assim não fosse, o Povo Inglez soffreria aquelle pezo com satisfacaõ, o que o Povo Francez não faz, nem pode

fazer. Montesquieu * diz, que nos Governos moderados ha huma indemnizaçãõ para o pezo das taxas, que he a liberdade: e que nos paizes despoticos ha hum equivalente para a liberdade; que he a ligeireza das taxas: mas o desgraçado Povo de França não tem aquelle equivalente: elle he emminente-mente escravo, e paga mais taxas que o Povo Inglez.

Guerra da Peninsula.—Bonaparte ja não sabe o que hade dizer aos seos escravos sobre a duraçãõ da guerra de Hespanha, e Portugal. Aquelle punhado de insurgentes, de que fallava com tanto desprezo, ha tres annos, e meio, bateo dois dos seos melhores Generaes—Dupont, e Marescot, os quaes capitulãrãõ tendo hum exercito de 20,000 homens veteranos. Antes que os Inglezes pozessem pé na Hespanha, os seos valentes foraõ expulsos alem do Ebro. Ceragoça com os seos fracos muros de terra tornou-se huma nova Troia. Logo que as tropas Inglezas se apresentãrãõ em Portugal, e Hespanha, o Tyranno prometteo que em breve seriaõ batidas e lançadas ao mar; e com tudo ellas mostraraõ-lhe no Vimeiro, Porto, Talavera, Bussaco, Fuentes de Honor, Barroza, e Talavera, que essa expulsaõ era facil de annunciar, mas difficil de pôr em pratica; inda la existem, e existiraõ em quanto la tiverem inimigos a combater. Lord Wellington, os Generaes Beresford, Graham, &c. não sãõ Macks, nem Hohenlohes. Os exercitos de Bonaparte tem massacrado, demolido, incendiado, e destruido: mas estaõ elles senhores da Hespanha? Aquelle punhado de insurgentes, aquelles bizonhios insulares, aquelles Portuguezes degenerados tem ate hoje zombado de 600,000 escravos, que tem descido os Perineos: e Bonaparte não se envergonha de dizer ao seu Corpo Legislativo que tem 800,000 homens, e 50,000 cavallos; que elle vai empregar ametãde destas forças contra os insurgentes Hẽspanhoes, e Portuguezes, illudidos, e excitados pelos Inglezes. Annunciando os meios que vai impregar para pôr hum termo á guerra da Peninsula, este Charlataõ frenetico, e inconsequente

* Espirito das Leis. Liv. 13. cap. 12.

não vê que se contradiz, e que mostra quanto esta guerra tem sido funesta para a França, e quanto tem sido formidavel para elle mesmo!

BUDGET FRANCEZ

para o anno de 1811.

	<i>Francoz.</i>
Divida perpetua	62,000,000
Dita de Hollanda	26,000,000
Divida não permanente	16,000,000
Dita não permanente da Hollanda	1,200,000
	<hr/>
	105,800,000

Pensoens Civiz, e Militares 10,000,000	}	70,500,000
Ditas da Hollanda 3,300,000		
Ditas Eccleziasticas 28,900,000		
Lista Civil dos Principes Francezes 28,300,000		

SERVIÇO PUBLICO.

Ministerio da Justiça	27,466,000
Relações Estrangeiras	8,800,000
Ministerio do Interior	60,000,000
Finanças	24,000,000
Thezouraria Imperial	8,400,000
Guerra	280,000,000
Commissariado da Guerra	180,000,000
Marinha	140,000,000
Culto Publico	16,500,000
Policia Geral	2,000,000
Despezas de Negociação	8,500,000
Fundos de reserva	22,034,000
	<hr/>
	954,000,000

HESPAÑHA.

HA feitos que merecem ser recordados, e que seria hum crime esconder á posteridade. Desta natureza he aquelle que vamos mencionar, o qual deve cobrir de confuzão o egoismo, de infamia o falso Hespanhol, servir de modelo a todo o patriota, e que deve ser objecto de admiração, mesmo nomeio da sua raiva ao Tyranno Bonaparte.

D. Martin de Parraga segundo Ajudante do Estado-Maior do 4. Exercito cahio gloriozamente no campo da honra na memoravel batalha de Albuera. O patriotismo que animava este homem estimavel, e o odio que elle tinha ao tyranno, o fizeraõ preferir o serviço militar á tranquilla fruição de seos emolumentos, como segundo Professor de Mineralogia. Em 1803 elle começou a sua carreira entrando no Regimento do voluntarios do Paiz; e em 1810, sendo ja capitão, e o seu merito sendo conhecido pelo Ministro da Guerra o Snr. Bardaxi, este lhe deo hum emprego no Estado-Maior. Seos talentos, e luzes eraõ geral-mente conhecidas, e particularmente pelo seu amigo o Snr. Lacy, Chefe do Estado-Maior, e pelos seos associados naquelle corpo, a quem somente consolára da sua perda a gloriosa morte que elle teve em defeza do seu Paiz; e ainda mais o memoravel exemplo, que deo, a todos os seos concidadaons no seguinte documento, que deixou a hum dos Editores do *Concizo*, quando partio do Condado de Niebla debaixo do Commando do General Ballasteros.

* Eu Martin de Parraga, e Pison segundo Adju- dante do Estado-Maior do 4. Exercito, declaro, que se por algum accidente perder a vida, he da minha vontade, que todos os meos bens, assim como tudo o mais que possuo em ———; e a caza situada na

Alameda de Cadix, se vendaõ, e o seu producto se ponha á disposiçaõ do legitimo Governo de Hespanha (que he aquelle que sustenta a cauza da liberdade, e independencia da Naçaõ), a fim de promover a justa cauza, que sustenta contra a injusta aggressão do Tyranno da Europa, Napoleaõ.

Cadix, 10 de Janeiro de 1811.—Martin de Parraga.

He desnecessario, diz o *Times*, donde extrahimos este artigo, accrescentar reflexoens a esta honroza memoria: diremos somente que este estimavel patriota, Parraga, continua a fazer a guerra ao Tyranno, mesmo do seio da sepultura.

ARTIGO OFFICIAL.

Relaçãõ dos movimentos feitos pelo Corpo commandado pelo General Blake para passar o Guadiana, e continuar depois suas operaçoens.

‘ Tendo-se rezolvido que as Divizoens acantonadas a 18 de Junho em Sta. Martha, Zafra, Teria, e Parta, a cavallaria em Piebla de Sancho Perez, e o Quartel General em Nogales, atravessassem o Guadiana, a infantaria se poz em movimento para se reunir neste ultimo lugar, entretanto que a cavallaria marchava pela grande estrada de Sta. Martha, e a infantaria Ingleza por Pelaes.

‘ No mesmo dia o inimigo, a quem se tinha junto huma Divizaõ do 9. corpo commandado por Drouet, e mais tres mil homens vindos de diversos pontos da Andaluzia, occupava Zafra, e los Santos com fortes columnas.

‘ A 14, e 15 as tropas continuaraõ sua marcha, se reuniraõ em Almendral; e se juntáraõ com a Infantaria Ingleza em Albuera.

‘ A 16 as tres Divizoens deste exercito com seis peças do 6. passáraõ o Valverde em Leganos, e a Cavallaria Hespanhola em Albuera.

‘ A 17, todo este exercito, a 1. Divizaõ do 5., e 300 artilheiros, que tinhaõ assistido ao sitio de Badajoz, partiraõ para Jerumenha, e o Quartel General com doze peças tomou o mesmo caminho. O exercito Anglo-Portuguez ficou neste dia na direita do Guadiana, que nossas tropas passaraõ com a melhor ordem, e promptidaõ conservando sua ordem de columna; mesmo passando o váo: ás cinco horas da tarde todas ellas

estavaõ na margem direita deste rio; ficando a vanguarda em frente da ponte construida pelos Ingлезes, com o fim de sustentar nossa empreza.

‘ A 18 as tropas continuaraõ sua marcha, e o Quartel General do 5. exercito com alguns corpos, e a cavallaria desmontada estava em Villa Viçoza.—Marcha das tropas—a 18 a Rondono, seis legoas—a 19 á Portela, sete legoas—a 20, a Beja seis legoas—a 21 atravessou hum deserto, hua legoa—a 22 a Mertola, oito legoas—Total vinte oito legoas Portuguezas extraordinariamente grandes. Durante esta marcha rapida, as tropas manifestáraõ a maior paciencia, e conservou-se a maior ordem, posto que as provizoens naõ fossem sufficientes para lhes dar raçoens completas. He certo que tem havido poucas occazoens em que tropas tenhaõ feito marchas taõ longas, e taõ fatigantes, e por hum calor excessivo, attendendo principalmente a que hum terço dos soldados naõ tinhaõ capatos.

‘ A 23 a infantaria repassou o Guadiana n’humã ponta de barcos, e a 23, e 24 a cavallaria o passou a nado: a 24 embarcou-se a artilharia em Ayamonte. A 25 as Divizoens ficáraõ em S. Silvestre, Castellejos, e Calmas. A Cavallaria do 5. exercito, commandada pelo Conde de Penne Villamur, e duas peças de artilharia deviaõ chegar a Mortola no dia 24.

‘Eis aqui a ordem da marcha.

‘ A artilharia escoltada por hum batalhaõ de mineiros formava a cabeça da columna, e era seguida pelo commissariado. Seguiaõ-se a 4., 5., e 3. Divizoens protegidas pela cavallaria que marchava a duas legoas de distancia. As Divizoens naõ poderiaõ ter chegado mais breve tomando caminhos differentes.

‘ Depois de ter dado dois dias de repqizo ás minhas tropas, continuaraõ sua marcha.

‘ A 28, a cavallaria do 5. exercito, a vanguarda, e quazi toda a artilharia entraraõ em Gibrleon.

‘ A 29 estas tropas marcháraõ para Trigueros, e foraõ substituidas por as que tinhaõ ficado em Cotoya, e S. Bartholomeo. A Divizaoõ do General Ballasteros estava acantonado em El Cerro, e Calanas, e cobria a esquerda, e a retaguarda do exercito.

‘ Chegando a Cabezas Rubras a 25, este General ordenou a tres companhias de Barbasco, ás de cassadores de todos os corpos, e aos batalhoens de Pavia, e Lena, que estivessem promptos a marchar, e atacar huma columna volante de seis centos homens de infantaria, e de cavallaria, que tinha chegado a El Cerro. Estas tropas marcháraõ toda a noite; o resto da Divizaoõ ficou em Cabezas Rubras debaixo das ordens de Francisco Merens, com ordem de se pôr em marcha no dia seguinte a

amanhecer. A 26 ao romper do dia nossas Guerrilhas encontrárao o inimigo formado em batalha na extremidade da aldeia no caminho de Alonzo; ellas atacárao pela estrada de El Cerro: mas a columna volante começou a retirar-se; nossas Guerrilhas, e tropas ligeiras carregárao-na continuamente. A perda do inimigo consistio em quatro officiaes, e trinta e cinco a quarenta homens mortos, ou feridos; a nossa foi de tres homens mortos, e quatro feridos.

CADIZ, Julho 16.

Reprezentantes do Povo! Não vos aduireis, que em dias de lucto, nos derijamos á vos na lingoagem da verdade; nem attribuais a motivos de menos cabo, e dezattenção sentimentos inspirados pelo mais puro patriotismo.

Depois de huia luta de tres annos, he de pasmar, estejamos tam credulos ou tam indolentes, que olhemmos com indifferença o perigo imminente que nos cerca, deixando á sorte a decizaõ da felecidade ou mizeria de tantas geraçoens.

Quando isto pareça huma exaggeração, voltemos os olhos para a serie das nossas mizerias durante os tres ultimos annos de sangue, e consideremos qual tem sido o fructo mesmo das nossas victorias. Não nos illudamos: se a nação Hespanhola tem desenvolvido energia, e valor, que propriamente encaminhados, teriaõ sacudido o jugo do tyrano, e expulsado os seus bandos do nosso territorio; he todavia mui certo, que por huma desgraçada fatalidade, esta nação, que tem feito, e está fazendo taes esforços pela sua liberdade, tem a mortificação de ver todos os seus sacrificios inuteis, e de lamentar todos os dias novos revezes.

Provera o Deos que a triste experiencia não tivesse confirmado esta amarga verdade, que veio outra vez angustiar o nosso espirito pela desgraçada noticia da queda de Tarragona. Este lugubre acontecimento nos leva a fazer algumas dezagradaveis, mas, talvez, uteis reflexoens.

Desde o principio de Maio sabia-se que o inimigo

estava dirigindo os seus ataques contra Tarragona. Esta noticia se confirmava diariamente, e era conhecida a necessidade de mandar huma força para evitar que ella cedesse as tropas, que a apertadamente a sitiavaõ. Em tal crize, era de esperar que nos occupasse o susto, a anxiadade, a inquietação, em quanto a não soccurriamos; em vez disso porem huma fatal inação prevalecia; nós viviamos tam tranquillos, como se estivessemos no benefico regaço da paz.

Nesta mizera apathia estavamos nos, quando a terrivel noticia de hum grande dezastre nos restituiu por alguns momentos ao conhecimento da nossa situação. Nesses momentos nos percebemos o nosso erro; e demos alguns passos para remedia-lo; mas ainda se vê mui claro, que o grande objecto do livramento da Peninsula não he o que nos occupa exclusivamente. Com tal apathia e indifferença podemos nos crer que triumpharemos do usurpador da Europa? Representantes do povo, bons Hespanhoes de todas as partes, attendei-nos! Tarragona foi preza do inimigo; as suas hostes se preparaõ para novas conquistas; estamos perdidos, se não fazemos extraordinarios esforços. A nação Hespanhola pode e deve ser livre; ella tem recursos por toda a parte; o seu valor está exaltado pelo odio implacavel aos seus tyranos. Não ha razão para desesperar, mas ha toda a razão para sacudir a eterna indolencia, que caracteriza todas as nossas acçoens. Sem grandes sacrificios—sem grandes esforços e actividade,—sem huma decedida rezolução para salvar o paiz, a nossa degradação esta certa. Nos somos capazes de tudo; mas se não buscamos applicar remedios extraordinarios á presente crize, —se não nos empregamos em negocios de importancia, em vez de gastar-mos o tempo em bagattelas, não podemos deixar de ser a final desgraçados: *Terragona cahio.*

Reflexoens extrahidas de hum papel Inglez.

Terragona cahio, he verdade, e aquelle dezastroso acontecimento tem produzido huma forte impressao sobre o es-

pirito publico do nobre e valeroso povo Hespanhol, como se collige da proclamação junta; impressão que nos observamos com mais pezar que outro qualquer symptoma dezenvolvido no curso da tremenda luta, em que tem estado ategora. Huma das mais notaveis características do povo Hespanhol, tem sido huma fortaleza invencivel nos revezes, hum espirito incontrastavel, hum principio de energia que parecia enguer-se a proporção das difficuldades que encontrava. N'algumas partes da Hespanha, este principio de energia, a que alludimos, levou os Hespanhoes a proezas as mais heroicas, a hum patriotismo que pode rivalizar senão exceder os mais illustres exemplos da antiguidade. Basta nos citar os nomes de Sarragoça e Gerona, e perguntar, onde e em que tempo exhibio o mundo hum espetaculo de tanto valor, e sublime heroismo, superior ao dos habitantes daquellas cidades? Ellas cahirão, he verdade; mas foi honorifica a sua queda; e se todas as conquistas que a França tem feito na Hespanha fossem compradas áquelle preço, pode com razão duvidar-se, se a cazo ainda existiria algum dos escravos do tyrano, que tem atravessado os Pyrineos, para manchar a Peninsula com a sua presença.

Mas não se dezaletentem os Hespanhoes porque todas as suas fortalezas não tem sido Sarragoças e Geronas. Por lamentavel que seja a queda de Tarragona, ainda ha muito que nos sirva de consolação no aspecto geral dos negocios da Peninsula. Custa-nos a crer, na verdade, que o nobre e valeroso sangue que se tem derramado em defeza da independencia Hespanhola, se tenha derramado em vão! He no espirito do povo Hespanhol, que nos buscamos huma barreira contra o inimigo, que nem armas nem artificios, podem arrazar, e que por fim darão a liberdade á Peninsula. O inimigo conquista cidades, mas ganha elle homens, a excepção de hum punhado de vis traidores, que elle mesmo despreza? Se nos olhamos para as provincias da Hespanha, que são lavadas pelo Atlantico, vemos que os invasores tem dezaparecido, e que os habitantes tem voados ás armas para recobrem os privilegios de hum povo independente. Pode alguém apontar no mapa da Hespanha, hum so ponto, não commandado por força militar, onde o governo do rei intruzo seja voluntariamente reconhecido? Não he a Hespanha desde os Pyreneos até Gibraltar huma continuada scena de activa guerra, excepto onde o soldado está de guarda ao cidadão, como nas cidades que se tem tornado prizoens dos habitantes, e guarniçoens do inimigo?

EXTRACTO

De huma carta escrita por hum Official de Marinha a bordo de hum dos Navios de Sua Magestade Britanica fundeado diante de Tarragona.

Tarragona foi tomada de assalto a 28 de Junho junto ás seis horas e meia da tarde. Eu fui a terra na vespera, e corri todas as obras. Posto que os Francezes estivessem entao a tiro de pistola do baluarte, nao parecia com tudo verosimil, que a Praça fosse tao cedo tomada, vista a intrepidez dos soldados Hespanhoes, que viao com a maior indiferença as balas, que passavao constantemente por cima delles; e tinhao se tomado precauçoens para fortificar huma feira de cazas situadas em huma linha parallela ao baluarte, e tapando as bocas das ruas que ali vinhao ter com pipas cheias de terra, e fazendo hum fosso largo e profundo do lado, onde estava o inimigo, o que offerecia huma barreira tao forte como o muro, e que nao poderia ser batido em brecha, sem erigir novas obras. Tal era o estado da desgraçada Tarragona sexta feira 28 de Junho.

As seis horas, e meia da manha os Francezes romperao gradualmente hum fogo vivissimo de grossa artilheria, e mosquetaria, a que os Hespanhoes responderao com igual vigor. Tinha-se ajustado que o General Campoverde, que estava em Cambrils com 10,000 homens, atacasse, no dia seguinte ao romper do dia, os Francezes de hum lado; que o Coronel Skerrit, que commandava quasi 1,200 Inglezes os atacasse por outro, e que no em tanto a Guarniçao faria huma sortida. Mas o Governador mostrou tanta indecizao que pouco tempo depois desta convencao mandou perguntar se a esquadra Ingleza podia embarcar a Guarniçao. O Capitao Codrington da Marinha representou que isto era intempestivo, vistos os arranjos que se tinhao feito para hum ataque; e aconselhou-lhe que persistisse firme. O Governador mandou entao dizer, que elle defenderia a Praça ate a ultima extremidade, e que o inimigo tinha aberto huma pequena brecha, mas que nao era de consequencia.

Junto ás seis horas da tarde, ou fosse por traiçao, ou fosse por huma criminoza negligencia da parte dos principaes Officiaes, as tropas postadas para defender os baluartes se acharao sem muniçoens. Os Francezes sempre alerta, aproveitarao-se instantaneamente desta negligencia, se aproximarao friamente da porta, arrombarao na com machados, e entrarao na cidade. Os Hespanhoes que estavao sobre os ba-

luartes defenderão-se por algum tempo á baioneta, mas foram por fim obrigados a ceder a baioneta e mosqueteria juntas. Seguiu-se hum sanguinolento combate. As mulheres, os meninos, e os soldados repellidos gritando, *Os Francezes estão na cidade*—encheraõ de hum terror panico os soldados que se achavaõ em estado de resistir; e entaõ a fugida foi geral para a porta opposta áquella por onde os Francezes tinhão entrado; mas ella era mui estreita para que a multidão se podesse subtrahir a tempo ao furor diabolico dos Francezes, que tinhão ja começado a fazer huma carnagem horrivel.

Muitas pessoas se precipitaraõ do alto das muralhas; e foraõ mortas. Perto de 4,000 individuos sahirão abrindo caminho atravez de hum Corpo de infantaria Franceza, que os esperavaõ fora, e continuaraõ sua fugida pela estrada de Barcelona. Quando estavaõ fora do alcance da mosqueteria Franceza, e se felicitavaõ de se terem salvado, foraõ atacados pelo mortifero fogo de algumas peças de campanha, que os Francezes, prevendo o acontecimento, e determinados a naõ deixar escapar pessoa alguma, tinhão tido a precauçaõ de por detraz de hum profundo fosso, que tinhão feito a travez da estrada. Os infelizes Hespanhoes como estupefactos pelo terror quizerãõ subir ás montanhas; mas os Francezes, preparados em todos os pontos os massacraraõ a sangue frio posto que estivessem sem armas, e naõ fizessem alguma resistencia. Os que sobreviverãõ reduzidos á desesperaçãõ lançaraõ-se ao mar, onde fizemos todos os esforços possiveis para os salvar, e conseguimos tirar 500, mutilados restos de oito mil homens, mulheres, e meninos; porque os Vandalos naõ respeitaraõ idade, ou sexo.

Nos perdemos hum bravo mancebe, o Tenente Ashworth do Centauro, que foi morto, e tivemos dois ou tres marinheiros feridos, salvando aquelles infelizes. Os que ficaraõ na cidade tiverãõ huma sorte horrorosa. Os Francezes entrando em Terragona pozeraõ fogo em diversos lugares, e, o que faz horror, hum Hospital em que estavaõ 3,000 Hespanhoes foi incendiado.

Taes saõ as dolorozas scenas, de que temos sido testemunhas oculares, e que saõ mais faceis de conceber, que de pintar, e descrever.

Quando lemos nos papeis Francezes a conta do Governador Hespanhol dada a Regencia de Cadix, pareceo-nos huma peça fabricada: mas á vista do

P O R T U G A L

Providencia sobre o resgate dos Captivos em Argel.

“ SENDO essencialmente necessario effectuar-se a segunda parte do resgate dos infelizes Portuguezes captivos em Argel, assim porque a humanidade insta para que se livrem do captiveiro aquelles nossos compatriotas, como taobem porque, passando o tempo da tregoa ajustada com aquella Regencia se exporia Portugal a ser de novo inquietado pelos Corsarios Argelinos, que virião correr sobre os nossos pescadores, e navios de commercio, e obrigariao o Governo a fazer consideraveis despesas para conservar huma esquadra no Estreito: os Ex^{mos.} Governadores do Reino empregando a sua mui louvavel, e mui vigilante attençaõ sobre hum objecto tao recommendavel, e tao humano, tem dado as possiveis providencias para se ajuntar a somma, que he absolutamente preciza para a segunda Expediçaõ a Argel; e alem das cartas circulares, que tem dirigido aos Prelados, e Authoridades Civiz, e Militares, para excitar a sensibilidade dos Portuguezes, ordenarãõ que a Ordem da Santissima Trindade, como a mais propria, e adequada em virtude do seu Instituto, se incumba de exhortaçoes nos Templos, e procissoens pelas ruas de Lisboa para solicitar a caridade dos fideis, assim como taobem determinarãõ á Commissão estabelecida para arrecadar os fundos destinados para o mesmo resgate, que faça huma loteria, por meio daqual se possa obter huma somma com que se auxilie a sobredita expediçaõ.

“ Espera-se por tanto que o Publico reconhecendo a necessidade de se fazer este segundo resgate, e a impossibilidade de se preencher a respectiva somma por outro modo, que naõ seja a dos seus generosos donativos, concorrerã com a somma, que for possivel a cada hum, entregando no cofre da commissão as quantias que destinar para huma obra tao pia.

“ Os captivos Portuguezes a favor dos quaes se der individualmente alguma somma para o seu resgate serãõ attendidos com preferencia, para serem comprehendidos nesta segunda Expediçaõ, segundo as circunstancias o permittirem.”

COIMBRA.

CARTA

Do Ill^{mo}. Snr. Francisco Antonio Duarte da Fonceea
Montanha, Vice-Reitor da Universidade de Coim-
bra ao Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr. Nicolaõ Trant, Governador
das Armas do Porto.

“ Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr.

“O RESPEITO, e veneraçõ que sempre consagrei a V. Ex^{ca}. excita em mim os mais efficazes dezejos de ser obsequiozo a V. Ex^{ca}. pelo muito, que merece, e tem merecido com particularidade a esta Universidade. Ella reconhece em V. Ex^{ca}. hum Patrono o mais activo, e mesmo hum Redemptor, poisque á dexteridade de V. Ex^{ca}. deve agora a conservaçaõ dos seos Estabelecimentos, e talvez de seos edificios, que a tropa Franceza destruiria, se, na retirada que fez ultimamente pela Provincia da Beira, naõ achasse cortado o passo, que tentou dar pela ponte desta cidade, e nella a Guarniçaõ, que bastou a impedi-lo, facilitando por este modo a minha restituiçaõ a esta Universidade.

“ Logo que eu cheguei, ella se me representou reconhecida a este grande beneficio, tendo ja recebido outro igual de V. Ex^{ca}, quando nas margens do Vouga desviou o inimigo do destino, que elle tinha a esta Cidade, e o exterminou da Provincia do Minho, que tinha invadido.

“ Foi V. Ex^{ca}. o Redemptor desta Cidade quando ella expulsou prodigiozamente o inimigo no dia 7 de Outubro, aççaõ de grande valor, e animozidade, que fará sempre memoravel, e brilhante este dia de tanta gloria, e prazer aos Conimbrienses, e immortal o grande, e respeitavel nome de V. Ex^{ca}.

“ He por tudo isto que eu vou agora á dezejada prezença de V. Ex^{ca}. a exprimir estes meos puros sentimentos, e os de toda esta Universidade, cujos Alumnos ja tiveraõ a honra de militar com a maior satisfaçaõ debaixo do commando de V. Ex^{ca}, agradecendo por este modo a V. Ex^{ca}. a protecçaõ, que com tao sabias providencias prestou e esta Cidade, e Universidade, cujo reconhecimento nella será eterno.

“ Viva V. Ex^{ca}. muitos annos; e por todos elles a Naçaõ Portugueza, e Coimbra particularmente acclamará o valor, e singulares predicados, que se achao reunidos na

estimavel pessoa de V. Ex^{ca}. Coimbra 30 de Maio de 1811.
—Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr. Brigadeiro General *Nicoláo Trant*.—De
V. Ex^{ca}. o mais obsequioso servo, e particular venerador.—
Francisco Antonio Duarte da Fonceca Montanha.”

RESPOSTA

Do Ex^{mo}. Brigadeiro General *Trant* ao mesmo Vice-Reitor.

“ Ill^{mo}. Snr.

“ TIVE a honra de receber a carta em que V. S^a. me dirige as lizongeias expressoens, que manifestao a sua approvaçao, pela assistencia, que a occazio favoravel me deo de prestar á Cidade, e Universidade de Coimbra, o que mui sinceramente agradeço a V. S^a., assegurando-o que estas mesmas expressoens serao mais hum estimulo para os meos esforços ulteriores na protecçao de Coimbra, huma vez, que as circumstancias no tempo futuro me ponhao na situaçao, em que a protecçao militar debaixo do meu commando lhe possa ser necessaria.

“ Eu abraço esta occazio de declarar, como Commandante Militar, o meu grato reconhecimento pelos mui uteis serviços, praticados pelo Corpo Academico na defensa do Vouga, debaixo do commando do seu digno Chefe, o fallecido Snr. Fernando Saraiva; e como particular, pela adhesao que em todas as occazioens me testemunharaõ todos os Individuos daquelle Corpo tanto geral, como individualmente.

“ Eu tenho a honra de cumprimentar o Respeitavel Corpo da Universidade na pessoa de V. S^a. de quem sou muito attento, e leal Servidor.

Nicoláo Trant.—Ill^{mo}. Snr. *Montanha*, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra—Porto 14 de Junho de 1811.”

A carta do Ill^{mo}. Vice-Reitor he a expressao do reconhecimento que o respeitavel Corpo Academico deve aos relevantes serviços que o Ex^{mo}. Brigadeiro General *Trant* lhe tem feito, e ao Estado; e a carta deste he hum novo testemunho da exemplar conducta que os Membros da Universidade tem

tido na santa cauza, em que a Peninsula se acha empenhada. Nos transcrevemos a carta daquelle General com tanto maior prazer, quanto sabemos, sem poder duvidar, que o Corpo Academico tinha sido pintado, como hum aggregado de partidistas Francezes, como huma corporação temivel? A intriga a ninguem poupa.

Os nossos Leitores teraõ sem duvida reparado no silencio, que temos guardado a respeito da ordem do dia do Ex.^{mo}. Marechal Beresford do 1. de Julho proximo. Com tudo nos persistimos e persisteremos no mesmo silencio, se nos não virmos obrigados a mudar de parecer; se pessoas mal intencionadas, se Gazeteiros imprudentes, de que infelizmente Londres abunda, não tornarem a excitar esta discussão, que só pode ser provocada por quem dezeja a desunião entre as tres Naçoens Britanica, Portugueza, e Hespanhola. Alguns individuos Hespanhoes residentes em Londres tem-se valido desta ordem do dia para deteriorar o conceito, que por tantos titulos tem merecido os nossos Nacionaes. Nos lizongeamonos que os animozos, e leaes povos do Alemtejo daraõ bem depressa ao honrado Marechal Beresford nova occaziaõ de provar a sua indefectivel rectidaõ, retractando-se, assim como a acaba de provar na sua ordem do dia 6 de Junho. (Veja-se o No. II. deste Jornal pag. 362.)

Amamos, como devemos a nossa Patria: doe-nos muito tudo o que pode de algum modo diminuir a sua reputação, e gloria: sentimos mui vivamente que os habitantes do Alemtejo dessem cauza áquella ordem do dia; mas não podemos deixar taõbem de sentir que se tenha feito taõ fatal uzo della. Oxalá que tal ordem nunca se publicasse! Se della se espera algum feliz resultado, não se poderia este obter por outro meio, que não tivessè os mesmos inconvenientes? Jamais foi taõ necessário, como na epoca presente, que os Generaes sejaõ taõ habeis Militares, como profundos Politicos!

Nos deprecamos, que se ponha de parte toda a discussão sobre o assumpto desta ordem: nos pedimos a todos os nossos Leitores, pedimos a todo os que seriamente amaõ a santa cauza da Peninsula, que reflectaõ muì seriamente, e que se lembrem, que toda a discussão deste genero he fatal á cauza, que a Grã-Bretanha, Portugal, e Hespanha taõ gloriosamente sustentaõ, ha quasi tres annos, e meio.

Os nomes de todos aquelles, que tanto se tem esmerado para soccõrrer a Humanidade consternada, gemente, e quasi expirante, e isto no meio de grandes sacrificios de toda a ordem, que as calamitozas, e urgentissimas circumstancias do Estado tem exigido, merecem, a nossa consideração, e respeito; e nos faltariamos ao nosso dever, se os naõ inserissimos em nosso Jornal. Taes saõ os nomes daquelles, que generosamente tem concorrido para o estabelecimento, e Manutenção do Hospital erecto na Villa d'Alenquer pelo benemerito Corregedor daquella Commarca o Dr. Manoel Joze Soares de Lobaõ, a beneficio dos miseraveis doentes. He pois com o mais puro, e vivo prazer que vamos transcrever os nomes de todos aquelles, que tem contribuido para a fundação, e sustento daquelle Azilo dos desgraçados; e o nosso prazer crescerá, á proporção que tivermos de preencher a doce obrigação de augmentar-mos mensalmente a lista daquelles subscriptores, como esperamos.

RELAÇÃO

Das Pessoas que tem contribuido com diversas sommas para a fundação, e sustento do Hospital erecto na Villa d'Alenquer a beneficio dos miseraveis doentes.

Joaquim Pereira d'Almeida	:	100,000
Antonio Ribeiro Pereira de Almeida	:	100,000
Domingos Joze de Miranda	:	50,000

Gonçalo de Lagos dos Reis	20,000
Joaõ Paulo Cordeiro	20,000
Antonio Caetano Tavares	4,800
Paulo Joze Gonçalves	4,800
Francisco Nunes Vizeu	9,600
Manoel Joze Gonçalves	4,800
Daniel Nunes Vizeu	9,600
Francisco Antonio Lodi	4,800
A. Forrest	20,000
Bernardo Henrique Metzener, e Comp ^a	30,000
Antonio Francisco da Cunha	20,000
Antonio Izidoro da Costa	4,800
Gouna Holford, e Lucas	9,600
Bulkley Ozenford e Alcorque	2,600
Hum Anonymo	6,400
Joaõ Goncalves Marques	20,000
Viuva Mallar, e filho	10,000
Geraldo Gould	10,000
F. Elbling	9,600
Carlos Onel	10,000
Ricardo Sealy	30,000
Petirs Shlick Heutre Lendenberg, e C ^a	30,000
Joaquim Coelho de Ataide	9,600
Baraõ de Quintella	50,000
Duarte Joyce	9,600
Joaquim Joze da Cunha	24,000
Potiers Irmaons	10,000
Francisco Joze Rodrigues de Brito e Comp ^a	20,000
Joaõ Francisco da Cruz	10,000
Antonio Moro	4,800
Joze Antonio dos Anjos	20,000
Joze Bento de Araujo	9,600
Joaõ Ferreira Prego	20,000
Vicente de Castro Guimaraens	9,600
Antonio Martins Pedra, e Filho	20,000
Francisco Joze Pereira	12,000
Antonio Januario da Silva Varella	9,600
Joaquim Alipio da Costa	4,800
Izidoro d'Almeida	20,000
Hum Anonymo	8,800
Joaõ Bulkley, e Filho	30,000
Fitzgebbon French e Duff	30,000
Constantino Joaquim Gomes	12,800

Joze Carceana	4,800
Eugenio Palyart	12,800
Joze da Silva Ribeiro	12,800
Henrique Meuron	6,400
Hum Anonymo	2,400
Bento Joze Pacheco	6,400
Joze Joaquim de Carvalho e Primos	4,800
Bento Guilherme Klingelhofer	6,400
Joaõ Antonio de Almeida	6,400
Victorino Antonio Machado	5,000
Antonio Lucio Cordeiro de Araujo Feio	6,400
Domingos de Meira Torres	4,800
Norbesto Joze Ferreira	4,800
Joaõ de Mello Lobo	2,400
Manoel Gomes Barrozo	4,800
Joze dos Santos Neto	2,400
Joaquim Joze da Silva	1,200
Pedro Joze da Silva	20,000
Domingos Ramos Coelho	2,400
Francisco Affonso dos Santos	9,600
Hum Anonymo	50,000
Jozé de Mollo	9,600
Hum Anonymo	480
Outro	1,600
Outro	800
Outro	480
Outro	2,400
Jeronimo Joze Rebello	2,400
Felis Joze Pereira Quintella	4,800
O Ex ^{mo} . Principal Souza	12,800
Manoel Luis Antonio	50,000
Jacinto Fernandez da Costa Bandeira	40,000
Joze da Cruz	1,440
Miguel Setaro	10,000
Joaõ Baptista Gondolfo	4,800
Irmaons Rebello	4,600
Joaõ da Costa de Jozé	12,800
Joze Correa da Silva	30,000
Joze Nunes da Silveira	20,000
Daniel Baptista de Barros	4,800
Felis Martins da Costa	7,200
Joaõ Baptista Sivori	6,400
Francisco Barbosa	40,000

F. M. e J. E. Montano	40,000
Joaquim Joze de Vasconcellos	19,600
Hum Anonymo	2,400
Joaquim Joze Pedro	6,400
Joaquim Joze Coimbra	6,400
João Fernandes dos Santos	6,400
Luis Francisco da Silva	1,600
Domingos Gomes Loureiro	20,000
Joze Diogos de Bastos	20,000
Manoel Joze de Moura	4,800
Antonio Francisco Machado	20,000
Duarte Pouer	4,800
Francisco Antonio Ferreira	40,000
Manoel Joze Sarmiento	20,000
O Ex ^{mo} . Conde de Peniche	12,800
H. F. Sampaio	20,000
Constantino Joaquim de Mattos	10,000
Francisco de Silva Vieira	6,400
Bento Joze Monteiro	10,000
Antonio Girard	6,480
Joze Antonio Vieira	4,840
Joze Maria da Moura	5,800
Antonio Perez Leal	40,000
Luis Cypriano Rebello	4,800
Hum Anonymo	1,920
Domingos Rodrigues Correa	3,200
Luis Gonçalves Teixeira de Barros	30,000
Raymundo Ignacio Lamas, e Comp ^a	20,000
Jeronimo de Arantes	3,200
João Antonio de Amorim Vianna filho	10,000
Francisco Joze d'Almeida	7,200
João Baptista Martins	9,600
Joze Dias de Souza	9,600
Francisco Joze Gonçalves Lamas	16,400
Joaquim Pedro Genioux Junior	4,800
Manoel Teixeira Basto	4,800
Hum Anonymo	4,800
Outro	10,000
Marcos Felipe Campo-donico	10,000
Manoel da Cruz	15,000
Thomas d'Aquino e Souza	4,800
Antonio Joze de Lemos	10,000
Hum Anonymo	2,400

Francisco Vanzeller	24,000
Hum Leal Portuguez	100,000
Francisco de Paula Vieira	2,400
Domingos Antonio de Pinho	9,600
Francisco Xavier da Maia	9,600
Antonio Esteves Costa	20,000
Manoel Roiz Correa	1,280
Jonas Calustincann	4,800
Francisco Antonio de Pinho	14,400
Pedro Nolasco Gaspar	4,800
Miguel de Pennafirme	6,400
Antonio Pereira da Silva	4,800
Hum amigo da Humanidade	4,800
O Beneficiado Bernardo Joze Delgado	4,800
Joze Antonio Soares Leal	12,800
Jozé Pereira d'Almeida, e Souza	2,400
Jacob Henrique Burchant	6,400
Francisco Honorato da Silva	4,800
Felix Joze Antonio Vianna	2,400
Bernardino de Sena Santos	2,400
Sebastião Joze Leite	3,200
Joaõ Douzelm Mahore	14,400
Francisco de Azevedo Barbuda	1,400
D'algumas vendas applicadas para Hospitaes	28,325
	<hr/>
Total.	2,122,445

Nos vemos com particular satisfacção que a mortandade neste Hospital, nos dois mezes, que decorrerão de 19 de Abril a 19 de Junho, foi na razão de 1 para 15 pouco mais ou menos: entretanto que observamos com muito espanto, e inagoa, que a mortandade no Hospital Real de S. Joseph, desde o 1 de Julho de 1810, ate 30 de Junho de 1811 foi na razão de 1 para 4 pouco mais ou menos!!! A Epidemia, que tem reinado em Lisboa, tem igualmente devastado a Commarca de Alenquer, e suas vizinhanças; donde provem pois tão enorme differença de mortandade? Nos sabemos o desconto que se deve dar a hum Hospital numerozo, relativamente a hum pequeno; nos metemos em linha de conta 7 que entrãõ mortos) e 1087 Camarentos:

mas nem assim se pode achar a razão sufficiente de taõ enorme mortandade. Dis-se que no numero dos falecidos se incluem 607 que morrerão nas 48 horas depois da sua entrada: mas isso õ mais que prova he, que suas doenças eraõ mui graves; mas não se pode concluir que ellas eraõ incuraveis, ou que lhe não faltaraõ os soccorros precizos, e appropriados da parte dos Professores respectivos, ou dos enfermeiros ou do Boticario, &c. &c. Taõ grande mortandade clama por novos cuidados, redobrado zêlo, e vigilancia do Ex.^{mo}. Chefe daquelle Hospital, que há muitos annos era a vergonha dos Hospitaes! Nos sabemos, que o Ex.^{mo}. Enfermeiro Mor actual tem feito algumas uteis reformas, e cortado muitos abazos, e dilapidaçoens infames, que ali se praticavaõ: tem feito muito; mas resta-lhe mais ainda: a sua conducta, a sua qualidade, e as suas relações poem-no fora do alcance da calumnia infame, e baixa, e daquelle vilissima intriga, de que outros tem sido victimas: consequentemente nada tem que reccar, e pode impunemente corrigir abuzos, reformar, e pôr aquelle Regio Estabelecimento em estado de ser hum verdadeiro Azilo da Humanidade, estado de que ha muitos annos se tinha affastado, e do qual diaria, e escandalozamente divergia, com prejuizo dos enfermos, e com deshonra da Arte de curar.

COIMBRA.

RELAÇÃO GERAL,

das perdas, que soffreo a Universidade de Coimbra na invazaõ do Exercito Francez no 1 de Outubro de 1810, extrahida dos informaçõens que deraõ os Chefes das differentes Repartiçoens da mesma Universidade.

Real Capella.

Hum Calix, e patena de prata, huma Seta taobem

de prata, Alvas, toalhas, e mais alfaias, bem como toda a cera; tudo foi roubado.

Secretaria.

	Marcos	onças	oitavas
Dezoito castiças de prata que pezavaõ	68	6	6
Duas escrevaninhas grandes de dita	38	2	6
Quatro ditas pequenas de dita	18	6	4
Seis maças de dita	56	2	0
Tres Salvas de dita (pouco mais ou menos)	11	0	0
Huma Bengala de dita (pouco mais ou menos)	2	0	0
	<hr/>		
	195	2	0

Hum espaldar de veludo Carmezim agalado, e franjado de oiro.

Contadoria de Real Fazenda.

Huma escrevaninha grande de prata	19	1	3
Duas ditas pequenas	9	0	0

Prata pertencente ao Collegio da Madre de Deos.

Huma Cruz Processional com sua haste	7	5	0
Dois castiças grandes	11	3	3
Dois ditos pequenos e huma tezoira	2	1	5
Hum Thuribulo, e huma Naveta	7	7	3

Prata pertencente as Igrejas da Universidade.

Huma Cruz doirada com Santo Lenho	4	7	0
Duas Pixides pequenas	1	4	0
Hum Thuribulo, e huma Naveta	7	7	3
Hum Calis lizo com patena, e colherinha	2	4	0
	<hr/>		
	74	1	1

Bibliotheca.

Le Voyage em Portugal par J. Murphes, 4 volumes, Paris 1797. Foi levada por Officiaes Francezes que passaraõ recibo.

O prejuizo que soffreo a Livraria Hassiana não se pôde ate agora determinar.

Real Imprensa da Universidade.

Huma escrevaninha de prata com todos os seus pertences 38,400 Rs.

Todas as Gramaticas Portuguezas de Lobato.

Alguns jogos de Selectas Latinas em seis volumes.

Confundiraõ todos os Livros, truncáraõ, destruireã, e rasgaraõ huma grande parte das obras.

Armazem do Papel.

Roubaraõ todo o papel Hollandez, Inglez, e Bastárdo de marca maior, e menor: do papel da Louzã roubaraõ de quinze a vinte resmas: de papel florete destruireã, e inutilizáraõ muito.

Typografia.

Hum Prelo quebrado; ferragens de outros destruidas: confundiraõ todos os caracteres, e corpos, o que he de taõ grande prejuizo, que se avalia quasi na sua total ruina.

Alem disto os Francezes fizeraõ grandes estragos em todo o edificio, e em todos os effeitos que lhe eraõ proprios.

Real Observatorio Astronomico.

Hum Circular de hum pé de diametro, pouco mais ou menos, da construcção de Le Noir. Paris.

Hum dito de seis polegadas de diametro pouco mais, ou menos, da construcção do mesmo.

Hum dito de Bordá, construido por Nairne, e dirigido por J. J. Magalhaens. Londres.

Hum Theodolites de hum pé de diametro pouco mais ou menos, construcção de Jones. Londres.

A Agulha de huma Plancheta, construcção de Haas. Lisboa.

Telescopio pequeno de Galileo de cinco polegadas, pouco mais, ou menos, construcção de Dollond. Londres.

Telescopio Gregoriano de 14 polegadas de foco pouco mais ou menos, construcção de Adams. Londres.

Hum oculo de ver de noite de dois pes de foco, pouco mais ou menos.

Hum Telescopio Acromatico de dois pes, e 9 polegadas de foco, pouco mais ou menos, construcção de Nairne. Londres.

Tres Telescopios Acromaticos de dois pez, e meio de foco, que amplificaõ com diversos oculares de cincoenta, a oitenta vezes: tem de abertura duas polegadas de diametro; construcção de Dollond. Londres.

Hum Telescopio Acromatico de tres pez, e meio de foco, amplificando com diversos oculares de cincoenta, a oitenta vezes, tendo de abertura duas polegadas, e nove linhas, construcção de Dollond. Londres.

Todos estes Instrumentos foraõ para o Serviço do General em Chefe do Estado Major General do exercito Francez, por ordem do General em Chefe Massena; e delles passou recibo ao Guarda do Observatorio o Capitaõ de Engenheiros Beaufort Hautpoul.

Hum Pantografo, construcção de Jones. Londres.

Hum Compasso, e regoa metalica, construcção de Jones. Londres.

Hum estojo Geometrico, construcção de Jones. Londres.

Dois estojos Geometricos, construcção de Nairne. Londres.

Estes Instrumentos foraõ levados para uzo de Rühous Engenheiro Geografo do Exercito Francez, dos quaes passou recibo ao Guarda do Observatorio.

Hum Thermometro, e Barometro, construcção de Jones. Londres.

Outro Thermometro, construcção de Jones. Londres.

Huma excellente Pendula Astronomica, construcção de Berthoud. Paris.

Todos estes Instrumentos foraõ levados para o General Regnier (exceptuando a Pendula Astronomica por cahir das maõns a hum Francez, e ficar inutilizada) pelo Capitaõ Ajudante Nues, que passou recibo.

Hum Metro de lataõ, o qual foi levado pelo Capitaõ Engenheiro Beaufort Hautpoul, que passou recibo.

Grafometro, e huma Alidada, construcção de Le Noir, que foi levado pelo Official de Artilharia Hemogues empregado junto á pessoa do General Regnier, e deque passou recibo.

Dois Mycrometros pertencentes a hum Telescopia Paralitico de tres pes e meio de foco, e que amplifica com diversos oculares de cincoenta a cem vezes, tendo de abertura duas polegadas, e oito linhas, construcção de Dollond.

Gabinete de Fizica.

Quatro Microspios.

Dois Telescopios Terrestres.

Hum dito Acromatico.

ARTIGO

De hum Officio do Vice Reitor da Universidade de Coimbra o Ill^{mo}. Snr. Francisco Antonio Duarte da Fonceca Montanha dirigido ao Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr. D. Miguel Pereira Forjaz.

‘ Este (o inimigo) logo que entrou nesta cidade procurou a caza do Mestre da polvora (segundo a sua fraze) o Dr. Thomé Roiz Sobral, pois que sabiaõ, que este tao benemerito. Lente de Chimica tinha fabricado no seu Laboratorio Chimico toda a polvora necessaria na epoca da restauração do Reino, tempo em que naõ havia hum só graõ della, e era extrema a sua necessidade. Elle poz assim em exercicio, e ensino quotidiano toda a Artilharia do corpo Militar Academico, de que era

Capitão; e o poz em termos de praticar todas as operaçoens, que debaixo das ordens do Brigadeiro General Nicoláo Trant, foi necessario fazerem-se sobre o Vouga, com muita satisfação deste zelozissimo, e peritissimo General, por cuja dexteridade se salvou entao esta cidade, e a universidade da invasão do inimigo.

Este porem conseguindo a sua entrada nesta Cidade em o 1. de Outubro precedente, (donde a 7 do mesmo mez foi exterminado pela destreza, e valor do mesmo Brigadeiro Trant) *assombrando* logo a caza do Dr. Thomé Roiz Sobral, caza nobre, feita de novo, e bem mobilhada, a incendiaraõ toda, e nella queimaraõ todos os seus escriptos, e a sua escolhida Livraria; e não andaria por menos de 15 mil cruzados toda a sua perda, cauzada pelo odio, que o inimigo concebeo contra hum homem de tao distincto merecimento, por ter applicado o seu prestimo, e tanto trabalho diario, e nocturno á defeza da Patria, &c.

O merecimento literario deste benemerito Professor, nosso Mestre, he mui conhecido, bem como o são os importantes serviços que elle fez á Santa Cauza da independencia, restauração, e liberdade de Portugal; e se he gloriozo para elle perder tudo por tal motivo; he taobem hum dever dos Ex^{mos.} Snr^{es.} Governadores de Portugal indemniza-lo, distingui-lo, e honra-lo. Nos reclamamos taobem a attenção do Committé das Subscripçoens estabelecido em Londres, e a dos seus commissionados em Lisboa em favor de hum homem de tanto merecimento, e serviços, victima da barbaridade, e raiva de hum inimigo, que não conhece honra, generozidade, virtude: nos não podemos deixar de o recomendar á sua consideração, e justiça, bem como o outro benemerito Professor o Snr. Manoel Joze Barjona, que na sua retirada para Lisboa foi apanhado pelo inimigo, despidido, roubado e a sua familia, e a sua caza em Coimbra saqueada.

ILHA DE S. MIGUEL.

F A L L A

Que o muito honrado, e benemerito Juiz de Fora da Cidade de Ponta Delgada o Dr. Roque Francisco Furtado de Mello, dirigio ao moradores da mesma, quando ali chegou a noticia de terem os Francezes evacuado Portugal, e do estado de desolação em que ficáraõ os moradores das Provincias.

As noticias, que successivamente tem chegado de Portugal nos descrevem os habitantes daquelle paiz na maior penuria, e falta de mantimentos, principalmente nas provincias por onde o inimigo invazor praticou na sua fugida todo o genero de roubos, e estragos, deixando os campos devastados, e as habitaçoens incendiadas. Huma grande parte daquelles povos despojados de quanto possniaõ pela barbaridade do inimigo, apprimidos de fome, e doenças, que desta são natural consequencia, apenas subsistem da beneficencia do Governo, e dos donativos com que lhe tem acodido a humanidade, não só dos nacionaes, mas taobem da generosa Nação Britanica.

Os habitantes desta Ilha, a quem o omnipotente tem preservado de taes flagellos, vivendo felizes ao abrigo das providentes vistas, e sabias disposiçoens do Principe Regente Nosso Senhor, gozando de todos os commodos de huma paz tranquilla, e inalteravel, não devem mostrar menos humanidade, e patriotismo, acodindo aos seus compatriotas indigentes, e exauridos de todos os meios necessarios para conservar a vida, com aquelles soccorros, que o mesmo Direito Natural prescreve.

Aquelles pois que quizerem concorrer, como espero, para hum tao louvavel objecto, poderaõ dar os seus nomes a qualquer dos Agentes para este fim nomeados, e entregar os donativos, que a sua

piedade lhes dictar ao Dr. Francisco Caetano de Carvalho, incumbido deste recebimento. O producto destes donativos será remettido para Lisboa, ou em patacas Hespanholas, ou em mantimentos, havendos, debaixo da inspecção dos Ex^{mos.} Snr^{es.} Governadores do Reino, para ali ser distribuido com a sabedoria, e humanidade, que se tem praticado com outros iguaes.—Ponta Delgada 2 de Junho de 1811.

 AVIZO

Expedido ao Ex^{mo.} Snr. Marechal Beresford pelo Ex^{mo.} Snr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Ill^{mo.} e Ex^{mo.} Snr.

SENDO essencialmente necessario effectuar-se a segunda parte do resgate dos infelizes Portuguezes captivos em Argel, nao só porque a humanidade insta que se livrem da oppressão, e cruel exterminio aquelles desgraçados, senão taobem porque hindo passando o tempo da tregoa concedida pela dita Regencia, se exporia Portugal a ser de novo inquietado pelos Corsarios Barbarescos, o que occasionaria graves damnos ao Commercio; ao mesmo passo, que seria a cauza de se fazerem consideraveis despezas para conservar huma Esquadra no Mediterraneo, a fim de impedir a sahida dos ditos Corsarios: e tendo os Governadores do Reino empregado toda a sua vigilante attenção para accelerar, como convem o mencionado resgate, tem dado, e continuoão a dar as possiveis providencias para se ajuntar a somma, que he absolutamente precisa para se verificar a segunda Expedição a Argel; porem como esta soma monta á quantia de cento, e tantos contos de reis, e somente exista no cofre dos donativos, e contribuiçoens voluntarias em caza do Negociante Francisco Antonio Ferreira huma pequena porção de dinheiro: Os mesmos Governadores bem persuadidos dos sentimentos de piedade, que acompanhaõ a pessoa de V. Ex^{ca.}, esperaõ que V. Ex^{ca.} se dignara expedir as suas ordens aos Chefes de todos os corpos de linha para que declarem por meio de listas, que serao enviadas a esta Secretaria de Estado da Marinha, quaes sao as sommas com que os individuos do Regimento do seu commando tem contribuido para hum tao

caritativo objecto, e quaes as thezourarias em que se tem entregado, bem como as quantias com que ainda poderao concorrer; tudo isto a fim de se exigirem das mesmas Thezourarias as sommas ali entregues, e se saber com quanto mais se poderá contar para soccorro do mencionado Resgate: Deus Guarde a V. Ex^{ca}. Palacio do Governo em 8 de Julho de 1811.—D. Miguel Pereira Forjaz.—Snr. Guilherme Carr Beresford.

INGLATERRA.

NOTA CONFIDENCIAL

Entregue por Mr. Champagny ao Embaixador da
Russia em Paris no mez de Outubro de 1810.

REMETTO á Vossa Excellencia, por ordem de S. M. o Imperador e Rei, meu beneficentissimo soberano, a seguinte Nota confidencial. Ella contem hum exame imparcial da grande questãõ da paz e da guerra; ella claramente indica a origem donde se derivaõ os males passados, e prezentes da humanidade.

Se as ilhas Britanicas tivessem sido submergidas alguns seculos atraz, nos mares que as rodeaõ, o Continente da Europa naõ comprehenderia ja senaõ huma grande familia reunida. Vendo a sua civilizaçãõ superior, e a sua prosperidade, os habitantes das outras partes do mundo teriaõ entaõ buscado fazer hum pacto social com elle ou huma adopçãõ politica. O massacre das geraçoens e a desolaçãõ dos paizes seriaõ entaõ desconhecidas. Entaõ, hum ligeiro castigo bastaria para intimidar o rebelde, e corrigir o sedicioso. Entaõ o verdadeiro Deos teria sido adorado por todas as naçoens. Os vassallo doceis teriaõ entaõ olhado o seu Principe como huma segunda Providencia. Mas quando os homens começaõ a discutir o culto do seu divino Creador, naõ hesitaõ por mais tempo em attacar as prerogativas dos seus soberanos terrestres. A rebelliaõ he irmã gêmea da impiedade, e estas geraõ d'ordinario a anarquia, e o atheismo.

O Inglez Wickliffe teve a sacrilega audacia de propor innovaçoens religiosas, longo tempo antes que o Bohemio Huss, e o Saxaõ Luthero, proclamassem as suas heresias. Estes ultimos naõ teriaõ tropeçado, se a Inglaterra naõ tivesse ja derramado o veneno entre os Allemaens; elles se aproveitaraõ somente do contagio, que a ignorancia, e os vicios do clero, a apathia, e a falsa politica dos governos, deixaraõ grassar entre o povo. Desde essa epocha, particularmente, nunca mais a Inglaterra esteve tranquilla interiormente, nem cessou de perturbar

a tranquillidade dos outros Estados. Assim como era de prever, os successos dos inovadores religiosos animaram os attentados dos politicos incendiarios. O continente foi inundado dos delirios sacrilegos, dos anti-christaos, e anti-monarchicos Inglezes. Elles tem minado até aos alicerces da ordem social. Para provarem o seu supremo desprezo por todas as instituições divinas e humanas, elles abrirão os seus templos aos fanaticos os mais ignorantes e os mais viciosos, e entregarão o mais virtuoso dos seus reis nas mãos dos mais ferozes regicidas. Quantos milhoens de Europeos não tem perecido no continente, por que estes ilheos desprezarão impunemente o seu Deus, e degolarão seu Rei! (“Ah!” dizia com emoção sua Magestade Imperial, e Real*, “sem seus enormes crimes, Luiz XVI. reinaria talvez ainda, e huma feliz obscuridade teria sido a minha sorte.”)—Com effeito se os infernaes assassinos de Luiz XVI. eram Francezes degenerados, he por que tinham sido doutrina-dos por sophistas Inglezes; he porque tinham sido halucinados pelos exemplos, ou seduzidos pelo ouro das facções Inglezas. Não he prevenção so a Inglaterra que neste momento perturba a Europa, e faz correr o sangue de seus filhos em Turquia, na Allemanha, na Hespanha, em Sicilia, e Portugal? Sua Magestade Imperial e Real não tem, quasi todos os annos, e no meio dos seus triumphos os mais brilhantes, apresentado o ramo de oliveira, sempre misturado de loiros, á ingrata Inglaterra? Quantas vezes, do fundo de sua alma patriotica se tem levantado, porem debalde, esta exclamação. “Inglezes, eu vos amo como homens, e vos estimo como guerreiros; cesse toda a carnagem humana, recobre a humanidade os seus direitos perdidos a tanto tempo; sejamos amigos mas com reciprocas e honrozias condições; a nossa rivalidade se exercite daqui avante em esclarecer, e não em destruir os nossos semelhantes.”—Sua Magestade Imperial e Real se tem dirigido a hum governo mais fraco para ser justo, e mui poderoso para não poder fazer mal; e a huma nação muito egoista para sympathizar com os soffrimentos dos outros, e muito dezenfreada para buscar os seus verdadeiros interesses. Não pode duvidar-se, que o mundo tem de continuar a ser perturbado, até que a constituição do Imperio Britanico se reforme, de huma maneira mais conforme ao espirito das Cartas Constitucionaes, que affianção por ora a dignidade, e o poder dos Soberanos, a obediencia e a segurança dos vassallos do continente. Para effectuar huma reforma tam salutar nas ilhas Britanicas; os principaes gabinetes da Europa devem ser unanimes na sua resolução, e firmes e vigorosos nas suas medidas. A Inglaterra deve curvar-se, se o continente fica em pé. As divisões, e a fraqueza dos outros estados fazem toda a sua força. He pre-

cizo offerecer-lhe outra constituição. Se ella tem a prudencia de a adoptar, sua independencia e suas possessoens serao garantidas; mas se for assaz cega, e teimosa para a rejeitar, hum decreto solemne de todos os governos civilizados a repudiará para sempre da grande familia da communitade Europea; e será posta para o futuro na ordem dos piratas de Africa. Ella não será mais soffrida pelos neutros. A pena capital será infligida nos capitaens, e marinheiros dos navios de todos os paizes estrangeiros que traficarem com ella; e a lei relativa a alta traição sera posta em vigor com os contrabandistas, negociantes, e compradores das suas produçoens e mercadorias. Estes projectos e regulamentos podem parecer, a primeira vista, hum pouco severos; mas sem elles huma tregoa somente se pode assignar, e nunca se poderá concluir huma paz entre ella, e o continente. Esta severidade para com ella, he huma verdadeira humanidade a respeito de todas as outras naçoens do globo, sem exceptuar mesmo a Gran-Bretanha. Pode isto demonstrar-se sem difficuldade, ou possibilidade de contradicção. Se os Inglezes fossem formados dos materiaes que compoem os outros povos, poder-se hia com pouco conhecimento do espirito humano predizer os resultados os mais lizongeiros, sem que houvesse precisão de recorrer aos extremos; mas elles differem inteiramente do resto da especie humana.

Quem pode negar que hum Rei de Inglaterra, segundo a organização da anarquia constitucional do seu reino, seja agora o mais humilde dos escravos? Quando o monarcha não he livre, como se atrevem seos vassallos a fallar de liberdade? O facto he que a escravidão dos Inglezes se torna mais pezada a proporção que se sabe ella dimana da mais vil populaça, de hum bando de pequenos tyranos, ignorantes, e brutaes, corrompidos e oppressores.

Não he escravo o Monarcha, que não pode escolher os seos proprios consilheiros, e creados; que durante o reinado de meio seculo, entre vintenas de ministros, não tem sido rodeado de dez, á quem podesse ter amizade e confiança; e nem de seis, que podesse amar ou estimar? São leves os grilhoens deste rei e pai, que, por dous mezes inteiros, foi forçado a ver seu filho querido victima das paixoens mais perversas dos mais vis e dos peores dos homsns? Merecem ministros o nome de homens livres, quando se vem obrigados a faltar ao respeito e reconhecimento devidos a hum Principe, que os creou; e a lizongear huma populaça licenciosa que os despreza, e que os insulta? Que devemos nos pensar da cabeça, ou do coração dos consilheiros privados do Rei, que não se atrevem a livrar da tortura as entranhas do seu Principe, e a reputação de seu filho de huma injusta ignominia, posto que saibao que seos perseguidores são os mais vis bandidos, e os mais depravados conspiradores? Co-

mo se pode apreciar a honra de huma Nobreza, que não so deixa de repellir os infames atacantes de hum Principe de sangue, mas soffre que algum de seos Membros sejaõ cumplices neste ataque? Podem ter pertençaõ alguma á liberdade ao patriotismo, esses representantes do povo, que não espulsaõ, ou não punem os facciosos, que procuraõ solapar a monarquia, aviltando o filho do seu Monarcha? Que liberdade, ou que lealdade devem ter esses pertendidos amigos do throno, que para mostrar a sua affeicaõ á familia Real, compraõ o seu silencio futuro sobre hum dos filhos do Rei, que não podia ser mais deshonorado por novos escandalos, para envolver de hum modo mais que desnaturalizado outro filho do seu Rei na desgraça de seu irmaõ? Pode suppor-se que haja alguma decencia ou alguma lealdade entre os cidadão's da primeira cidade do Imperio Britanico que não somente se reúnem por toda a parte aos inimigos jurados de seu soberano, mas animaõ tambem os discursos insensatos de *tendeiros* ignaros e insolentes, que não abrem a boca senaõ para hum xurrilho de inepeias impertinentes, e para pregar a rebeldia? Oppoz-se hum so condado a esta infame, e cruelmente audaciosa preseguiçaõ da Victima Real? Não tem, pelo contrario disputado todos os Condados, nesta vergonhosa luta, sobre quem seria o primeiro a ferir a sensibilidade de hum Rei veneravel, e á recompensar os ultrajantes delictos dos inveterados inimigos do seu repouzo interno como da sua regia soberania? Não he evidente, niesmo para o observador mais superficial, que a naçaõ Ingleza não tem nem moral, nem liberdade racionavel? Se a primeira supposiçaõ he pouco favoravel, seria rediculo não ver a auzencia total da ultima.

Na Graã-Bretanha, a faccaõ abrange tudo, e a todas as classes; o Rei mesmo he faccioso para a sua propria defeza, para a sua conservaçaõ. Mas nos tempos antigos, como nos tempos modernos, em Grecia como em França, em Roma como em Inglaterra, não foraõ sempre as facçoens os despotas mais crueis? Não foraõ ellas sempre intolerantes, audaciosas injustas, incorrigiveis? A julga-las por essas scenas escandalosas, nas Ilhas Britanicas, que o Continente indignado deplorou ha bem pouco, resta pouca esperanza de que as facçoens renunciem aos seos criminosas attentados, quando mesmo a França produzisse (como o poderia fazer) a prova convincente que de todos os tempos até hoje; todos os chefes de facçoens, todos os usurpadores do nome de patriota, e todos os pertendentes á popularidade na Graã Bretanha, tem fixado o seu preço, ou fomentado intrigas com os inimigos do seu paiz; tem accettato presentes, ou recebido instruçoens dos Gabinetes rivaes, ou inimigos. Quando a majoiidade mesmo estivesse convenida, huma minoridade sem pejo dominaria. Na Inglaterra, assim como se vio em França, as facçoens não podem jamais

ser corregidas, he preciso extirpalas. Hum pequeno numero de pessoas ambiciozas, ou cuja fortuna, e reputação estão perdidas, acharão sempre, durante a existencia da Constituição actual de huma regia democracia, occasioens para halucinar os ignorantes, e excitar os indigentes e mal intencionados a commetter excessos fataes ao repouzo da Europa, por exemplos contagiosos.

Cumpre á historia traçar os actos produzidos pelo espirito audacioso das facçoens Inglezas, sua influencia sobre a politica externa e interna da Graã Bretanha, seos crimes para com a humanidade, sua ferocidade e barberia ordinarias. Mas não tem ellas tido o poder, depois de ter pizado aos pez hum Principe de sangue real, de gabar as proezas de hum general que deliberou, quando devia obrar, que avançou quando devia retirar-se, para fugir em dezordem diante de hum punhado de homens que o perseguiaõ; entretanto que forçaõ outro General a dar a sua dimissão posto que victorioso, porque o clima os elementos, e outras circumstancias impervistas obstarão á que elle sabisse completamente bem de huma tentativa extravagante? Não forçaraõ ellas o Rei a deixar impunido* hum agente politico, que merecia ser posto em juizo por falta de talento ou probidade em dezobedecer ás suas ordens, e desprezalas? Não forçaraõ o seu Rei a deixar sem recompença outro agente politico* cuja firmeza, e submissão ás ordens do seu Soberano o expozeraõ a insultos publicos, e perigos pessoaes? Não forçaraõ ellas o seu Rei a soffrer com paciencia estas e outras provocaçoens posto que dimanassem do mais fraco e mais desprezivel de todos os governos? † Mas em todos os ramos dos estabelecimentos constitucionaes da Graã Bretanha, as facçoens levantaõ hum sceptro de ferro anarchico que perturba, transtorna, e attaca tudo. Hum Capitaõ de huma esquadra Ingleza cruzando na Europa não arrastou acazo o seu almirante á huma meza ou commissão militar? Posto que este ultimo se sabisse honrosamente, não pozeraõ as facçoens o accusador ao abrigo do punição? Officiaes servindo no Exercito Britanico das Indias não tem excitado os soldados á rebelliaõ? Não tem elles, sustentados pelas facçoens, acrescentado a revolta á insubordinação, e representado o perjurio e os procedimentos mais audaciosos como actos meritorios de patriotismo, e de justas reprizalias? Não he a imprensa Ingleza de tal maneira licenciosa; que protegido e sustentado pelas facçoens, hum libellista reconhecido § publicou da sua prizaõ os escriptos mais incendiarios, desprezando as leis, e fomentando discordias civis, insultando ao mesmo tempo os juizes que o tinhaõ con-

* Erskine. † Jackson. ‡ Os Estados Unidos. § Cobbett.

demnado, e o Governo que tinha feito executar a sua sentença? Hum chefe de facção,* que he taobem Membro do Parlamento, não disse francamente nesta Assembleia, que a Nação não era representada por seos Membros, e que seu paiz não valia a pena de o defender? Não se atearão subitamente estas mesmas facções, que atabavao de ouvir com huma paciencia tam admiravel como philosophica, tratar tam indignamente o filho do seu Rei? Estes amigos da liberdade não mandarao huma ordem de prizao contra aquelle que tinha proclamado esta verdade dezagradavel com huma ouzada franqueza? Entao a anarchia Ingleza se mostra em toda a sua horrivel gloria. A facção confbate a facção. Quantidade de pessoas são mortas nas ruas mesmo da capital, em que huma guerra civil desenvolve todos os seos furores. Mas notai bem, que apenas o Rei ordena por humanidade ás suas gardas, que poupem huma effuzao maior de sangue, hum Jury faccioso os declara reos, porque fizerao o seu dever, porque senao deixarao assassinar pelas maos da facção rebelde!!!

Os proprietarios de hum theatro de Londres levantaõ de huma bagatella o preço de entrada. Os Inglezes, como os Romanos de sanguinolenta memoria, não deixaõ escapar huma occazioõ tam propicia para crear novas facções. As scenas mais nauseantes, effeitos da mais odiosa dezenvoltura, transformaõ o theatro em campo de batalha para os pagilistas, espadachins, prostitutas, e ratoneiros. No meio de hum povo que falla tanto do respeito pela propriedade, a propriedade de alguns individuos he abertamente envadida, e são obrigados a submetter-se ao maximo ruinoso de huma facção imperiosa. Não he para temer que a anarchia triumphante não pare á porta ou na platea do theatro, mas que tarde ou cedo force a entrada dos bancos, dos escriptorios, dos armazaens, para ahi fixar o seu maximo,— para ali extorquir suas requiziçoens?

Depois que a sabedoria de sua Magestade Imperial e Real instruiu o Continente sobre os seos verdadeiros interesses, os guerreiros continentaes não são mais tributarios aos corretores insulares; e os Inglezes, que em retorno de superfluidades vendidas por alto preço, recibiaõ dos estrangeiros quasi por nada os objectos da primeira necessidade para elles, tem começado a temer a fome. Para diminuir o consumo do graõ, o governo buscou substituir-lhe outra couza para a distillação. Os armazaens estando a tuldados dos generos coloniaes, lembrou naturalmente o assucar, e foi proposto. Os proprietarios de terras se assustaraõ immediatamente, e fizeraõ huma opposição; e por muitos mezes as facções do graõ, e do assucar, com as facções do theatro, e da reforma, com as facções navaes e

* Burdett.

militares, com as facçoens jacobinas da cidade e do parlamento, tem occupado toda a attençaõ de hum povo verdadeiramente faccioso, devidido, e turbulento. Nao he nisso somente que o interior de Londres apresenta huma pasmoza semelhança com o interior de Constantinopola, quando os Mussulmanos estavão debaixo de seos muros, e bem depressa com os seos alfanges terminaraõ as disputas das seitas, e dos partidos contententes.

Todo o Estrangeiro que invadio as ilhas Britanicas as conquistou. A bancarota pode dezemparar, a rebelliaõ pode despergir, as tempestades podem arruinar, e a victoria pode obter e tomar as armadas que athé qui tem protegido a Graã Bretanha contra o justo resentimento de Sua Magestade Imperial e Real. A submissaõ unicamente pode fazer com que os Inglezes nao sejaõ, como os Batavos riscados da lista das naçoens independentes. A rezistencia pode retardar a catastrophe tornando-a mais terrivel, mas ella nao pode mudar seu destino. Nao lhe resta pois outro meio entre a submissaõ, e a conquista. A Caza reinante nunca produzio heroes; e as virtudes domesticas de hum Principe que governa hum povo turbulento e faccioso, saõ fracos garantes de que o repouzo das naçoens continentaes nao será mais perturbado, nem accomettido. Resta, contudo, decidir se huma mudança de dynastia sera necessaria, ou se huma mudança de constituição sera sufficiente. Ha muito tempo que o simples consentimento de sua Magestade Imperial e Real teria podido effectuar hum transtorno geral: Ha longo tempo que differentes facçoens tem feito subir a Sua Magestade Imperial, e Real tanto supplicas para obter apoio, como planos para effectuar revoluçoens. Mas ja nao he tempo de animar vassallos a minar thronos estabelecidos. Os monarchas somente seraõ daqui em diante os juizes dos monarchas; e ai do Principe que appellar para o seu povo da sentença dos seos iguaes !!! Ele cessou de reinar.

Fontainebleau, 30 de Outubro, de 1810.

(Assignado)

O DUQUE de CADORE.

A Sua Excellencia.—

(Muito confidencial.)

Esta Nota que appareceo primeiramente no Jornal da tarde, *The Courier*, e que elle declara autentica, he reputada por apocryfa pelo Redactor do *Morning Post*, e outros. Com tudo a publicidade daquel-

le papel nos Estados Unidos, onde Bonaparte tem hum partido immenso, e huma influencia incrível; e os principios desenvolvidos na sobredita Nota, mostrao assaz a sua authenticidade. Tudo o que nella se contem he exactissimamente analogo a tudo o que Bonaparte tem sempre proclamado contra a Inglaterra: o odio que nella desenvolve contra este Paiz ditozo, he perfeitamente o mesmo que o Tyranno da França tem sempre mostrado: todos os principios, todas as expressoens, todas as frases são de Bonaparte: não vemos pois hum só motivo, não achamos huma só razaõ plauzível para duvidar da authenticidade daquella Nota, que nos julgamos official. Nos esperamos que a guerra se declare bem depressa entre os dois grandes Imperios; e entãõ o Gabinete de S. Petersbourg dará áquella Nota Official toda a publicidade, que ella merece para desenganar os incredulos, e todos aquelles, que apezar da terrível, e dolorosa experiencia de onze annos de crimes, de assassinatos, de perfidias, e de horrores sem exemplo na historia do mundo, ainda teimaõ a olhar Bonaparte como hum homem Grande, e não só capaz de virtude, mas virtuozo de facto!!! Bonaparte dezeja que todos os Monarcas sejaõ taõ Despotas como elle, para firmar o seu despotismo: eis aqui o primeiro fim desta Nota. Bonaparte não podendo vencer por meios legitimos a Grã-Bretanha, procura excitar no seu seio huma revolução, unico meio de a vencer: tal he o segundo fim. Elle não conseguirá nem hum, nem outro.

He mui ordinario em muitos homens de Inglaterra fallar doque não entendem, e caluniar denegrir, e aviltar as duas Naçoens Portugueza, e Hespanhola. Hum orgulho que passa a insupportavel, e talvez motivos bem sordidos dirigem a sua penna; e seria o seu maior prazer que terminasse promptamente a boa intelligencia, e harmonia que reina

entre as tres Naçoens alliadas, unicas que tem sabido resistir ao Despota da Europa, e de cujos esforços unidos depende a liberdade do mundo.

No Morning Chronicle de 26 de Julho appareceu hum artigo calumniozo a respeito de Hespanha e Portugal, e no mesmo Jornal de 13 de Agosto vem huma resposta áquelle artigo, que vamos com muito gosto transcrever, e por ella veráõ os nossos Leitores a injustiça, e falta de exactidaõ do author do sobredito artigo. Nos estamos bem longe de approvar tudo o que o Governo de Portugal tem feito, e muito menos o de Hespanha: elles são compostos de homens; e nada tão natural ao homem como errar, principalmente nas circumstancias actuaes; mas tudo o que o Author do citado artigo diz contra o Governo de Portugal he falso, como os nossos Leitores veráõ pela seguinte resposta.

Ao Editor do Morning Chronicle.

Senhor.

Eu espero que a vossa ingenuidade me conceda hum lugar no vosso Papel para algumas observaçoens, que me suggerio a leitura de huma carta, que appareceu no Morning Chronicle de 26 do passado á cerca de Portugal, e Hespanha.

Tendo por mim unicamente a verdade, eu não buscarei refutar todas as vagas asserçoens do escriptor daquelle artigo, muitas das quaes são evidentes provas de ignorancia, e rancor; mas limitar-me-hei áquellas que mais directamente se dirigem contra Portugal, de cujo paiz tenho melhor conhecimento, entretanto que o vosso author parece estar determinado a fazer mal, ou ignorar o objecto que trata.

Elle accuza o Governo Portuguez de cauzar não precisas delongas pelos seus regulamentos á cerca de descarregar navios chegados a Lisboa do Norte da America, quando a barrica de farinha estava ali a 20 dollars, exigindo o lapso de quarenta, e cinco dias, contando desde a data em que sahiraõ de porto Americano. Creio que todo o mundo desculpará o Governo em preferir a farinha, a 20 dollars a barrica, á gratuita importação da febre amarella. A necessidade de quarentena he inquestionavel; mas o Governo Portuguez commetto *na opiniaõ do author* a enorme offensa de prolongar o periodo ordinario de 42 a 45 dias, depois de ter deixado entrar no calculo o tempo gasto na viagem. Não poderá da-

qui induzir-se muito bem, que o author deste virulento artigo, vio frustrada alguma das suas especulaçoens, e que mallograda a humanidade que o induzira a enviar farinha em soccorro dos necessitados Portuguezes, não pôde realizar 20 dollars por barrica em razão daquella quarentena dar tempo a mais concurrentes, que fizessem baixar o seu preço? Elle se infurece igualmente de ver que as suas operaçoens são observadas pelos officiaes de Alfandega: * o que não dá muito favoravel idea da sua legitimidade.

Queixando-se das delongas, elle omitta dizer, que os barcos que servem para a descarga dos navios no Tejo, são frequentemente postos em requizição para serviço do exercito; e que elle antes queria expor-se áquelle inconveniente, do que deixar de trazer a sua farinha ao mercado.

Quanto ao tratado do commercio, o escriptor pode estar certo que elle tem sido plenamente adoptado em Lisboa, onde todos os artigos das manufacturas Inglezas são agora admitidos, pagando 15 por cento de direitos, quando muitas dellas eraõ outrora prohibidas: e as que eraõ admitidas pagavaõ 27 por cento, alem de outros impostos consideraveis. Fallando do tratado de commercio os Portuguezes, pelo contrario, com muita razão se queixão de que em Londres se não faz cazo algum de varias das suas estipulaçoens.

He verdade que elle representa tudo isto, como objecto de mui pequena monta; e na sua pompoza direcção ao Publico allude particularmente ao estado do cambio. Não se esperava com effeito que elle lançasse huma nova luz sobre este importante objecto: — mas nem huma só idea he suggerida ao menos a respeito das suas operaçoens; e tanto a sua alluzão ao cambio, como os argumentos do Nobre Lord *em certa assemblea* a que elle se reporta e que parece intentar reduzir a *forma*, são igualmente cheios de ineptia, e ambiguidade.

A fluctuação que se observa no papel moeda Portuguez he tal, como devia esperar-se n'hum paiz exposto á invazão, e de nenhuma sorte argue, pela desappareição do metallico o pertendido monopolio dos Quintellas, e Sampaio. Pelo con-

* Não ha huma queixa mais injusta! Queria este bom homem fazer o que quizesse, e que os Officiaes da Alfandega de Lisboa o não vigiassem, e que se pozesse de parte a Lei pelo o obsequiar. He preço hum orgulho, e insolencia sem exemplo para ter pertençaõ taes! Nos podemos certificar aos nossos Leitores Nacionaes, que a vigilancia dos Empregados das Alfandegas Inglezas he infinitamente superior á dos Officiaes das Alfandegas Portuguezas, assim a respeito dos estrangeiros, como dos proprios Nacionaes. He bem digno de reparo que os individuos Inglezes sejaõ taõ amigos do imperio da Lei no seu paiz; e que fóra delle queiraõ ter huma absoluta liberdade! *Os Investigadores.*

trario a consideração e influencia destes respeitaveis Negociantes tem servido *grandemente* á causa commum.

Os soccorros da subscrição destinados para os Portuguezes necessitados, produzidos por huma liberalidade, e sentimento, que fazem honra a esta Nação, são considerados como verdadeiramente ridiculos, pois que os Portuguezes se *jactão* que n'humas das suas Igrejas tem prata que monta aperto de *meio milhaõ Sterlino*. Com tudo o author omitta referir o nome daquella Igreja; e o que mais he parece esquecer, que durante a occupação de Portugal pelos Francezes debaixo de Junor, todas as Igrejas forao despojadas das suas riquezas, naõ como a Igreja de S. Paulo em Londres, durante a escuridade da noite; mas em pleno dia, com descarado, e sacrilego insulto, á face dos ultrajados habitantes daquelle deditozo Paiz.

Eis aqui pois circumstancias verdadeiramente inapreciaveis por quem se mostra empenhado em recommendar com preferencia a *Politica Franceza* áquelle amigavel sentimento tao universal por todo este paiz (do qual, todavia, congratulo o escriptor do dito artigo por disfrutar a miseravel excepção), e que nos mostramos em a nossa conducta com hum povo, que tem feito naõ menos esforços para defender seu paiz, que sacrificios de prevençãõ nacional para convencer-nos da sinceridade do seu reconhecimento e afeição.

Tenho a honra de ser—vosso mui obediente Servo—&c.

Edinburgo, 3 de Agosto de 1811.

Reforços para o Exercito de Portugal.

No dia 17 de Agosto partio de Spithead para Lisboa a Corveta Wolvereene comboiando o bello Regimento de Dragoens das Guardas, o 5. commandado pelo Tenente Coronel Ponsonby; e fortes destacamentos para o 79., 92, e para muitos Regimentos do Exercito do Lord Wellington.

Em breve vai sahir para o mesmo destino huma nova frota em que irá o 7. Regimento de Hussards commandado pelo Lord Paget.

Vão immediatamente partir duas brigadas de grossa cavallaria e huma brigada de Hussards

LONDRES.

EXTRACTOS

*Dos Officios do Illmo. e Exmo. Snr. Marechal General
Lord Visconde Wellington dirigidos a S. Exca. o
Conde de Liverpool.*

Quinta de S. Joaõ 4 de Julho de 1811.

‘ Depois de 27 de Junho, dia em que escrevi a V. Exca., o inimigo retirou a grande força que tinha na vizinhança de Badajoz. O Tenente General Sir Stapleton Cotton fez a 2 deste mez hum reconhecimento, com huma parte da Cavallaria sobre o Xevora, e Guadiana ate Montigo, e não encontrou alguma tropa, exceptuando hum pequeno corpo de infantaria, e cavallaria em Montigo, e perto de Badajoz a Cavallaria da guarnição desta Praça.

‘ Conforme todas as noticias, o exercito de Portugal está postado na margem direita do Guadiana entre Montanchez, e Merida, conservando hum pequeno posto em Montigo; e o exercito do Meiodia sobre a esquerda deste rio estendendo sua esquerda para Zafra.

‘ O inimigo retirou de Badajoz o trem de artilharia que estava na Praça quando foi tomada, e a mandou para o Sul.

‘ Huma parte das tropas do General Bonnet, que evacuou as Asturias, como está confirmado, foi para Leao; e por hum officio que recebi do General Silveira datado de 22 de Junho, me consta que o inimigo evacuou Astorga.

‘ Segundo noticias de Valhadolid parece que o Marechal Bessieres se retirou desta Cidade a 12 com todas as tropas que poude ajuntar, e que partira para Rio Secco, donde sahio a 15 dirigindo-se para Benevente.

‘ As Guerrilhas parecem tornar-se mais numerosas, mais activas, e mais emprehendedoras em todas as partes septentrionaes da Hespanha.

‘ Eu não tenho noticias authenticas dos movimentos de

General Blake desde o dia 27 de Junho, dia em que seu Quartel General estava em Alonso no Condado de Niebla, e sua vanguarda, commandada por Ballasteros, em El-Cerro.

Quinta de S. Joaõ 10 de Julho de 1811.

‘ O inimigo permaneceu ate 7 nas pozicoens que disse em meu despacho de 4 do corrente. Neste dia fez marchar hum grosso corpo de cavallaria com dois batalhoens de infantaria para Xevora, e de lá para Villa de Rey, Roca, e Albuquerque.

‘ O objecto deste movimento parece ter sido o cortar os nossos destacamentos, que estavam empregados em observar o inimigo por aquelle lado: mas nao o conseguiu, porque o Major Cocks se retirou com todos os seus destacamentos para S. Vicente, conservando sempre suas communicacoens livres com Arronches, e Portalegre.

‘ As tropas do inimigo retiraraõ-se de Albuquerque a 8, e o Major Cocks entrou nesta Villa com os seus destacamentos no mesmo dia.

‘ O exercito de Portugal conserva ainda a mesma pozicao que occupava na direita do Guadiana, quando escrevi a V. Ex^{ca} a 4 deste mes.

‘ Em a noite de 30 de Junho fez o General Blake huma tentativa para se apoderar de Niebla, onde o inimigo tinha huma guarnicao de quasi 300 homens de infantaria. Eu sinto dizer que esta tentativa foi mal succedida. Elle permaneceu diante da Praça ate 2 do corrente, e se retirou para o Guadiana. A 6 duas divizoens de infantaria, e Cavallaria do 5. exercito commandada pelo Conde de Penne Villamur atravessaraõ o Guadiana em huma ponte construida para esse fim em S. Lucar pelo Coronel Austin.

‘ A artilharia estava embarcada em Ayamonte, e o General Ballasteros com a vanguarda permanecia sobre a ribeira de S. Pedro.

‘ Parece que a intencao do General Blake era de embarcar suas tropas para Cadix; mas nem o General Castanhos, nem eu temos recebido noticias depois que se poz em marcha de Jerumenha a 18 de Junho.

‘ Pelo Norte, o Marechal Bessieres voltou de Benavente para Valladolid. No fim do mes de Junho o inimigo juntou hum corpo consideravel de tropas na vizinhanca de Valladolid. O General Bonnet permanecia com tudo nas vizi-

nhanças de Leão, e de Benavente com a divizão do seu commando. O General Silveira refere-me, que os Francezes tinham sido derrotados no ataque que fizeram a 25 de Junho por hum destacamento Hespanhol do exercito da Galiza diante de Astorga.

As Guerrilhas continuão da mesma sorte suas operaçoens, e a lem do terror que ellas espalhãrão em Valladolid no dia 15 de Junho, D. Joao fez outro tanto em Salamanca, a 29; mas huma partida consideravel de Guerrilhas pertencentes a diversos Chefes, que tinham tomado hum comboi em Penaranda, foi surpreendida a 30 de Junho, e dispersa, depois de ter perdido quasi 200 homens em mortos, feridos, e prisioneiros.

Quinta de S. Joao, 18 de Julho de 1811.

O exercito de Portugal largou sua pozição sobre o Guadiana a 14 deste mez, e partio para Truxillo. Não recebi ainda alguma noticia de que tenha passado algum corpo adiante desta Villa para Almaraz, nem sei que a cavallaria que se tinha movido do lado de Talavera, e de Lobon tenha passado alem de Merida.

O inimigo fortifica o velho castello de Mendellin, e o de Truxillo.

O General Blake embarcou seu corpo na embocadura do Guadiana no dia 6. Logo que estas tropas se embarcãrão, o corpo inimigo que se tinha movido para o Guadiana, e que tinha volteado Castaja, retirou-se da fronteira, e partio para S. Lucar.

Eu sei que as tropas do 4. Corpo que o Marechal Soult tinha chamado para a Estremadura, se retiraõ para Granada. Não ha coiza alguma de novo do lado de Valladolid, senão que Joseph Bonaparte voltou para Hespanha, e dis-se que chegára a Burgos a 5 do corrente com huma escolta de quasi tres mil homens.

Portalegre, 25 de Julho de 1811.

A Cavallaria do inimigo deixou Merida na manhã de 17. O inimigo continuou depois a sua marcha para Almaraz, e a 20 huma Divizão de infantaria chegou a Placencia. No mesmo dia o Marechal Marmont estava em Almaraz, e

outras Divizoens tinhaõ marchado de Truxillo na mesma direcção. Huma Divizaoõ de infantaria, e alguma cavallaria ainda ficava em Truxillo, segundo as ultimas noticias.

Nada ha de novo pelo Norte. Joze Bonaparte estava em Valladolid a 10; e procedeo a 12 na sua jornada para Madrid.

Castello Branco, 1 de Agosto de 1811.

Eu movi todo o exercito para a esquerda. Proponho-me a fazer-lhe tomar os seos acantonamentos na Beira Baixa, em vez de ser no Alemtejo.

O exercito de Portugal se acha na mesma pozição, que occupava, segundo informei a Vossa Excellencia no meu despacho de 25 de Julho, excepto a Divizaoõ de Placencia, que se extendeo pelas montanhas ate Bejar, e Banhos.

Por huma carta do General Silveira de 21 de Julho, que recebi a 26, sube que o General Santocildes se retirára com o exercito da Galliza das vizinhanças de Astorga para Mancanal a 17, em consequencia do Marechal Bessieres ter ajuntado em Benavente huma força de onze mil homens de infantaria, e mil e quinhentos de cavallaria.

Recebemos papeis de Lisboa ate 3 de Agosto em que vem os officios do Ex.^{mo}. Snr. Marechal General Lord Visconde Wellington ate 25 de Julho, dirigidos ao Ex.^{mo}. Snr. D. Miguel Pereira Forjaz: e como elles são em substancia, os mesmos, que foraõ dirigidos ao Conde de Liverpool, por isso os não transcrevemos.

POSTSCRIPTUM.

Recemos a Seguinte carta do Snr. Custodio Pereira de Carvalho em tempo, que a não podiamos inserir no lugar competente: e não querendo demorar a sua publicação, e a nossa resposta, por isso vai neste lugar.